

**NADIA MARIA GUARIZA**

**AS GUARDIÃS DO LAR: A VALORIZAÇÃO MATERNA NO DISCURSO  
ULTRAMONTANO**

**Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em História, da linha de Pesquisa Espaço e Sociabilidade, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná – UFPR.**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ana Paula Vosne Martins.**

**CURITIBA  
2003**

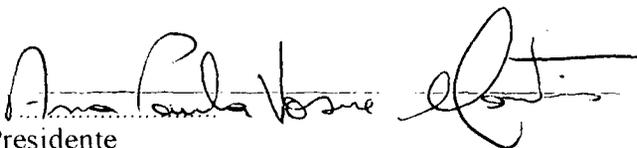


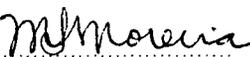
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
Rua General Carneiro, 460 6º andar fone 360-5086 FAX 264-2791

## PARECER

Os Membros da Comissão Examinadora designados pelo Colegiado dos Cursos de Pós-Graduação em História para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado do candidato **Nadia Maria Guariza**, sob o título "**As Guardiãs do Lar; a valorização materna no discurso ultramontano**" para obtenção do grau de **Mestre em História**, após haver realizado a atribuição de notas são de Parecer pela **APROVAÇÃO** sendo-lhe conferidos os créditos previstos na regulamentação dos Cursos de Pós-Graduação em História, completando assim todos os requisitos necessários para receber o grau de **MESTRE**.

Curitiba, 25 de agosto de 2003

Prof. Dr.   
Presidente

Prof. Dr.   
1º Examinador

Prof. Dr.   
2º Examinador

## AGRADECIMENTOS

Nesse momento gostaria de agradecer às pessoas que me apoiaram e que contribuíram para a realização deste trabalho, sem as quais esta árdua tarefa ficaria mais difícil de ser cumprida.

Agradeço de maneira especial à minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Doutora Ana Paula Vosne Martins, que incansavelmente acompanhou todos os avanços empreendidos durante o processo de pesquisa e de redação com os seus tão valiosos comentários, permitindo o meu amadurecimento como pesquisadora.

Aos professores Renan Frighetto e Marcos Francisco Napolitano De Eugênio, responsáveis pela coordenação do Programa de Pós-Graduação em História, durante o período em que estive matriculada, e aos serviços prestados por Luci Moreira Baensa, Doris Guidolin e Fernando Gelatti me auxiliando nas questões administrativas relacionadas ao Curso de Mestrado.

Meus agradecimentos aos professores da linha de pesquisa Espaço e Sociabilidade, pelas sugestões que permitiram a redação deste trabalho. Dentre esses, queria ressaltar a contribuição dos professores Etelvina Maria de Castro Trindade, Maria Luiza Andreazza, Ana Maria Burmester, Antônio César de Almeida Santos.

Agradeço aos professores Euclides Marchi e Etelvina Maria de Castro Trindade, pelas inestimáveis sugestões dadas durante o exame de qualificação, e ao CNPq pela concessão da bolsa.

Aos colegas do Curso de Mestrado, pelas discussões acaloradas realizadas durante as aulas que possibilitaram a reflexão sobre a minha pesquisa.

Aos Irmãos e às Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, principalmente o p.<sup>e</sup> Heleno, o p.<sup>e</sup> Izaías e as irmãs Jovelina e Das Dores, pela hospitalidade e pela abertura dos seus arquivos para a pesquisa e o empréstimo dos livros do p.<sup>e</sup> Júlio Maria De Lombaerde, o seu fundador.

À senhora Maria Christina Luz Marques, atual diretora da Arquiconfraria das Mães Cristãs de Curitiba, pela permissão para a leitura das atas da associação, e

a Irmãs da Nossa Senhora de Sion de Curitiba que forneceram informações sobre o p.<sup>e</sup> Theodore Ratisbonne. Também agradeço à senhora Maria José Lysimaco Ferreira da Costa, pelo empréstimo do *Novo Manual da Mãe Christã*.

Agradeço aos funcionários da Biblioteca do *Studium Teologicum*, em especial a Líria, pela assistência na consulta do seu acervo.

Agradeço a Antônia Schwinden, pela revisão minuciosa do texto e por suas sugestões, e a Andréa Roloff, pela preciosa verificação das normas técnicas conforme as orientações da ABNT.

Agradeço à minha família e aos amigos, por terem me compreendido durante o processo de pesquisa. Em especial, ao André que me apoiou e entendeu as minhas alterações de humores neste período.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	V
ABSTRACT.....	v
INTRODUÇÃO.....	01
1.MOVIMENTO ULTRAMONTANO E A VALORIZAÇÃO DA FIGURA MATERNA.....	14
1.1. O MOVIMENTO ULTRAMONTANO E A MODERNIDADE.....	14
1.2 IGREJA E PÚBLICO LEIGO NO BRASIL.....	30
1.2.1Igreja Católica e público leigo no Brasil: o caso das associações leigas em Manhumirim.....	42
1.3 IGREJA E VALORIZAÇÃO MATERNA.....	49
2.DA DEFESA DO CULTO MARIANO À LEITURA DEVOCIONAL.....	58
2.1 ULTRAMONTANISMO, P.º JÚLIO MARIA DE LOMBAERDE E MANHUMIRIM.....	58
2.2 P.º JULIO MARIA, DOCTRINA CATÓLICA E LITERATURA RELIGIOSA.....	63
2.3 NOSSA SENHORA, ULTRAMONTANISMO E FAMÍLIA CRISTÃ.....	78
3. ORGANIZANDO SENHORAS PIEDOSAS.....	96
3.1PADRE THEODORE RATISBONNE E O ULTRAMONTANISMO.....	96
3.2ARQUICONFRARIA DAS MÃES CHRISTÃS E O MODELO MATERNO CATÓLICO.....	100
3.2 ARQUICONFRARIA DAS MÃES CHRISTÃS : O CASO DE CURITIBA (1910-1944) ...	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134
FONTES.....	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	140
ANEXOS.....	145

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é perceber a importância atribuída à figura materna no movimento ultramontano em meados do século XIX e início do XX. Entendemos que a valorização materna, nesse período, se constituiu como uma das estratégias da Igreja Católica para reconquistar o público leigo na sociedade moderna. Observamos a estratégia ultramontana em terras brasileiras nas primeiras décadas do século XX, mediante a análise de livros e manuais religiosos e das associações leigas ligadas à Igreja. Ao estudar a representação materna cristã enfatizamos os elementos que a compõem e a sua importância na construção da identidade das fiéis. Para tanto, utilizamos como fontes de análise os livros do p.<sup>e</sup> Júlio Maria DE LOMBAERDE (1878-1944), que versavam sobre a Nossa Senhora, e o *Novo Manual das Mães Cristãs* do p.<sup>e</sup> Theodore RATISBONNE (1802-1884), com a finalidade de compreender as dimensões da representação materna católica. E ao mesmo tempo, tentamos mapear a repercussão dessa representação entre as fiéis, analisando a Arquiconfraria das Mães Cristãs e as atividades empreendidas por suas associadas na cidade de Curitiba, no período de 1910 a 1944. No decorrer do trabalho percorremos os caminhos que propiciaram a valorização feminina na Igreja Católica por intermédio da maternidade, mesmo que isto significasse que a mulher continuaria a ocupar um espaço secundário nesta instituição e desempenhando um papel submisso em relação ao homem. De qualquer forma, a valorização materna possibilitou às mulheres a oportunidade de assumir uma postura mais ativa e expandir a sua rede de sociabilidade para além dos vínculos familiares. Nesse sentido, esta pesquisa aborda essa duplicidade da representação materna católica que ora exaltava as qualidades femininas, ora as depreciava.

## ABSTRACT

The objective of this dissertation is to look at the importance given to the maternal figure in the ultramontane movement in the middle of the 19<sup>th</sup> and the turn of the 20<sup>th</sup> centuries. We understand that enhancing the value of motherhood at that time was one of the strategies the Catholic Church used to re-conquer lay men and women in modern society. We examined the ultramontane strategy in Brazil in the first decades of the 20<sup>th</sup> century by analyzing religious books and manuals from lay associations related to the Church. In examining the Christian representation of motherhood, we are emphasizing the elements that make up its structure, as well as its significance in the construction of women believers' identities. In order to carry out this project and to understand the true dimensions of the catholic representation of motherhood, we are using the following sources: the books written by Father Júlio Maria DE LOMBAERDE (1878-1944) dealing with Our Lady and the *New Manual of Christian Mothers* written by Father Theodore RATISBONNE (1802-1884). At the same time, we shall try to map out the effects of this representation among women believers and we shall analyze the Arquiconfraria (society) of Christian Mothers and the activities developed by its members in the city of Curitiba between 1910 and 1944. Throughout this study, we shall explore the paths that led to the enhancement the value of women through

motherhood in the Catholic Church, even though it meant that women continued holding secondary positions within the institution and having submissive roles in relation to men. In any case, enhancing the value of motherhood made it possible for women to take on a more active part and to expand their sociability networks beyond mere family ties. Thus, this research deals with the two-faced character of the catholic representation of motherhood, on the one hand singing the praises of feminine qualities and the other one, disparaging them.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende analisar a valorização materna no discurso ultramontano como uma estratégia da Igreja Católica para recristianizar a sociedade e, ao mesmo tempo, perceber como este discurso normatizador criou possibilidades de ação para as mulheres. Para tanto, partimos da premissa de que o papel da mãe na família cristã foi acrescido de importância em meados do século XIX e início do XX, seja porque outros discursos do período também exaltavam a função materna, seja porque a Igreja Católica entendeu que a mulher poderia se tornar uma aliada contra os costumes e as idéias modernizantes.

Como veremos no decorrer do texto, a Igreja Católica, a partir do século XVI, teve seus dogmas e idéias questionadas, devido à progressiva racionalidade que tomou conta do pensamento europeu e à difusão das religiões protestantes. Tal crise atingiu o seu ápice no século XIX com a constituição dos Estados liberais, a proliferação das idéias socialistas e o afrouxamento dos costumes. Neste sentido, a alta cúpula da Igreja, sobretudo os papas, assumiu uma postura extremamente conservadora, querendo impedir o avanço destas mudanças no seio da sociedade<sup>1</sup>.

O conservadorismo dos papas GREGÓRIO XVI (1830-1846), PIO IX(1846-1878), LEÃO XIII (1878-1903), PIO X (1903-1914), BENTO XV (1914-1922), PIO XI (1922-1939) e PIO XII (1939-1958) diante dos Estados Liberais, se caracterizou por várias medidas que visavam fortalecer o poder do catolicismo e combater todas as idéias que pudessem afetar os seus dogmas. As diretrizes para este movimento conservador, o ultramontanismo, deveriam partir de Roma. Para tanto, o poder papal foi reforçado, principalmente após o Concílio Vaticano I (1870) em que foi decretada a infalibilidade do santo pontífice<sup>2</sup>.

Nesse sentido, as encíclicas papais fundamentaram as ações da Igreja Católica desse período, como teremos oportunidade de perceber no primeiro capítulo. O que nos interessa é apontar que depois de um primeiro momento

---

<sup>1</sup> WERNET, Augustin. *A Igreja Paulista no século XIX: a reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861)*. São Paulo: Ática, 1987.

<sup>2</sup> AZZI, Riolando. *O Altar unido ao trono: um projeto conservador*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

ocupada com a própria reestruturação, a Igreja Católica voltou a sua atenção para o público leigo.

A ação ultramontana direcionada para o público leigo pretendia mobilizar a sociedade civil para agir em prol da causa católica. Sendo assim, as encíclicas papais, principalmente as do início do século XX, estimularam o uso da imprensa e de outros meios de comunicação, a proliferação das associações leigas, das escolas e das missões.

Dentre as ações ultramontanas junto ao público leigo havia as que diziam respeito às mulheres, como a educação feminina, as associações de piedade para as moças e para as senhoras de família, os manuais, os cultos às santas mães, entre elas Nossa Senhora. Segundo GIORGIO, em meados do século XIX ocorreu uma disseminação de manuais para as fiéis católicas em que o papel materno era valorizado, pois a mãe era responsável pela formação moral dos filhos.<sup>3</sup>

Como veremos, a representação da mãe como guardiã moral do lar não foi uma exclusividade católica, pois outros discursos normativos da época, como o médico e o jurídico, também apregoavam esta função da mulher. Em parte, a difusão de tal representação buscava impedir as mudanças que ameaçavam as fronteiras entre os gêneros, como a crescente inserção das mulheres no mercado de trabalho, a emancipação feminina e os movimentos feministas.

De qualquer forma, mesmo que o discurso católico se configurasse como mais um dos discursos conservadores que pregavam a ideologia da domesticidade, apresentou características próprias porque era amparado em argumentos religiosos e tinha objetivos associados ao plano de manter seu poder social.

Ao valorizar o papel materno, a Igreja Católica queria, por intermédio da mulher, chegar até à família. É o que Ivan MANOEL nos aponta com a teoria dos círculos concêntricos<sup>4</sup>, qual seja, tendo a mulher como aliada, ela ensinaria os preceitos católicos ao seu filho e convenceria o seu esposo a retornar à Igreja.

---

<sup>3</sup>GIORGIO, Michela de. O modelo católico. In: PERROT, Michele (Org.). *História das mulheres: o século XX*. Porto: Edições Afrontamentos, 1991. p. 199-237.

<sup>4</sup>MANOEL, Ivan. *Igreja e educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo*. São Paulo: Unesp, 1996. p. 49.

Desta forma, a família tomava a freqüentar a igreja e, aos poucos, outras famílias faziam o mesmo, provocando a recristianização da sociedade.

Por que chegar até à família por intermédio da mulher? Segundo Maria José Rosado NUNES, nesse período da história da Igreja o público masculino estava arreado, tanto por causa da racionalização da sociedade quanto por causa da política conservadora da Igreja que impunha novas regras aos fiéis. Neste contexto, o público feminino era considerado mais dócil às novas normas ultramontanas<sup>5</sup>.

A partir dessa constatação, a Igreja Católica adotou medidas para atingir as mulheres, como a educação e as associações leigas. O cuidado em formar a esposa e a mãe zeladora dos preceitos católicos no lar era perceptível na educação das moças, com inúmeras congregações de religiosas se espalhando pelo mundo para instalar escolas, tanto internatos quanto externatos<sup>6</sup>.

No Brasil, a partir da metade do século XIX a garantia de uma educação católica, e de preferência francesa para as moças das camadas mais elevadas da sociedade, era sinal de distinção e de civilidade<sup>7</sup>. Ao mesmo tempo em que havia o interesse da elite brasileira em civilizar-se, a Igreja Católica entendia que a educação das jovens poderia render-lhe benefícios sociais.

Alguns trabalhos historiográficos<sup>8</sup> comprovam que as jovens estudantes de escolas católicas, ao retornarem para suas casas, levavam consigo o ideário católico para as suas famílias. Sendo assim, o objetivo do catolicismo ultramontano era atingido, qual seja, o de reconquistar a família cristã.

---

<sup>5</sup> NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

<sup>6</sup> Vários autores apontam para a proliferação das congregações religiosas voltadas à educação, entre eles: TRINDADE, Etelvina. *Clotildes e Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. Curitiba: Farol do Saber, 1996. BOSCHILIA, Roseli. *Modelando Condutas: a educação católica em colégios religiosos (Curitiba 1925-1965)*. Curitiba, 2002, p. 238. Tese (Doutorado em História). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. AZZI, Riolando. Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil (1930-1964). In: MARCÍLIO, Maria Luiza (Org.). *Família, mulher, sexualidade e Igreja na História do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

<sup>7</sup> NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>8</sup> Um desses trabalhos é o de MARTINS, Patrícia C. de Melo. Colégio Nossa Senhora de Lourdes de Franca e o Ultramontanismo. *Estudos de História*, Franca, v.4, n.1, p. 65-75, 1997.

Outra iniciativa voltada para as jovens eram as associações leigas de piedade, como a União Pia das Filhas de Maria. Nesta associação as moças aprendiam desde muito cedo como uma mulher deveria portar-se catolicamente, ou seja, contendo a sua sexualidade, sendo paciente e obediente. Este modelo servia tanto para as que optassem em se casar quanto para as que se decidissem pela vida religiosa; em ambos os casos elas deviam obediência à figura masculina. Quanto à sexualidade, para as senhoras casadas era prescrita apenas para os fins reprodutivos ou para evitar a concupiscência, como teremos a oportunidade de tratar adiante.

Para as senhoras casadas também existiam formas de controle e de direcionamento das fiéis para agir em suas famílias, em nome do catolicismo. As formas eram bem variáveis, podendo ser desde a direção espiritual até a participação em uma associação leiga de piedade. Existiam muitas associações femininas para as mulheres casadas como o Apostolado da Oração, as Damas de Caridade, a Arquiconfraria das Mães Christãs e todas, apesar das especificidades de suas regras e manuais, eram dirigidas por um padre diretor, concentrando suas ações na oração e na prática caritativa.

O nosso objetivo não é estudar todas as formas de participação feminina na Igreja Católica no início do século XX, mas apenas apontar que nesse período havia, por parte da Igreja, uma ação bem definida para atingir o público feminino, com a finalidade de recristianizar a sociedade. O trabalho, neste sentido, se detém na ação ultramontana que pretendia valorizar a maternidade e, para isso, analisaremos dois casos desta ação voltada ao público feminino. O primeiro corresponde aos livros publicados pelo p.<sup>o</sup> Júlio Maria DE LOMBAERDE (1878-1944) que tinham por tema Nossa Senhora e a Sagrada Família. O segundo caso trata da ação das senhoras associadas à Arquiconfraria das Mães Christãs de Curitiba, entre 1910 e 1944, procurando entender como uma associação leiga pautada pela idéia da valorização materna ultramontana poderia propiciar às mulheres um espaço de ação.

Acreditamos, que mesmo se tratando de espaços geográficos diferentes, Manhumirim (Minas Gerais) e Curitiba (Paraná), as diretrizes presentes nos livros

ou na direção dos padres da Arquiconfraria partiam da mesma idéia central, que era reconquistar a sociedade para a Igreja Católica por intermédio da mãe cristã. Certamente, cada uma destas maneiras de atingir o público leigo feminino tinha as suas especificidades e encontrá-las será um dos objetivos deste trabalho.

Até este momento apenas mencionamos o papel estratégico assumido pela Igreja Católica ao valorizar a função materna como educadora moral. Porém, é importante mostrarmos o lugar ocupado pela mulher no catolicismo a partir desta valorização. Para tanto, devemos lembrar a relação ambígua que a Igreja Católica mantém com o gênero feminino. Se, por um lado, a Igreja Católica reconheceu a importância da mulher para propagar os seus preceitos, por outro lado, sempre lhe dedicou um papel secundário dentro da instituição.

Essa relação ambígua entre a Igreja e as fiéis do gênero feminino se explica pelo mito de Adão e Eva e a expulsão do Éden. Para Zaíra ARY<sup>9</sup>, o fato de a primeira mulher nascer como ser secundário no mito cristão, colocou a numa posição de auxiliar do homem. Além disso, Eva foi responsabilizada pela desobediência a Deus, sendo assim sua pena foi mais pesada do que a do homem. Por causa do Pecado Original as mulheres deveriam se conformar com sua posição de inferioridade em relação ao homem e com as dores do parto.

Essa contradição da Igreja em relação às mulheres também é perceptível na representação de Nossa Senhora. Marina WARNER demonstra a ambigüidade que esta representação assumiu no ocidente cristão, pois se Maria adquiriu as dimensões de mito, apesar de ser mulher, a sua representação modelar reforçava a submissão e a inferioridade feminina.<sup>10</sup>

As ações da Igreja Católica em relação às mulheres se pautaram nas figuras dicotômicas de Eva e de Maria. Portanto, por serem herdeiras de Eva, as fiéis estavam fadadas a cumprir o papel secundário e inferior em relação aos homens, e a representação mariana apenas reforçava este papel, pois era um

---

<sup>9</sup> ARY, Zaíra. *Masculino e feminino no Imaginário Católico: da Ação Católica à Teologia da Libertação*. São Paulo: Annabluma, 2000. (Col. Diálogos). p.6.

<sup>10</sup> WARNER, Marina. *Alone all her Sex: the myth and the Virgin Mary*. New York: Vintage Books, 1993. p. 335.

modelo inatingível para as fiéis, que deveriam contentar-se em cultivar apenas algumas virtudes de Nossa Senhora, como a piedade, a castidade e a mansidão.

O papel secundário destinado à mulher na Igreja Católica também foi ressaltado por Euclides MARCHI<sup>11</sup>, ao analisar documentos episcopais brasileiros no início do século XX. Espaços como o altar eram interditados às mulheres e a confissão deveria ocorrer em lugar público sobre os olhares de várias testemunhas. Todos estes cuidados eram justificados pela idéia de que a mulher era um ser propenso ao pecado.

Não obstante as mulheres não ocuparem o centro das decisões e dos rituais católicos, elas encontraram espaços para atuar, como a beneficência<sup>12</sup>. Neste sentido, entendemos que o espaço secundário destinado às mulheres poderia se transformar num campo fértil para novas experiências femininas. Como Natalie Zemon DAVIS propõe, ao estudar três mulheres do século XVII, as margens podem se transformar em centros de produção de conhecimento e de vivência feminina<sup>13</sup>.

Entretanto, mesmo que as mulheres exercessem funções secundárias na Igreja Católica, alguns estudos afirmam que no século XIX ocorreu uma valorização da feminilidade. Nos discursos produzidos pela Igreja desse período, qualidades femininas como a fragilidade e a sensibilidade foram exaltadas, em detrimento de qualidades eminentemente masculinas como a racionalidade. O anticlericalismo masculino alimentou algumas correntes do catolicismo a valorizarem atributos considerados femininos.<sup>14</sup>

Obviamente que as qualidades femininas valorizadas denotavam aspectos passivos da mulher, como a paciência e a docilidade. Neste sentido, a representação de Nossa Senhora serviu para reanimar estas qualidades femininas. Segundo Kathleen COYLE<sup>15</sup>, o marianismo apoiado na figura da mulher

---

<sup>11</sup> MARCHI, Euclides. De santas a suspeitas e pecadoras. *Significação*. Curitiba: Annablume. Nov. 2000 (14). p. 243.

<sup>12</sup> GIORGIO, op.cit., p. 210.

<sup>13</sup> DAVIS, Natalie Zemon. *Nas Margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

<sup>14</sup> GIORGIO, op.cit., p. 212.

<sup>15</sup> COYLE, Kathleen. *Maria na tradição cristã: a partir de uma perspectiva contemporânea*. São Paulo: Paulus, 1999.

vitoriana foi uma atitude desesperada da Igreja Católica para impedir o avanço dos movimentos femininos que desejavam modificar os parâmetros de comportamento para as mulheres.

De qualquer forma, não foi apenas a Igreja Católica que criou modelos conservadores de comportamento para impedir a emancipação feminina. Alguns estudos comprovam que em meados do século XIX e início do século XX, ocorreu uma crise na masculinidade, decorrente da inserção da mulher no mercado de trabalho e da luta de movimentos para a participação feminina na política, dois territórios considerados masculinos<sup>16</sup>. Ao mesmo tempo, os costumes e os hábitos se feminizavam, como vimos com o caso da Igreja Católica, em que as qualidades femininas viraram atributos positivos, o mesmo aconteceu com outras áreas como o consumo e o lazer.

Outros estudos relacionam a feminização das cidades no Brasil na virada do século XIX para o XX, demonstrando que o ideal de civilidade apregoado no período tinha um tom feminino<sup>17</sup>, não apenas porque as mulheres se tornaram mais visíveis nas cidades, mas também porque os costumes femininos, como a vaidade, proliferaram entre alguns homens. A fronteira de demarcação entre os gêneros estava mais fluida, provocando o receio das alas conservadoras. Por isso, para se contrapor a esta feminização da cultura, os discursos conservadores buscavam reforçar o papel feminino de mãe e esposa e desmoralizar as tentativas femininas de viver fora deste restrito padrão normativo.

Em Curitiba, nesse período, é observado o movimento de ir e vir das fronteiras entre os gêneros, o que provocou reações conservadoras de vários grupos, desde intelectuais, positivistas até os católicos. Etelvina TRINDADE nos aponta este traço em comum entre esses pensadores. O ideal para ambos com relação à mulher era formá-la para ser esposa e mãe, e guardadas suas

---

<sup>16</sup> BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

<sup>17</sup> CUNHA, Renata T. F. *A Feminização da Cultura: Curitiba 1890-1930*. Campinas, 2001, p.157. Dissertação (Mestrado em História). UNICAMP.

especificidades ideológicas, todos preconizavam o lar como o lugar “natural” para a mulher<sup>18</sup>.

Portanto, no decorrer do trabalho também estaremos atentas para a feminização e a masculinização dos discursos, tentando perceber até que ponto o catolicismo ultramontano valorizou os atributos femininos e a partir de que momento tomou sua linguagem mais viril com relação ao público leigo. Neste sentido, a nossa preocupação é com a construção social dos papéis de gênero, entendendo-os como uma forma de criar hierarquias entre homens e mulheres e estabelecendo, assim, uma relação de poder entre os sexos.<sup>19</sup>

Parte de nossas fontes são livros religiosos publicados pela editora “O Lutador” de Manhumirim, de autoria do p.<sup>o</sup> Júlio Maria DE LOMBAERDE, que versam sobre Nossa Senhora e a Sagrada Família, assim como o caso do “Novo Manual das Mães Christãs” escrito por p.<sup>o</sup> Theodore RATISBONNE (1859). Adotamos como referencial teórico as considerações de Roger CHARTIER sobre a leitura e as técnicas de impressão. Para este historiador o que é importante na análise de um material impresso é perceber como este *corpus de texto* pode ser manipulado, apropriado e compreendido, ou seja, interessa ao historiador estudar as várias leituras possíveis sobre um mesmo material impresso. Sendo assim, devemos ficar atentos não apenas às idéias do autor do livro, mas também com as leituras sobre este texto. Segundo Roger CHARTIER, a “leitura é pôr em jogo o corpo [de texto], é inscrição num espaço, relação consigo ou com o outro”.<sup>20</sup>

Essa interação entre o livro e o leitor é perceptível em dois momentos. O primeiro seria na prática criadora do leitor em conferir sentidos múltiplos e singulares ao que é impresso. O segundo seria a preocupação do autor e dos editores em direcionar a leitura, utilizando para isso dispositivos como o prefácio, as ilustrações, entre outros.

---

<sup>18</sup> TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. Clotídes e Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República. *Revista de História: questões e debates*, Curitiba, v.11. p.17-35, Jun-dez, 1990.

<sup>19</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre. v.16, n. 2, p. 5-22. Jul-dez, 1990.

<sup>20</sup> CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Revista Estudos Avançados*. V.11, N.5, São Paulo: USP, 1991. p.181.

Outro ponto importante é a edição do livro, pois itens como gravuras, corte e inserção de texto e aprovações poderiam conferir um sentido novo e diferente ao que era pretendido pelo autor. No caso dos livros do p.<sup>e</sup> Júlio Maria DE LOMBAERDE, na maior parte de suas publicações o padre teve controle sobre a edição, como veremos no segundo capítulo. Porém, havia um elemento regulador que era a aprovação episcopal. Por outro lado, o *Novo Manual das Mães Christãs* do p.<sup>e</sup> Theodore RATISBONNE passou pela aprovação direta do papa Pio IX, um sinal de maior rigor a respeito das regras e das idéias que deveriam ser propagadas pelas associações leigas.

Nesse sentido, o pe. Júlio Maria estava submetido à vigilância das autoridades clericais imediatas, demonstrando que como qualquer produção cultural era censurado por "quem tem o poder sobre as palavras..."<sup>21</sup> Apesar do controle por que passavam os livros do p.<sup>e</sup> Júlio Maria, ele conseguiu criar idéias próprias em seus textos.

O mundo do livro e da leitura produz várias representações que podem ser contraditórias. Roger CHARTIER propõe o estudo das sociedades penetrando nos elementos que constituem as relações e as suas tensões, "a partir de um ponto de entrada particular e considerando não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo".<sup>22</sup> Portanto, ao analisarmos os livros do p.<sup>e</sup> Júlio Maria, estaremos atentas à diversidade de representações existentes nas outras fontes utilizadas em nossa pesquisa a fim de cruzá-las para procurar entender os seus sentidos.

Essas representações se constituem como práticas sociais, ou seja, o discurso legitima a prática do indivíduo. Ao escrever, os agentes discursivos criam bens simbólicos que estabelecem relações de poder e posições aos grupos, de quem escreve ou para quem escreve, construindo assim identidades.<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: \_\_\_\_\_. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1988. p. 137.

<sup>22</sup> CHARTIER. *O Mundo...* p. 183.

<sup>23</sup> *ibid.*, p. 184.

A construção da identidade é importante para o nosso trabalho porque analisamos as obras literárias do p.<sup>o</sup> Júlio Maria pela perspectiva das relações de gênero. No que concerne a elas, as representações sociais definem o papel a ser desempenhado pelas mulheres e pelos homens estabelecendo, assim, as relações de poder entre os sexos.

Nesse sentido, utilizaremos como fio condutor de nossa análise das fontes o conceito de gênero, ou seja, entendemos o gênero como um elemento pertencente às relações sociais estabelecidas sobre as diferenças percebidas entre os sexos. Esta diferença entre os sexos é construída socialmente, o gênero "... é uma construção social, apreendido, institucionalizado e representado através das gerações, incorporando as relações de poder como inerentes entre os gêneros"<sup>24</sup>.

Outra observação de Joan SCOTT é quanto ao caráter relacional dessas relações, isto é, as representações referentes ao feminino definem, em contraposição, o masculino em uma determinada sociedade. Desta forma, ao analisamos as representações femininas nos livros do p.<sup>o</sup> Júlio Maria, sobretudo as de Nossa Senhora, não procuraremos apenas o modelo feminino de comportamento, mas também o papel social esperado do homem católico no contexto do ultramontanismo.

Os papéis sociais de gênero se apresentam de maneira dicotômica na sociedade ocidental, classificando e hierarquizando as qualidades atribuídas aos homens e às mulheres. Na maior parte dos casos, as qualidades femininas denotam passividade e as masculinas atividade. Além da imposição destes padrões por meio da linguagem e do pensamento, os gêneros carregariam inscritas em seus corpos estas diferenças construídas culturalmente<sup>25</sup>. É o que podemos visualizar ao analisamos as fotografias das associações leigas de Manhumirim, que é outro conjunto de fontes que nos permite entender a construção e a valoração dos papéis de gênero pelo discurso católico. Para tanto,

---

<sup>24</sup> SCOTT, Joan. Gênero... p. 26.

<sup>25</sup> BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2. Jul-dez, 1995. p.133-184.

tomam-se necessárias algumas colocações a respeito do referencial teórico que nos guiou na visita ao acervo e na seleção de algumas fotografias.

Segundo Miriam Moreira LEITE, o documento fotográfico deve ser entendido pelo historiador não apenas como um componente ilustrativo da narrativa histórica, mas como uma fonte. Para tanto, o documento fotográfico deve passar por uma crítica externa e interna. A crítica externa consistiria na análise das condições nas quais a fotografia foi feita, desde os recursos técnicos utilizados até os interesses do fotógrafo, dos fotografados e do colecionador das fotografias.<sup>26</sup> Neste sentido, o historiador deve procurar o conteúdo por meio da forma apresentada pela fotografia.

Um aspecto referente à crítica externa da documentação fotográfica que podemos analisar é o interesse do seu colecionador. As fotografias analisadas foram selecionadas do arquivo da igreja matriz de Manhumirim e do Seminário da Congregação dos Irmãos Sacramentinos de Nossa Senhora<sup>27</sup>. Certamente que o fato de as fotografias pertencerem a essas coleções influenciaram os seus conteúdos, pois quem as encomendava possuía interesses ligados à Igreja.

Para Miriam Moreira LEITE uma das tentativas de análise do material fotográfico pode partir das características externas gerais da coleção, assim como o tamanho, o tipo, a amplitude, a data, o local, o fotógrafo, a instituição de conservação. Não tivemos acesso a muitas dessas informações, mas podemos mapear alguns aspectos desta coleção. Um deles é o número significativo de fotografias que retratam a história da congregação dos Irmãos Sacramentinos e das realizações do seu fundador, p.<sup>e</sup> Júlio Maria DE LOMBAERDE.

Nesse sentido, a análise das fotografias estará atenta à disposição espacial das personagens e aos símbolos que nelas aparecem. Tentando apreender as relações sociais que ali estão apresentadas e os seus significados, por vezes tiraremos proveito de outras fontes, para estabelecermos relações necessárias para a análise.

---

<sup>26</sup> LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*. São Paulo: EDUSP, 1993. (Texto & Arte; v.5).

<sup>27</sup> As circunstâncias da fundação dessa congregação religiosa em Manhumirim serão apresentadas no próximo capítulo.

Segundo Miriam Moreira LEITE, depois de uma leitura superficial, a fotografia se torna opaca e sem significado. Esta opacidade da fotografia só pode ser superada com a pesquisa da forma e do conteúdo, por meio da desconstrução de seus elementos e de suas imagens.

Outro conjunto de fontes utilizado para entendermos a dinâmica de funcionamento das associações leigas e a contribuição destas organizações na construção de identidade dos indivíduos, foram os livros atas da Arquiconfraria das Mães Christãs de Curitiba, no período de 1910 a 1944. Acreditamos que as associações, além de lugares de controle e de manutenção de idéias conservadoras a respeito dos papéis de gênero, também se constituíram como espaços de ação feminina. Por isso, ao analisarmos as atas evidenciaremos os trabalhos caritativos e a rede de sociabilidade criada entre as associadas, supondo que, na margem oferecida pela Igreja Católica para a mulher, as mulheres realizavam trabalhos considerados importantes para a instituição.

Sendo assim, a dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro aborda a origem do Movimento Ultramontano e suas ações, assim como aponta para a importância da mulher naquele momento histórico, tanto para a sociedade quanto para a Igreja Católica, mostrando como a valorização materna se constituiu em uma das estratégias deste movimento.

O segundo capítulo apresenta o p.<sup>o</sup> Júlio Maria DE LOMBAERDE como um dos representantes do Movimento Ultramontano no Brasil, mapeando a sua história e a sua formação. Tratamos da ação do p.<sup>o</sup> Júlio Maria na paróquia de Manhumirim e de alguns de seus livros. A literatura religiosa também é compreendida, neste trabalho, como mais um meio de ação deste catolicismo militante. Neste sentido, procuramos analisar as representações apresentadas nos livros como parte do ideário ultramontano que visava atingir a mãe cristã.

O terceiro capítulo apresenta a história da idealização da Arquiconfraria das Mães Christãs e a sua fundação na cidade de Curitiba. Optamos pelo estudo desta associação filiada, em particular, pela facilidade de acesso às fontes. Também serão analisadas as atividades das associadas no período de 1910 a 1944.

Portanto, a nossa pesquisa apresenta como fio condutor de análise a valorização da função materna no discurso ultramontano, entendendo que a valorização da função materna foi uma das estratégias do catolicismo romanizado para conquistar espaço e poder na sociedade moderna. Para tanto, optamos em estudar duas modalidades de discurso católico do período, que corresponde à metade do século XIX e início do XX. Neste sentido, os livros do p.<sup>e</sup> Júlio Maria DE LOMBAERDE e a Arquiconfraria das Mães Christãs idealizada pelo p.<sup>e</sup> Theodore RATISBONNE são entendidas, neste trabalho, como duas formas que o discurso ultramontano utilizou para difundir o seu ideal materno às mães católicas.

# 1. O MOVIMENTO ULTRAMONTANO E A VALORIZAÇÃO DA FIGURA MATERNA

Mãezinha do céu, eu não sei rezar/ eu só sei dizer, quero te amar/ azul é seu manto, branco é o seu véu/ mãezinha eu quero te ver lá no céu/ Mãezinha eu quero te ver lá no céu ...<sup>1</sup>

## 1.1. O MOVIMENTO ULTRAMONTANO E A MODERNIDADE

Desde do século XVI a Igreja Católica sofreu abalos na unidade de seu poder devido às novas idéias difundidas pelo protestantismo. A partir desse momento o catolicismo recuou em algumas regiões da Europa, tendo em vista que as religiões protestantes questionavam os dogmas católicos e estimulavam a livre interpretação da Bíblia, retirando parte da autoridade desta instituição. No Concílio de Trento (1545-1563) a Igreja Católica tentou se adequar às novas circunstâncias postas pelos movimentos reformistas e pelas mudanças ocorridas devido à Revolução Comercial e ao Renascimento. Sendo assim, adotou uma concepção que girava em dois eixos: a superação da mentalidade medieval e o ajuste das instituições eclesiásticas à modernidade; além da oposição declarada às idéias protestantes.<sup>2</sup>

No final do século XVIII essa situação se agravou com a progressiva racionalização da sociedade por meio da Revolução Científica e do Iluminismo, que criaram novas formas de se pensar o mundo e o ser humano. Estas novas concepções laicizadas de mundo estimularam mudanças profundas na sociedade, tais como a separação entre a Igreja e o Estado, a liberdade de culto, a criação de Estados de cunho liberal, entre outras.

Com a difusão dos ideais liberais a Igreja Católica tendia a ver distanciada de si um de seus pilares de sustentação, os Estados Monárquicos. Além de ficar privada deste sustentáculo, os pensadores liberais eram críticos a respeito da influência exercida pela Igreja sobre a produção de conhecimento e os seus padrões morais. Um destes pensadores, Voltaire (1694-1778), condenava o fanatismo e o preconceito religioso, atacava a crença nos milagres

---

<sup>1</sup> Cantiga de autor desconhecido e muito difundida entre os fiéis católicos em meados do século XX. Todas as citações respeitam a forma original do texto.

e o antropomorfismo na representação de Deus e também era contrário à autoridade absoluta dos papas. O clero era o seu grande alvo de críticas e, apesar de acreditar na necessidade da religião para a sociedade, expunha que a figura do padre era dispensável. Uma de suas frases que costumava encerrar as suas correspondências era *Écrasez l'Infâme*, ou seja, "Esmagai a Infame", referindo-se à Igreja Católica.<sup>3</sup>

O século XIX herdou essas novas concepções e idéias que se opunham ao poder da Igreja Católica. Neste sentido, o catolicismo passou por uma comoção, perceptível tanto em seu número de fiéis quanto na sua capacidade de influenciar os rumos da sociedade. Diante disso, a alta cúpula da Igreja Católica entendeu que era necessário reconquistar o seu poder social, seja querendo retomar a uma sociedade tradicional, seja desenvolvendo práticas para atuar na sociedade moderna.

Sendo assim, a Igreja Católica procurou novas formas para manter a tradição no século XIX e início do XX e simultaneamente procurou deter a proliferação das idéias que a ameaçavam, fossem liberais, socialistas ou científicas. Portanto, é observável que no século XIX ocorreu um embate entre as idéias modernas e as forças da tradição. Entre os autores que trataram deste assunto recorreremos a Eric HOBSEBAWM e Arno MAYER.

HOBSEBAWM parte do pressuposto de que o processo de mudanças econômicas e políticas do Antigo Regime se originou no século XVIII, com o advento da Revolução Industrial e da Revolução Francesa. No entanto, verifica que as mudanças políticas não acompanharam as econômicas, ou seja, apesar de propagarem os ideais de liberdade e de igualdade, as revoluções burguesas não permitiram, de fato, a participação de toda a sociedade na política. Não obstante o caráter conservador da burguesia no âmbito político, HOBSEBAWM procura enfatizar o processo de ruptura e de transformação da sociedade, minimizando as permanências do Antigo Regime.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> AZZI, Riolando. *O altar unido ao trono: um projeto conservador*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. p.71.

<sup>3</sup> FORTES, Luiz R. Salinas. *O Iluminismo e os reis filósofos*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 40-43.

<sup>4</sup> HOBSEBAWM, Eric J. *A Era do Capital (1848-1875)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

Por outro lado, MAYER propõe uma revisão historiográfica sobre o processo de construção da sociedade burguesa, ressaltando a força da tradição do Antigo Regime ante o avanço de uma nova sociedade. A sua análise tenta desmitificar a idéia de um processo homogêneo e contínuo da ascensão burguesa durante o século XIX, demonstrando as permanências do Antigo Regime no campo econômico, político e social.<sup>5</sup>

No campo social, as permanências do Antigo Regime são mais fortes e perceptíveis, ocorrendo uma verdadeira aristocratização da sociedade. Neste contexto, a Igreja Católica continuou a ser o centro de apoio dos valores do Antigo Regime, pois além do domínio educacional formal, a Igreja possuía outros meios de propagação e reafirmação desses valores, como sermões, manuais, histórias de santos, entre outros. Desta forma, a Igreja ocupou no decorrer do século XIX e início do XX, em boa parte da Europa Ocidental, um papel importante na manutenção e continuidade dos valores tradicionais.

Apesar de a Igreja no século XIX ter passado por um momento de crise por causa das idéias liberais, ela se mostrou uma eficaz aliada de outros setores sociais que desejavam conservar a tradição.<sup>6</sup> Como vimos anteriormente, a Igreja Católica se posicionou de maneira conservadora diante das mudanças ocorridas na sociedade, porque elas ameaçavam o seu poder. A resposta da alta cúpula da Igreja foi a organização do movimento chamado Ultramontano.

O Ultramontanismo foi o termo utilizado para designar o movimento conservador dos papas em meados do século XIX e início do XX, que em sua origem, no século XIII, se referia aos papas escolhidos ao norte dos Alpes. No século XIX este termo assumiu um novo significado que remetia “às pessoas ou partidos que seguiram a liderança política e orientação espiritual dos papas, na luta contra os Estados imbuídos das idéias de nacionalismo e liberalismo, os quais

---

<sup>5</sup> MAYER, Arno J. *A Força da Tradição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>6</sup> Arno MAYER ressalta o predomínio da aristocracia na política e na sociedade. A aristocracia, além de deter ainda o poder econômico e o aparelho do Estado, dominava algumas instituições que propagavam os seus valores, como a educação e a Igreja. A burguesia possuía poucos membros, e estava dividida entre o grupo que defendia a economia de livre mercado e aquele que desejava o protecionismo. Neste sentido, não se encontrava unida para impor o seu novo estilo de vida, adotando o modelo aristocrático.

olhavam a Igreja ou como uma agência governamental a ser controlada, ou como inimigo a ser destruído".<sup>7</sup>

A partir das idéias dos papas GREGÓRIO XVI (1830-1846) e PIO IX (1846-1878) e dos papas que os seguiram, LEÃO XIII (1878-1903), PIO X (1903-1914), BENTO XV (1914-1922), PIO XI (1922-1939) e PIO XII (1939-1958), a Igreja Católica pretendia dirigir a sociedade. Nas encíclicas papais desse período a luta do catolicismo contra a modernidade é tema recorrente, como podemos averiguar no trecho da *Mirari vos* de GREGÓRIO XVI a seguir:

Combate-se tenazmente a Sé de Pedro, na qual pôs Cristo o fundamento de sua Igreja; forçam-se e rompem-se, momentâneamente, os vínculos da unidade. Impugna-se a autoridade divina da Igreja e, espezinhados os seus direitos, é submetida a razões terrenas; com suma injúria, fazem-se objeto do ódio dos povos, reduzindo-a a torpe servidão. (...) Por isso, rompido o freio da religião santíssima, sòmente em virtude da qual subsistem os reinos e se confirma o vigor de toda potestade, vemos campear a ruína da ordem pública, a desonra dos governantes e a perversão de toda autoridade legítima.<sup>8</sup>

Diante dos ataques sofridos pela Igreja, os papas ultramontanos colocaram em prática um plano de reafirmação do domínio católico na sociedade. As primeiras medidas destes papas visavam reorganizar e reestruturar a própria hierarquia da Igreja; para tanto, os discursos e encíclicas papais esboçavam representações a respeito de seu corpo eclesiástico que denotavam rigidez e moralidade, considerando-o uma sociedade hierárquica perfeita. Esta sociedade perfeita era liderada pela sabedoria e pela inquestionável autoridade do papa, principalmente após o Concílio Vaticano I (1870), no qual foi decretada a infalibilidade do santo pontífice.<sup>9</sup>

Sendo assim, todas as decisões no interior da Igreja deveriam vir da Santa Sé em Roma, procurando romanizar o catolicismo e reafirmar os seus dogmas. Era comum nos documentos eclesiásticos do período a comparação da Igreja ao exército, no qual o papa seria o general-chefe e os outros membros do clero, os

<sup>7</sup> AZZI, Riolando. *A vida religiosa no Brasil: enfoques históricos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983. p. 75-76.

<sup>8</sup> GREGÓRIO XVI, Papa. *Mirari vos: sobre os principais erros de seu tempo*. 15 agos. 1832. Petrópolis: Vozes, 1947. p. 5.

<sup>9</sup> AZZI, *O altar...*, p. 118-119.

soldados. Este exército estaria lutando contra as mudanças oriundas da modernidade.<sup>10</sup>

Para formar esses soldados da Igreja foram criados novos seminários aos moldes da teologia ultramontana, que era tomista. A teologia tomista defendida pelos ultramontanos acreditava na subordinação da razão à fé, ou seja, por esta lógica era “natural” a subordinação do laicado ao poder clerical. Através desta teologia a Igreja era a portadora da única verdade e as idéias científicas, liberais e socialistas que se opunham aos dogmas católicos foram consideradas falsas e por isso deveriam ser combatidas. Ao mesmo tempo em que ocorria a ascensão da burguesia e o progresso científico despertava a euforia da sociedade na capacidade humana, o pensamento ultramontano tendeu a explorar a fragilidade moral do homem remetendo-se ao Pecado Original e às influências diabólicas.<sup>11</sup>

Em 1908, PIO X demonstrou sua preocupação em formar o clero, porque estava convencido de que a boa preparação dos padres poderia restabelecer o poder da Igreja Católica na sociedade. Além da preparação o pontífice ressaltou a importância do exemplo que o sacerdote deveria dar ao seu rebanho, advertindo:

... O próprio Jesus Cristo manifestou o mesmo pensamento quando, para dar a entender em que consiste a ação sacerdotal comparava os padres ao sal e à luz. O padre é, portanto, a luz do mundo e o sal da terra. Ninguém, sem dúvida, ignora que o padre desempenha a sua missão sobretudo quando prega a verdade cristã. Porém este mistério não se torna quase inútil, quando ele não apóia com o exemplo o que ensina de viva voz? Os que escutam poderão dizer injuriosamente, é verdade, mas não de todo sem razão (...) E depois acabariam recusando os ensinamentos do padre, cujas luzes seriam para eles de nenhum proveito...<sup>12</sup>

Para promover a purificação dos padres, PIO X propunha alguns meios como a oração, a leitura espiritual e o exame de consciência. E para a constante renovação espiritual aconselhava retiros anuais e mensais, assim como a criação de associações sacerdotais.

<sup>10</sup> AZZI, Riolando. *O Estado Leigo e o Projeto Ultramontano*. São Paulo: Paulus, 1994. (História do Pensamento Católico – IV). p. 62-63.

<sup>11</sup> AZZI, *O Altar* ..., p. 29.

<sup>12</sup> PIO X, Papa. *Haerent animo: Exortação ao Clero*. 4 ago. 1908. Petrópolis: Vozes, 1959. p. 5.

Outros temas foram apresentados pelos papas ultramontanos no decorrer do século XIX, mais ligados a questões gerais e defendendo as idéias católicas sobre novas concepções de mundo, como o socialismo e o liberalismo. LEÃO XIII em várias encíclicas tocou nestes dois temas que preocupavam a Igreja Católica em fins do século XIX. Em 1878, na encíclica *Quod Apostolici Muneris*<sup>13</sup> tratou de alguns pontos das idéias socialistas que, para ele, eram contrárias à autoridade, à propriedade e, por conseguinte, à própria sociedade. Distinguiu a igualdade socialista e evangélica, demonstrando que havia uma diferença de deveres e direitos entre os homens, apesar de todos serem, por natureza, filhos de Deus. Terminou advertindo os leitores da necessidade das associações de proletários para ensinar aos operários a se contentarem com a sua sorte e suportarem o seu trabalho com paciência, sossego e tranqüilidade. Desta forma, os operários não se deixariam seduzir pelas promessas de fortuna das idéias socialistas.

Em outra encíclica, LEÃO XIII abordou a constituição do Estado cristão<sup>14</sup> tentando discernir o que seria incumbência do Estado e o que seria de responsabilidade da Igreja. Além disso, demonstrou que o poder do Estado provinha de Deus e, por isso, o Estado deveria se submeter à autoridade da Igreja.

Havia ainda, no século XIX, as encíclicas que defendiam alguns dogmas, idéias ou cultos católicos atacados pelos seus inimigos, como foi o caso da proclamação do Dogma da Imaculada Conceição<sup>15</sup>. O culto mariano era questionado pelo protestantismo, que acusava a Igreja Católica de ter criado esta devoção. Os protestantes refutavam o papel mediano de Nossa Senhora, assim como a sua isenção do Pecado Original. Diante destes ataques, PIO IX, em 1854, proclamou o dogma da Imaculada Conceição, que teve um papel importante para a permanência e o estímulo à devoção mariana, como veremos de maneira mais aprofundada ao tratarmos especificamente deste assunto mais adiante.

---

<sup>13</sup> LEÃO XIII, Papa. *Quod Apostolici Muneris*: sobre o Socialismo e o Comunismo. 28 dez. 1878. Petrópolis: Vozes, 1956.

<sup>14</sup> LEÃO XIII, Papa. *Immortale Dei*: sobre a Constituição Cristã dos Estados. 1 nov. 1885. Petrópolis: Vozes, 1960.

<sup>15</sup> PIO IX, Papa. *Bula Ineffabilis Dei*: sobre a Imaculada Conceição de Nossa Senhora. 8 dez. 1854. Petrópolis: Vozes, 1947.

Em 1904 PIO XI, por ocasião do cinquentenário da Proclamação do Dogma da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, propôs ao fiel a imitação dos exemplos da Virgem Maria como a forma de devoção perfeita e digna dela: “ ... foi uma atenção toda providencial de Deus propor-nos outro modelo tão próximo de Jesus Cristo, quanto é permitido à natureza humana e mesmo assim maravilhosamente adaptado à nossa fraqueza. Tal outro só pode ser a Mãe de Deus...”<sup>16</sup>

Percebe-se que as encíclicas do século XIX estavam mais preocupadas com assuntos de ordem geral, como a luta contra a modernidade e o Socialismo, a constituição do Estado ou a defesa de suas idéias ou dogmas, tratando de maneira mais ligeira os assuntos mais específicos relativos aos fiéis como o casamento, por exemplo. Se as encíclicas do início do século XX seguraram a mesma linha das antecessoras, por outro lado procuram aprofundar mais as questões associadas ao público leigo, abordando temas como o casamento e o apostolado leigo.

Portanto, após este primeiro momento de preocupação com a formação de seu corpo eclesiástico e com o combate às idéias de seus inimigos, as ações das medidas papais se voltaram para a sociedade laica. Tais medidas pretendiam ampliar o número de paróquias e de padres, criando várias práticas para tornar o católico mais assíduo às cerimônias religiosas e sacramentais. Todas as cerimônias deveriam ser dirigidas e organizadas pelo padre, cabendo aos fiéis apenas acatar as suas orientações. Ao mesmo tempo o padre devia obediência ao bispo de sua diocese e este ao papa. Neste sentido, houve um reforço da hierarquia interna da Igreja, incluindo o fiel. Adiante veremos com mais detalhes como esta hierarquia funcionava nas paróquias brasileiras.

Retornando à questão das ações da alta cúpula da Igreja em relação ao laicado, podemos observar um aumento significativo das missões em meados do século XIX, sobretudo por causa da colonização da África e da Ásia. A corrida colonialista tornou corrente a idéia de que os países europeus seriam

---

<sup>16</sup> PIO XI, Papa. *Carta Encíclica sobre o Cinquentenário da Proclamação do dogma da Imaculada Conceição*. 2 fev. 1904. Petrópolis: Vozes, 1947. p. 33.

responsáveis pela expansão da civilização aos “povos incultos”.<sup>17</sup> Segundo Eric HOBSEBAWM, o final do século XIX foi a época clássica do empenho missionário e apesar dos missionários, na maioria das vezes, serem contrários à política imperialista, as missões se beneficiaram com o seu avanço.<sup>18</sup>

As missões receberam o apoio material e espiritual de toda a cristandade e a Igreja Católica divulgou publicações explicando a sua importância, bem como organizou associações leigas para angariar fundos para as viagens dos missionários e a manutenção de suas obras em terras não europeias. A partir do Papa LEÃO XIII (1878-1903) as missões receberam uma nova orientação, que era a de formar um clero local nos países nos quais estavam estabelecidas.

Outra iniciativa da Santa Sé para atrair o público leigo foi a criação de escolas católicas dirigidas por congregações religiosas ao mesmo tempo que condenava o ensino leigo. Segundo Roseli T. BOSCHILIA, a Igreja romana tinha consciência de que o avanço científico poderia ameaçar o seu poder, neste sentido procurou uma maneira para se aproximar deste conhecimento. LEÃO XIII começou a incentivar mais a educação, pretendendo, assim, atingir a juventude e a família para amenizar os efeitos das idéias científicas, tomando-as mais suaves e não tão contraditórias com as concepções católicas.<sup>19</sup>

Seguindo a mesma linha a respeito da educação, em 1929 PIO XI declarou que a família tinha o direito anterior ao Estado sobre a educação de sua prole<sup>20</sup>, demonstrando a preocupação com a crescente interferência do Estado e da sociedade civil sobre os assuntos familiares, muito apregoada por discursos médicos e jurídicos da época<sup>21</sup>. O pontífice afirmou que o único poder que o *pater familia* deveria se submeter era o da Igreja Católica, pois o casamento e a família foram criados por Deus. Acrescentava ainda que a devassidão em que a família e os filhos se encontravam era responsabilidade dos pais, que mais tarde deveriam

---

<sup>17</sup> AUBERT, R., et alii. *Nova História da Igreja: a Igreja na Sociedade Liberal e no Mundo Moderno*. Petrópolis: Vozes, 1976. v. 2. p.190.

<sup>18</sup> HOBSEBAWM, Eric J. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 108.

<sup>19</sup> BOSCHILIA, *Modelando ...*, p.35.

<sup>20</sup> PIO XI, Papa. *Divini Illius Magistri: sobre a educação cristã da juventude*. 31 dez. 1929. Petrópolis: Vozes, 1950. P. 13-14.

prestar contas a Deus de seus atos, advertindo “ ... Cuidem por isso os pais e com eles todos os educadores, de usar retamente da autoridade a eles dada por Deus, de quem são verdadeiramente vigários, não para vantagem própria, mas para a reta educação dos filhos no santo e filial ‘temor de Deus, princípio da sabedoria’ ...”<sup>22</sup>

Nesse sentido, a Igreja Católica atribuía a pouca fé e a desobediência dos fiéis às suas normas, pela devassidão que assolava a sociedade moderna, por isso o seu discurso insistia na necessidade da direção espiritual clerical dos fiéis e no estímulo das práticas sacramentais.

Em outras encíclicas, anteriores e posteriores à citada acima, a Igreja demonstrou a preocupação com a formação dogmática e a prática dos sacramentos como a comunhão e a confissão por parte dos fiéis. Em 1905, PIO X expôs a necessidade de uma linguagem mais acessível para a instrução popular, por isso era necessária a catequese. Segundo o pontífice, os erros cometidos pelos homens na sociedade moderna advinham da ignorância a respeito da doutrina cristã, e o sacerdote deveria velar para que seus fiéis não permanecessem nas trevas. Para esta missão, o padre poderia contar com um auxiliar leigo que administraria o catecismo para as crianças, preparando-as para a Primeira Comunhão<sup>23</sup>.

Em 1910, PIO X instruiu os padres a estimular a comunhão diária para aumentar a graça entre os fiéis, rechaçando qualquer crítica de origem jansenista<sup>24</sup> que condenava o acesso de todos os fiéis indistintamente à eucaristia. O pontífice prosseguiu recomendando ao confessor que cuidasse para que o fiel

<sup>21</sup> Sobre os discursos sobre a interferência do Estado e da sociedade civil na família ver: COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 50.

<sup>22</sup> PIO XI, Papa. *Divini Illius Magistri*. ... p. 30-31.

<sup>23</sup> PIO X, Papa. *Acerbo Nimis: sôbre o Ensino do Catecismo*. 15 abr. 1905. Petrópolis: Vozes, 1961.

<sup>24</sup> O jansenismo foi uma doutrina oriunda da obra “Augustinus” de Jansênio Cornélio (1585-1638), bispo de Ypres que reagiu contra o antigo otimismo pelagiano à respeito da vontade humana, combatido por Agostinho e reacendido com a Renascença. Dois discípulos importantes de Cornélio foram Antonie Arnauld (1612-1694) e Godofredo Guilherme Leibniz (1646-1716). O primeiro condenava a comunhão freqüente estimulada pela Igreja, pois o fiel deveria merecer a eucaristia pela prática de virtudes. O segundo criou uma filosofia racionalista baseada em Descartes para provar a existência de Deus. Disponível em: <[www.simpozio.ufsc.br](http://www.simpozio.ufsc.br)> Acesso em: 17 jan. 2003.

“que viva em estado de graça e se acerque da sagrada Mesa com reta intenção”<sup>25</sup> não se desviasse da comunhão freqüente. Na mesma encíclica PIO X expôs que as crianças pela idade dos sete anos, já com o uso da razão, deveriam tomar a sua primeira comunhão e depois, por meio do catecismo, ficar ciente da doutrina cristã, aprendendo-a gradualmente segundo a sua inteligência<sup>26</sup>. Após a primeira comunhão, as pessoas responsáveis pela criança, seus pais ou confessores, deveriam, se possível, levá-la todos os dias até a “sagrada mesa” para tomar a eucaristia.

Outra prática estimulada pelos papas ultramontanos foi o culto aos Sagrados Corações, tanto de Cristo quanto de Nossa Senhora. Em 1928, PIO XI abordou a importância do culto ao Sagrado Coração de Jesus na Modernidade, pois numa época em que a caridade se esfriou entre os fiéis “... foi proposta às honras de um culto especial a própria caridade de Deus, e as riquezas desta bondade inesgotável se ostentaram ainda mais, graças à forma do culto que tem por objeto o Sagrado Coração de Jesus...”<sup>27</sup>

O culto do Sagrado Coração de Jesus teve sua origem com Margarida Maria<sup>28</sup> e seu confessor p.<sup>e</sup> Cláudio de *la Colombière* e logo se difundiu entre as famílias e as associações. Este culto consistia no reconhecimento do sacrifício que Jesus Cristo fez pela humanidade ao morrer na cruz devendo o fiel imitar este amor ilimitado de Cristo.

Culto ao Sagrados Corações, comunhão diária, confissões e retiros foram práticas incentivadas pelos papas ultramontanos para tornar mais assídua a presença dos fiéis na igreja, ao mesmo tempo mantendo o controle sobre o seu

---

<sup>25</sup> PIO X, Papa. *Sacra Tridentina Synodus*: sobre a Comunhão freqüente e cotidiana. 8 agos. 1910. Petrópolis: Vozes, 1953. p.7.

<sup>26</sup> PIO X, Papa. *Sacra Tridentina Synodus* ... p. 15.

<sup>27</sup> PIO XI, Papa. *Miserentissimus Redemptor*: sôbre o Sagrado Coração de Jesus. 8 mai. 1928. Petrópolis: Vozes, 1961. p. 4.

<sup>28</sup> Santa Margarida em *Paray-le-Monial*, na França, foi agraciada por várias aparições, sendo a mais importante a do dia 16 de junho de 1675, na qual Cristo apareceu mostrando as suas cinco chagas brilhantes, porém o brilho mais intenso provinha de seu coração. Nesta aparição Jesus Cristo teria pedido a Santa Margarida que difundisse o culto ao seu Sagrado Coração, sendo que na primeira sexta-feira depois da oitava do Corpo de Deus seria realizada uma festa em sua honra como forma de desagravo dos homens aos sofrimentos provocados a Cristo. IN: LOMBAERDE, p.<sup>e</sup> Júlio Maria De. *Pequeno Manual das associadas do Sagrado Coração de Jesus*. Manhumirim: O Lutador, 1932. p. 9-10.

rebanho, que tendia a se dispersar diante das mudanças ocorridas na sociedade, uma delas o casamento civil.

Na encíclica *Arcanum Divinae Sapientiae*, o Papa LEÃO XIII repudiou o casamento civil, pois competia à Igreja controlar a instituição do matrimônio por se tratar de algo relativo ao sagrado. Segundo o santo pontífice, o casamento foi fundado por Deus na época da criação do mundo, com o primeiro casal humano, Adão e Eva. Mais tarde, no tempo de Cristo, as núpcias foram novamente abençoadas no episódio das Bodas de Canaã. Sendo assim, a Igreja “naturalmente” era a depositária do direito de legitimar um casamento e não o Estado.<sup>29</sup>

Anos depois, em 1901, o Papa LEÃO XIII expôs que a Sagrada Família deveria ser o modelo para as famílias cristãs, como a melhor forma para inculcar nos fiéis o respeito à autoridade, à vida doméstica, à religião e ao casamento.<sup>30</sup> Em 1930, PIO XI, partindo das colocações de LEÃO XIII sobre o casamento cristão, escreveu a encíclica *Casti Connubii*, na qual detalhou mais as idéias clericais sobre este sacramento.

PIO XI retomou a origem divina do matrimônio e atacou qualquer tipo de ligação que não recebesse a autorização da Igreja por meio do sacramento, fosse o casamento civil ou o concubinato. Iguamente atacados foram o adultério e o divórcio, como corruptores dos costumes e a desgraça dos filhos. O pontífice alertou que o império da vontade e do prazer estava substituindo o dever que o fiel tinha para com Deus, o de zelar por seu cônjuge, seus filhos e a sociedade, e que tal comportamento traria graves conseqüências.

Segundo o santo padre, o casamento seria “... acima de tudo, um acordo mais estreito do que o dos corpos; não é um atrativo sensível, nem uma inclinação dos corações que a determina, mas uma decisão deliberada e firme das vontades: e desta conjunção dos espíritos, por determinação de Deus, nasce um vínculo

---

<sup>29</sup> LEÃO XIII, Papa. *Arcanum Divinae Sapientiae*: sobre a Constituição cristã da família. 10 fev. 1880. Petrópolis: Vozes, 1958.

<sup>30</sup> LEÃO XIII, Papa. *Graves de Communi*: sobre a Democracia Cristã. 18 jan. 1901. Petrópolis: Vozes, 1963. p. 17.

sagrado e inviolável.<sup>31</sup> Neste sentido, era condenável qualquer idéia romântica sobre o casamento, tão comum nos romances<sup>32</sup>. Para manter o casamento era necessária a disposição dos cônjuges em abrir mão da vontade individual e dos prazeres, ou seja, exigia auto-sacrifício de ambas as partes.

Não que os prazeres sexuais fossem permitidos aos solteiros, muito pelo contrário, ao católico era permitido apenas dois tipos de vida, o da virgindade ou o do matrimônio. O fiel tinha a "liberdade plena e inteira" para escolher um destes modos de vida considerados santos; em ambos os casos era exigido um comportamento impecável e nos limites da moral católica.

Ao tratar dos benefícios do matrimônio, PIO XI lembrou Santo Agostinho e os três bens: a prole, a fidelidade e o sacramento. O benefício que ocupava primeiro lugar, segundo o papa, era a prole, pois o próprio Criador, ao instituir o matrimônio no Paraíso terrestre aos nossos primeiros pais, recomendou que procriassem. Obviamente que Deus não fez o homem apenas para procriar, a procriação tinha o seu objetivo, que seria o de gerar homens para honrarem a Deus. Sendo assim...

Os pais cristãos compreenderão, além disso, que não são destinados só a propagar e conservar na terra o gênero humano e não só também formar quaisquer adoradores do verdadeiro Deus, mas a dar filhos à Igreja, a procriar concidadãos dos santos e familiares de Deus, a fim de que o povo, dedicado ao nosso Deus e Salvador, cresça cada vez mais, de dia para dia.<sup>33</sup>

Os filhos, pela ótica ultramontana, eram tesouros confiados por Deus aos pais, que deveriam cuidar de sua formação e educação, pois na eternidade prestariam contas ao Pai Eterno de suas atitudes. Portanto, a educação cristã era, antes de tudo, um dever dos pais perante Deus. A educação apropriada da prole apenas seria possível com a união indissolúvel dos pais pelos laços do santo matrimônio.

---

<sup>31</sup> PIO XI, Papa. *Casti Connubii*: sobre o Matrimônio Cristão. 31 dez. 1930. Petrópolis: Vozes, 1946. p. 6.

<sup>32</sup> Sobre o assunto ver D'INCAO, Maria Angela (Org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. A autora, ao tratar da literatura brasileira do século XIX, apontou para a emergência da idéia do amor romântico inatingível nas obras literárias, em que o casamento seria resultado da escolha livre dos cônjuges apaixonados para atingir a felicidade.

<sup>33</sup> PIO XI, Papa. *Casti Connubii*... p. 8-9.

Outro bem do casamento cristão era a fidelidade, que era prescrita aos dois cônjuges e que também condenava a traição por pensamento. As relações entre os cônjuges deveriam primar pela castidade e para isso contava-se com a ajuda mútua. Para fortalecer as relações entre o casal era recomendado o amor conjugal cristão, puro e santo como o amor de Cristo pela Igreja, elevando os cônjuges a uma categoria nobre, bem diferente da dos adúlteros que se entregavam ao prazer da carne. Este bem do matrimônio remetia à idéia do débito conjugal defendida por São Paulo, em que um dos deveres do cônjuge era submeter-se à vontade do outro a fim de evitar o pecado da concupiscência. Isto se confirma a seguir na encíclica quando PIO XI tratou da sujeição da mulher ao marido e citou o Apóstolo Paulo na Epístola aos Efésios, sobre o matrimônio<sup>34</sup>.

Baseado na idéia de São Paulo sobre o casamento, PIO XI preconizava que a sociedade doméstica harmoniosa e de ajuda mútua respeitaria a ordem do amor, qual seja, “essa ordem implica por um lado a superioridade do marido sobre a mulher e os filhos, e por outro a pronta sujeição e obediência da mulher, não pela violência, mas como a recomenda o Apóstolo nestas palavras: ‘Sujeitem-se as mulheres aos maridos como ao Senhor; porque o homem é cabeça da mulher, como Cristo é cabeça da Igreja.’”<sup>35</sup>

Nesse sentido, as feições da família cristã eram constituídas pelo poder patriarcal do pai sobre a esposa e os filhos, pela moral católica de abnegação e auto-sacrifício e pelo respeito ao sacramento indissolúvel do matrimônio. Qualquer idéia que pudesse distorcer estas características era banida pelo discurso ultramontano, incluindo a emancipação feminina, o divórcio, o casamento civil, a educação leiga, o adultério, os métodos contraceptivos, os filhos ilegítimos, o aborto, a esterilização e o casamento entre católicos e não católicos, tudo que pudesse ameaçar a ordem familiar cristã.

PIO XI instruiu os padres a salvar as almas dos fiéis confiados a eles por meio da confissão e do aconselhamento, não deixando que eles cometessem

---

<sup>34</sup> BIBLIA, N.T. Efésios. Português. *Bíblia Sagrada*. Cap. 5. Vers. 22-23. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

<sup>35</sup> PIO XI, Papa. *Casti Connubii* ... p. 13.

erros<sup>36</sup>, pois, como já vimos, o reforço da catequese e da prática sacramental foi uma das estratégias da Igreja Ultramontana. Além do reforço às práticas dos sacramentos e à catequese, a alta hierarquia da Igreja estava preocupada com os meios de comunicação.

Os inimigos da Igreja tinham muitos meios para atingir os católicos, entre eles, os jornais e os livros, e mais tarde o cinema e o rádio. Da mesma forma, a Igreja também deveria lançar mão destes meios para persuadir os fiéis a se manterem firmes nos dogmas do catolicismo.

Nesse sentido, a imprensa escrita foi outro recurso que o catolicismo romanizado tirou proveito para difundir e defender as suas idéias para a sociedade laica. Desde do século XIX a Igreja usava este recurso, porém ainda de maneira precária e se limitando à imprensa escrita, principalmente os jornais. Em 1894, LEÃO XIII apontou a importância da imprensa para o catolicismo.

A ninguém passará despercebido quanta força possuem os jornais e outras publicações congêneres, para o bem e para o mal, principalmente em nossos tempos. Portanto, combater com estas armas, pela defesa da religião cristã, recebendo, como convém, as diretivas dos Bispos e guardando o respeito devido ao poder civil, não seja uma das menores solitudes dos católicos.<sup>37</sup>

Como é perceptível, a imprensa era considerada uma “arma” tanto para o catolicismo quanto para os seus inimigos, e LEÃO XIII atribuiu aos livros, jornais e outras publicações uma das formas de salvaguardar os costumes e socorrer os fiéis, sendo assim os escritores católicos deveriam ser encorajados.<sup>38</sup>

A atenção para com os meios de comunicação aumentou depois da assinatura do Tratado de Latrão, em 1920, entre o Papa PIO XI e o governo italiano, no qual o Estado pagaria uma indenização à Santa Sé pelos prejuízos e perdas por causa da contenda a respeito do território do Vaticano<sup>39</sup>. A partir desse momento, percebendo que parte de seus problemas estava sanada, as ações da

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 25.

<sup>37</sup> LEÃO XIII, Papa. Carta aos Bispos do Brasil. IN: *Excertos: sobre a imprensa*. 2 jul. 1894. Petrópolis: Vozes, 1947. p. 11.

<sup>38</sup> LEÃO XIII, Papa. Carta aos Bispos do Brasil ... p. 13.

<sup>39</sup> AZZI, Rioldo. *A Neocristandade: um projeto restaurador*. São Paulo: Paulus, 1994. p.

cúpula da Igreja se intensificaram no sentido de atingir o público leigo, lançando mão de novos meios de comunicação como o rádio e o cinema. Em 1929, PIO XI expôs a necessidade de a Igreja se adequar aos novos meios de comunicação, utilizando-os em seu projeto de evangelização e na educação dos jovens.<sup>40</sup>

Outra ação intensificada a partir desse período foram as associações leigas, que há muito tempo eram formas de arregimentar os fiéis a participarem da vida católica. Durante o século XIX a fundação de muitas associações leigas foi estimulada pelos papas, porém no século XX a abordagem dada a elas se modificou, pois de espaço para o fiel exercer a sua fé e caridade, as associações se tornaram também um lugar de militância. Isto é perceptível na encíclica *Sommamente gradito* de PIO XII, de 1942, dirigida aos homens da Ação Católica.

Nosso pensamento e Nossa expectativa – que também abrangem toda a Igreja e a sociedade humana (...) confiam designadamente em vós, que à plenitude de homens feitos unis o conhecimento e a experiência da seriedade da vida, das vicissitudes e necessidades espirituais, morais e materiais que a acompanham e seguem; porque na mente e nas mãos dos homens feitos está o saber, o trabalho sensato, o vigilante e profícuo governo da família e do movimento social. Vós sois o nervo da sociedade: na vossa maturidade está a raiz da vossa dignidade ...<sup>41</sup>

Após atribuir ao homem da Ação Católica a responsabilidade sobre o governo da família e do movimento social, PIO XII enumerou as formas e os lugares em que a ação deste homem católico seria benéfica. Em primeiro lugar, o homem deveria estabelecer em si mesmo o “reino de Deus”, para depois exteriorizá-la por meio da ação apostólica, recomendando que “... seja flor de virtude que não rescenda só dentro de vossa casa, mas derrame em torno de vós, em todos os lugares, o bom odor de Cristo e alicie muitos a seguir no eflúvio do seu celeste perfume”<sup>42</sup>. A irradiação deste “perfume”, ou do catolicismo, deveria

<sup>40</sup> BOSCHILIA. *Modelando condutas* ... p. 151.

<sup>41</sup> PIO XII, Papa. *Sommamente gradito*: sobre a colaboração dos homens de Ação Católica no Renascimento Espiritual da Sociedade. 20 set. 1942. Petrópolis: Vozes, 1955. p. 4. A proposta da Ação Católica foi apresentada por Pio XI nas encíclicas *Ubi Arcano* e *Quamuis Nostra*, nas quais tentou congregar os católicos a partir de grupos pequenos de leigos até atingir a massa com a finalidade de reconquistar a sociedade para Cristo-Rei. Para isso, reorganizou as associações leigas já existentes e criou novas que deveriam obedecer diretamente a hierarquia eclesial. In: DIAS, Romualdo. *Imagens da Ordem: a doutrina Católica sobre a autoridade no Brasil, 1922-1933*. São Paulo: Unesp, 1996. p. 58-59.

<sup>42</sup> PIO XII, Papa. *Sommamente gradito* ... p. 7.

partir da ação do homem em sua família e em seu trabalho, para depois chegar até a sociedade.

No lar, o pai católico deveria ter as virtudes da paciência, da lealdade, da firmeza, da obediência e da temura, constituindo-se um exemplo para o seu filho. Neste lar sereno a autoridade paterna seria respeitada, porque o filho perceberia nela o reflexo da autoridade de Deus. Isto repercutiria na sociedade civil, proporcionando uma pátria com uma “fisionomia mais serena” e de “coesão mais sólida”.<sup>43</sup>

No campo profissional, o homem da Ação Católica teria facilmente preeminência por causa da prática das virtudes morais do catolicismo e, com isso, uma influência considerável que “se impõe sem ofender, que atrai sem violentar, que até opera sem se sentir...”<sup>44</sup>. Neste sentido, do homem católico se esperava o zelo pelo seu comportamento e a ação militante em favor da Igreja Católica.

As recomendações de PIO XII para as moças também reforçavam a preocupação com o zelo moral. Em 1943, ao tratar do apostolado das moças<sup>45</sup>, o papa advertiu as fiéis dos perigos que as mulheres estavam sujeitas na modernidade, como o trabalho fora de casa, que poderia ser degradante, e a liberalidade que algumas moças de família experimentavam ao se encontrarem sozinhas nas cidades. Este tipo de situação e de comportamento poderia comprometer a família cristã.

Nesta encíclica o pontífice atacava as mudanças provocadas no comportamento feminino pela modernização da sociedade e reforçava o papel social de gênero esperado da mulher, ou seja, o de esposa e de mãe. Portanto, PIO XII pretendia, por meio das associações leigas para homens, mulheres casadas e moças, adestrar os fiéis para exercerem os papéis sociais de gênero desejados pela Igreja Católica a fim de manter o seu poder social. Ao homem caberia ser um bom pai cristão zeloso na formação de seus filhos e, no espaço profissional e social, defender os interesses da Igreja Católica. Da mulher era

---

<sup>43</sup> *Ibid.*, p. 5.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p. 11.

<sup>45</sup> PIO XII, Papa. *Sobre o Apostolado das Moças na Renovação da Sociedade*. 24 abr. 1943. Petrópolis: Vozes, 1959. p.9.

esperado um comportamento irrepreensível do ponto de vista da moral católica, que, como vimos, prescrevia a submissão feminina ao homem, a castidade e a contenção sexual e, ao mesmo tempo, um papel importante na educação e formação religiosa de sua prole.

Nesse sentido, é perceptível nas medidas papais dos meados do século XIX e início do XX a elaboração de um plano de ação que visava atrair e arrebanhar para as suas fileiras a sociedade civil. Para tanto, a Igreja serviu-se dos meios mais diversos e possíveis, como da imprensa, das missões, da educação e das associações leigas. A seguir analisaremos a implantação do ultramontanismo e a sua ação evangelizadora no Brasil.

## 1.2 IGREJA E PÚBLICO LEIGO NO BRASIL

O movimento ultramontano no Brasil se iniciou com a liderança dos bispos que comungavam com as idéias da Santa Sé romana. Os principais centros de difusão foram as dioceses de Mariana, em 1844, sob a direção de D. Antonio Ferreira Viçoso e a diocese de São Paulo, em 1851, dirigida por D. Antonio Joaquim de Mello. Assim como o ultramontanismo, o Movimento do Episcopado brasileiro tinha inspiração tridentina e por isso voltou a sua atenção para a busca de autonomia do poder espiritual em relação ao temporal e o fortalecimento de sua hierarquia interna.<sup>46</sup>

O Movimento do Episcopado tinha três objetivos: primeiro, criar uma Igreja forte e não dependente do Estado Monárquico; segundo, reorganizar o clero segundo as ordens de Roma, seja chamando os já formados para uma vida exemplar de cumprimento aos votos, seja cuidando da formação dos novos seminaristas. O terceiro objetivo era afastar as práticas devocionais populares de cunho familiar e substituí-las por expressões religiosas dirigidas pela autoridade sacerdotal.

Augustin WERNET, ao tratar da instalação do ultramontanismo no episcopado de São Paulo por D. Antônio Joaquim de Mello, aponta para as

---

<sup>46</sup> AZZI. *O altar...*, p. 30-31.

dificuldades que o prelado teve para empreender esta tarefa, pois contava com a resistência de parte do clero brasileiro que agia de acordo com as idéias iluministas. O clero paulista iluminista julgava que D. Antonio J. de Mello era pouco erudito e incapaz para dirigir o bispado da província, ao mesmo tempo o bispo tentava a todo custo impor uma hierarquia a este clero que estava habituado a uma certa autonomia em relação a Roma.<sup>47</sup>

Outra preocupação de D. Antônio Joaquim de Melo era a corrupção e a imoralidade do clero brasileiro. Alguns membros do corpo eclesiástico estavam envolvidos na política, já que nesse período as eleições eram realizadas nas igrejas, outros tinham fazendas e concubinas. Tais comportamentos, evidentemente, desagradavam a ala da Igreja brasileira que desejava implantar o ultramontanismo.

Além disso, por causa do padroado<sup>48</sup>, o clero local estava mais subordinado aos interesses do Estado brasileiro do que às ordens da Santa Sé. Por isso, nessa fase o ultramontanismo brasileiro visava à autonomia da Igreja em relação ao Estado Monárquico. Os bispos reformadores entendiam que a Igreja era um "poder ao lado do Estado, e não apenas [uma] entidade dele dependente."<sup>49</sup> Neste sentido, o clero reformador queria romper com as amarras do padroado, que tratava a Igreja como mais um assunto do Estado.

O movimento do episcopado brasileiro enfrentou, assim, dificuldades junto ao clero existente; preocupou-se, então, com a formação de um novo clero que deveria agir dentro dos parâmetros do catolicismo romanizado. Com esta finalidade foi incentivada a vinda de congregações estrangeiras para a formação deste novo clero. Entre 1810 e 1819 vieram ao Brasil padres lazaristas para dirigir seminários, entre eles o de Caraça, de Campo Belo e de Mariana.<sup>50</sup> Em São Paulo apenas durante o episcopado de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861) foi

---

<sup>47</sup> WERNET, op.cit.

<sup>48</sup> Poder dado pela Igreja Católica ao Estado Monárquico português na ocasião da colonização, permitindo ao poder régio escolher e remunerar os membros do clero. Após a independência do Brasil tal prática foi mantida, o que não condizia com as novas diretrizes da Igreja Ultramontana.

<sup>49</sup> AZZI. *O altar* ..., p. 34.

<sup>50</sup> WERNET. Op.cit., p.96.

construído um seminário que seguia os moldes do movimento ultramontano. Para a sua direção o bispo mandou buscar padres capuchinos italianos.

Portanto, uma das estratégias do movimento reformador empreendido pelos bispos era a educação dos novos membros da Igreja segundo as prescrições papais do período e lutar contra a resistência do clero remanescente. Com isso, durante o século XIX o movimento ficou mais restrito à reorganização interna da Igreja, à formação do novo clero, e à angariação de fundos para este fim, restando pouco tempo para o público laico.

Atingir a população era uma tarefa difícil porque faltavam recursos financeiros, o que restringia o movimento aos centros urbanos e às camadas médias da população. Além disso, a proibição dos ritos tradicionais da população por parte do catolicismo romanizado apenas contribuiu para o afastamento de parte dos fiéis.

Riolando AZZI, ao tratar da diferenciação entre o catolicismo tradicional e o renovado, aponta para as suas características. O tradicional “é luso-brasileiro, leigo, medieval, social e familiar”, e o renovado “é romano, clerical, tridentino, individual e sacramental”<sup>51</sup>. Na ocasião da implantação do movimento reformador dos bispos, a população brasileira expressava a sua religiosidade segundo o modelo tradicional, rivalizando com as novas pretensões do episcopado.

Esse catolicismo tradicional havia sido implementado no Brasil durante a colonização portuguesa, período em que não havia número suficiente de clérigos para atender a toda população, assim a participação do leigo era mais efetiva e necessária, até mesmo na organização e na direção de associações religiosas, como as irmandades e as confrarias.<sup>52</sup> Havia dois tipos de irmandades ou confrarias: as irmandades de misericórdia, criadas para manter hospitais e abrigos para indigentes, e as confrarias com fins culturais ou devocionais, como as que tratavam do “bem morrer” dos seus membros<sup>53</sup>. Segundo WERNET, quando D.

---

<sup>51</sup> AZZI, Riolando. *O catolicismo popular no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978. P. 9.

<sup>52</sup> WERNET. *Op.cit.*, p. 17.

<sup>53</sup> Outro trabalho que é referência ao se tratar das irmandades coloniais é do historiador REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Antônio Joaquim de Melo assumiu o episcopado de São Paulo havia um grande número dessas irmandades na província.<sup>54</sup>

Não apenas em São Paulo mas em todo o Brasil o conflito entre as irmandades tradicionais e o clero reformador era inevitável, pois as irmandades estavam acostumadas a uma certa autonomia em relação à autoridade eclesiástica e não queriam ceder a direção das associações aos padres, como determinava o catolicismo romanizado. Além disso, as corporações religiosas tinham outros interesses, como os comerciais, e não apenas fins espirituais como desejava a Igreja. Para agravar a situação, algumas confrarias possuíam maçons entre os seus membros. Tais práticas das irmandades eram consideradas pagãs pela ótica ultramontana e eram condenadas.<sup>55</sup>

Desse modo, a primeira iniciativa de implantação do ultramontanismo no Brasil enfrentou dificuldades. Entre estas estavam o afastamento da população do processo de romanização, a falta de recursos e a resistência do próprio clero que estava dividido em regalistas, liberais e ultramontanos.

Até o final do século XIX o objetivo do movimento reformador foi ampliar o espaço de atuação dentro do Estado imperial. Com a proclamação da República (1889) e a separação do Estado e da Igreja, os reformadores viram os seus anseios fracassarem. Num primeiro momento, o episcopado brasileiro demonstrou otimismo diante da proclamação da República, é o que a Carta Pastoral de 1890 permite entender, pois finalmente a Igreja Católica estaria livre da influência do Estado em sua organização<sup>56</sup>. No entanto, a Carta Pastoral de 1900 mudou o tom após perceber que a Igreja Católica estava perdendo territórios de poder no Estado republicano, além do fato de não ser mais a religião oficial do Estado. Além da decretação da liberdade de culto e de consciência, outras medidas desagradaram o clero brasileiro, como o casamento civil e o ensino leigo.

Para justificar sua posição contrária ao Estado leigo, o episcopado brasileiro utilizou dois argumentos principais: o primeiro, que o catolicismo era a

---

<sup>54</sup> WERNET. Op.cit., p.20.

<sup>55</sup> AZZI, Riolando. *A Igreja no Brasil: da apologética à Renovação Pastoral*. Belo Horizonte: O Lutador, 1991. p.9-10.

<sup>56</sup> AZZI, Riolando. *O Estado leigo e o Projeto Ultramontano*. São Paulo: Paulus, 1994. (História do Pensamento Católico no Brasil). v.4.

religião tradicional do Brasil; e o segundo, que o catolicismo era a religião da maioria dos brasileiros. Neste sentido, a idéia do Estado leigo era defendida, segundo os bispos, por uma minoria que não representava a maioria do povo que era católico.

Após esse primeiro período de embate entre o Estado republicano e o movimento reformador, em 1920 o movimento ultramontano recebeu um novo impulso sobre a direção do episcopado<sup>57</sup>. Ocorreu, então, um posicionamento diferente do clero brasileiro em relação ao Estado, reatando esta relação e sugerindo uma ajuda mútua entre o poder espiritual e o temporal. O discurso católico defendia a necessidade da religião como uma forma de conter as revoltas sociais, pois o catolicismo incutia um espírito de resignação no cidadão.<sup>58</sup>

Além da preocupação com as relações entre o Estado e a Igreja, o clero brasileiro ampliou a sua atuação por toda a sociedade. Para isso organizou uma rede leiga de apoio à Igreja, criando e difundindo associações como a Liga Eleitoral Católica, a União Pia das Filhas de Maria, a Arquiconfraria das Mães Christãs, o Apostolado da Oração, os Marianos, a Liga Jesus, Maria e José, entre outras. A imprensa foi outro recurso que recebeu maior atenção e aperfeiçoamento para defender as idéias católicas.

Para colocar em prática estas ações estimulou-se a vinda de congregações religiosas para o Brasil. Estas congregações ficaram encarregadas dos trabalhos paroquiais, da direção de escolas e das atividades em hospitais, deixando de lado o serviço eminentemente missionário. Ocorreu uma aproximação entre estas instituições e as classes médias urbanas e abastadas, já que boa parte de suas funções era patrocinada por este grupo social.<sup>59</sup>

Segundo Roseli T. BOSCHILIA, mesmo com a proclamação da República e o estímulo deste novo governo em ofertar o ensino laico à população brasileira,

---

<sup>57</sup> Esse novo impulso ocorreu possivelmente por causa do Tratado de Latrão já mencionado.

<sup>58</sup> AZZI, *A Neocrístandade: um projeto restaurador*. São Paulo: Paulus, 1994. v. 5. p.21-39.

<sup>59</sup> Alguns autores tratam da aproximação das camadas médias e abastadas com o clero no Brasil do início do século XX, entre eles AZZI, Riolando. *A Neocrístandade*, MARTINS, Patrícia Carla de Melo. *Colégio Nossa Senhora de Lourdes de Franca e o ultramontanismo* e BOSCHILIA, Roseli T. *Modelando condutas: a educação católica em colégios masculinos*.

o ensino das escolas católicas continuou a representar uma das alternativas para a educação, porque não havia recursos suficientes para atender às necessidades educacionais do Brasil. Sendo assim, apesar dos discursos inflamados dos republicanos contra o ensino dado pelas congregações religiosas, estas mantiveram o seu poder junto ao Estado e à população, principalmente a parcela ligada às camadas abastadas.<sup>60</sup>

A educação católica representava um bem simbólico muito grande, pois as famílias almejavam a ascensão social de seus filhos por meio do ingresso e da permanência deles nas escolas católicas. Este bem simbólico possibilitava ao aluno, na vida adulta, realizar trocas favoráveis, como um bom emprego e uma carreira política.<sup>61</sup> Neste sentido, a educação católica se configurou em uma das estratégias mais eficazes do ultramontanismo para atrair e atingir a sociedade laica para o seu lado na luta contra a modernidade.

Outra estratégia do ultramontanismo no Brasil, como já mencionamos, foi a imprensa. A prática da Igreja Católica tocante à imprensa se baseava em dois pontos: na censura de obras que fossem consideradas inimigas da Igreja e no incentivo de outras que difundissem e defendessem os ideais católicos.

No século XIX a imprensa católica brasileira era pouco desenvolvida, possuindo algumas revistas isoladas e nenhuma de expressão nacional, contando com poucos recursos monetários. No período de 1916 a 1945, a imprensa começou a receber uma atenção especial e muitas cartas pastorais foram redigidas com a intenção de formar uma imprensa católica nos moldes do jornalismo moderno.<sup>62</sup> A Pastoral Coletiva de 1915 propunha a criação da Associação da Boa Imprensa que teria como pólos de atuação a elaboração de um Diário Nacional e a centralização dos problemas dos jornais e das revistas. As revistas religiosas que recebessem o aval da Boa Imprensa poderiam receber

---

<sup>60</sup> BOSCHILIA. *Modelando ...* p. 42-43.

<sup>61</sup> Essa troca é percebida em trabalhos como de Arno MAYER, *A força da tradição*, em que o autor demonstra que a burguesia desejava ascender socialmente colocando seus filhos em colégios religiosos e tradicionais. O mesmo é verificado por Roseli T. BOSCHILIA em *Modelando Condutas*, analisando o colégio Santa Maria, de Curitiba, nas décadas de 1920 a 1960. A autora comenta como as famílias esperavam um retorno social da educação católica dada aos seus filhos.

<sup>62</sup> LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *Os bispos do Brasil e a imprensa*. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

recursos financeiros para manter-se. Sendo assim, não bastava ter uma imprensa católica, ela deveria ser vigiada pela alta hierarquia.

As cartas pastorais que dirigiam instruções para os diocesanos – clérigos e leigos – desejavam classificar a boa leitura para os fiéis, estimulando a imprensa católica ou proibindo a leitura de obras que questionavam os dogmas católicos.

Em 1924, D. Sebastião Leme, na carta pastoral *Da Boa Imprensa*, alertava os seus diocesanos para a importância de uma imprensa para a evangelização, admitindo que não era o suficiente cuidar dos pobres e dos doentes e construir escolas e igrejas: era preciso investir com mais afinco na imprensa católica.<sup>63</sup>

Uma das formas de utilização da imprensa pela Igreja Católica era a publicação de vulgatas, ou seja, obras de cunho popular para divulgação dos dogmas e dos preceitos da alta hierarquia da instituição. As obras do p.<sup>o</sup> Júlio Maria de LOMBAERDE (1878-1944), personagem do nosso próximo capítulo, tinham esta finalidade, como nos mostra a carta aprobativa do livro *A mulher Bemdita* "...Fazia-se sentir entre nós a falta de um livro de theologia mariana, mas de uma theologia popular, ao alcance de todos, sem entretanto perder a profundidade e a segurança da doutrina".<sup>64</sup> Estas vulgatas eram escritas com a intenção de tornar a teologia mais acessível aos fiéis por meio de uma linguagem menos especializada, convencendo-os a seguir os ensinamentos católicos.

Grande parte das vulgatas escritas pelo p.<sup>o</sup> Júlio Maria tinha o objetivo de rebater os críticos dos dogmas católicos, entre eles, espíritas, cientistas, intelectuais e, sobretudo, os protestantes. O autor servia-se do recurso da polêmica, isto é, rebatia as críticas protestantes extraindo trechos de jornais ou revistas desta religião, contrapondo-os com os dogmas católicos. A análise de algumas obras do p.<sup>o</sup> Júlio Maria serão feitas com mais profundidade no segundo capítulo.

Como já foi mencionado, uma das estratégias da Igreja Católica para atrair e normatizar os fiéis foram as associações leigas, apesar dos obstáculos

---

<sup>63</sup> LUSTOSA, op.cit., p. 25.

<sup>64</sup> LOMBAERDE, p.<sup>o</sup> Júlio Maria. *A Mulher Bemdita deante dos ataques protestantes ou respostas irrefutáveis às objeções protestantes contra o culto da Sma. Virgem Maria*. Manhumirim: O Lutador, 1936. p.5.

encontrados no início pelo movimento reformador brasileiro, devido à grande autonomia que as irmandades e confrarias possuíam e à resistência de seus membros em cederem às novas diretrizes de Roma. No início do século XX as paróquias brasileiras começaram a registrar um aumento significativo de associações leigas e de membros participantes, em grande parte pelo esforço dos padres diretores em difundir esta prática.

A intenção era trazer o fiel novamente ao seio da Igreja, por meio de uma vida sacramental intensa. Para isso, o fiel era acompanhado desde pequeno por meio do catecismo, o curso preparatório para a Primeira Comunhão, aprendendo algumas noções sobre os dogmas, os sacramentos e a moral cristã. Segundo Riolando AZZI, nas décadas de 1920 e 1930 no Brasil, o catecismo ocupou um lugar de destaque para o movimento reformador. A formação do "bom cristão" dependia do seu conhecimento da doutrina, por isso o catecismo era um dos elementos básicos da ação pastoral.<sup>65</sup>

A criança se tornaria um católico praticante após a Primeira Comunhão, porque daquele momento em diante ela partilharia da Mesa do Senhor com os demais fiéis<sup>66</sup> e poderia ingressar na Cruzada Eucarística. Nesta associação ainda não havia diferenciação por sexo, pois tanto meninas como meninos participavam. Ali as crianças compreendiam o valor do sacrifício, oferecendo a Deus o Ramallete Espiritual, que consistia na oferenda mensal ou anual de uma certa quantidade de comunhões, jejuns, confissões e missas assistidas pelos associados mirins. Assim, eles aprendiam desde cedo a ter uma vida sacramental intensa.

---

<sup>65</sup> AZZI, *A Neocristandade* ... p. 36.

<sup>66</sup> A eucaristia assumiu um papel muito importante para o movimento ultramontano. No Brasil, a partir de 1922, foram realizados congressos eucarísticos que difundiam a devoção a Jesus Cristo sacramentado, ressaltando o valor da eucaristia e estimulando a prática da comunhão. Pela prática constante da comunhão o clero brasileiro desejava disciplinar o católico segundo os parâmetros da ortodoxia ultramontana e reforçar a necessidade da figura do padre. Ou seja, o clero queria subordinar a crença da população em outros santos, com a representação de Jesus sacramentado, já que era necessária a participação do padre na consagração da hóstia. O primeiro Congresso Eucarístico ocorreu em 1933 na cidade de Salvador. IN: DIAS, Romualdo. *Imagens da Ordem...* p. 108-119. O primeiro Congresso Eucarístico foi realizado em Lille, na França, em 1881 e consistia na reunião de católicos, que por vários dias, professavam a sua fé mediante a eucaristia. Disponível em: [www.sampaio.jor.br](http://www.sampaio.jor.br) Acesso em : 9 fev. 2003.

As crianças permaneciam na Cruzada Eucarística até o momento em que seus corpos deixavam mais evidentes as diferenças anatômicas entre os sexos, isto é, na adolescência. A partir deste momento eram reforçados os papéis sociais de gênero, separando os rapazes, que iriam ingressar nos Congregados Filhos de Maria<sup>67</sup>, mais conhecidos como marianos, das meninas, que se associariam à União Pia das Filhas de Maria<sup>68</sup>. Nestas associações eram estimulados comportamentos que a Igreja Católica esperava do fiel, tentando introjetar a vigilância, principalmente no que dizia respeito à sexualidade.

A adolescência era vista com cautela e preocupação no discurso da Igreja, pois era um momento em que o jovem estava em maior contato com o mundo externo da casa, participando de uma vida social que incluía saraus, o carnaval, o cinema, os namoros, atividades que não tinham a supervisão direta dos pais. Os padres encontraram maneiras diretas e indiretas para interferir nestas atividades juvenis. Por exemplo, na comunidade de Manhumirim a igreja promovia exibição de filmes religiosos aos jovens e concursos de beleza para as moças.<sup>69</sup>

Outra forma encontrada pela Igreja para controlar a impetuosidade dos jovens era incentivar o seu ingresso em uma das associações leigas criadas para a sua idade e sexo. Nessas associações os jovens recebiam a orientação de um diretor, que por vezes poderia ser o padre da paróquia ou outro padre. Como as

---

<sup>67</sup> As associações marianas para leigos tiveram origem na iniciativa de Inácio de Loyola, em 1547, quando reuniu na Igreja de *Gesú*, em Roma, um núcleo de doze senhores com a finalidade de os instruir para a vida espiritual e para a caridade. Segundo o exemplo do fundador dos jesuítas, os padres desta ordem religiosa criaram por toda a Itália congregações, companhias ou sociedades marianas. Em 1563, Jean Leunis fundou no Colégio Romano em que lecionava um grupo para jovens, e tal prática se difundiu em outros colégios jesuítas. GIL, Benedito Miguel. *Os cursilhos e a reprodução do catolicismo europeu nas Américas*. Disponível em: [www.assis.unesp.br](http://www.assis.unesp.br). Acesso em 17 jan. 2003.

<sup>68</sup> A associação das Filhas de Maria foi fundada em 1837 na paróquia de *St Pierre du Gross*, em Paris, e sua organização estava associada às aparições de Nossa Senhora a Santa Catarina *Labouré* (1830). O seu manual foi escrito em 1848 e a associação se tornou União Pia em 1864 pela interferência do p.<sup>e</sup> Passèri. GIL, op.cit. Disponível em: [www.assis.unesp.br](http://www.assis.unesp.br). Acesso em 17 jan. 2003.

<sup>69</sup> BOTELHO, p.<sup>e</sup> Demerval Alves, S.D.N. *História de Manhumirim: município e paróquia*. (1924-1947). Belo Horizonte: O Lutador, 1989. v.2. Nesta obra percebemos a vida social de Manhumirim, cidade do leste mineiro, e as iniciativas da igreja em criar alternativas para os jovens. A preocupação com os divertimentos juvenis não era exclusividade desta cidade. Em Curitiba nas atas da Arquiconfraria das Mães Christãs encontramos referências do padre diretor sobre os perigos dos bailes e do carnaval aos jovens, recomendando que as mães os vigiassem.

demais irmandades, havia aí um manual que deveria ser seguido por seus membros.

No caso das moças da União Pia das Filhas de Maria, era esperado um comportamento exemplar, como no cuidado com o vestuário, ou evitar comportamentos considerados levianos e imorais pela ótica católica. Das moças da associação eram cobrados o recato, a obediência, o decoro e a pureza sexual, sendo proibido qualquer comportamento que pudesse denotar alguma mácula em sua auréola virginal.<sup>70</sup> A pureza sexual era um pré-requisito para as associadas, tanto que quando casavam deviam sair da União Pia das Filhas de Maria. Isto era feito na cerimônia do casamento. Logo após a associada ter subido ao altar e um pouco antes de se iniciar a celebração do matrimônio, a moça deveria entregar à diretora da União Pia a sua fita azul, retirando-se oficialmente da associação.

Para os rapazes o tratamento era um pouco diferente, ou seja, após o casamento o associado não era obrigado a se retirar dos Marianos, o que nos faz pensar que talvez a rigidez quanto à abstinência sexual antes do casamento era diferenciada para moças e rapazes. Aos rapazes eram prescritas normas que tentavam conter sua sexualidade, porém no caso das moças havia um rigor maior e uma vigilância constante. Tanto que algumas moças não ingressavam na União Pia das Filhas de Maria porque suas normas eram por demais severas.<sup>71</sup>

Segundo Riolando AZZI, a Igreja Católica prescrevia que a juventude deveria receber uma educação em moldes tradicionais, “aprendendo a considerar o corpo como um elemento negativo, devendo, na medida do possível, ser ocultado e até mesmo negado.”<sup>72</sup> Certamente que esta visão negativa do corpo não foi criada neste período, porém o desprezo ao corpo e à sexualidade recebeu maior rigor em resposta ao avanço dos costumes liberalizantes que exaltavam o prazer e o bem-estar corporal. Neste sentido, as práticas católicas voltadas aos fiéis enfatizaram a necessidade do sacrifício em detrimento do prazer.

---

<sup>70</sup> TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes e Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. Curitiba : Farol do Saber, 1996. p.27.

<sup>71</sup> DAS DORES, Irmã. Entrevista concedida pela diretora da Escola Normal de Manhumirim nas décadas de 1930 e 1940. 14 abr. 2002.

De qualquer forma, do rapaz mariano também era esperado um comportamento exemplar no trabalho, nas festas, nos namoros, na família. Nas concentrações marianas realizadas no mês de setembro, juntamente com as comemorações da Pátria, os rapazes encarnavam a virilidade desejada de um soldado do exército católico. Alguns dos membros dos Marianos pertenciam às famílias influentes da sociedade e significavam para a Igreja a possibilidade de interferir no destino da cidade e recuperar o prestígio social almejado.<sup>73</sup>

A Liga Católica e a Associação São Vicente de Paulo<sup>74</sup> foram outras associações consideradas estratégicas para a Igreja Católica. A Liga Católica, ou a Liga Jesus, Maria e José<sup>75</sup>, era uma associação ligada diretamente à Igreja e reunia senhores da sociedade. A Associação São Vicente de Paulo era uma irmandade que não estava submetida à autoridade da Igreja, porém realizavam trabalhos em conjunto. Segundo Romualdo DIAS, o catolicismo conservador brasileiro, durante as décadas de 1920 e 1930, divulgado pelo episcopado e por uma elite de intelectuais, criou grupos católicos para interferir na política e animar os movimentos de massa.<sup>76</sup>

---

<sup>72</sup> AZZI, Riolando. Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil (1930-1964). In: MARCÍLIO, Maria Luíza (Org.). *Família, mulher, sexualidade e Igreja na História do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1993. p. 125.

<sup>73</sup> Acreditamos que havia uma troca simbólica entre os membros das associações e os padres diretores. Enquanto os rapazes marianos eram tratados com distinção por pertencerem à associação, os padres diretores conseguiam a sua colaboração em obras que realizavam, como a construção de hospitais. Deduzimos isto pelo depoimento que o p.<sup>e</sup> Demerval Alves Botelho nos concedeu, e pelo trabalho de Roseli T. BOSCHILIA, no qual trata dos depoimentos dos ex-alunos do Colégio Santa Maria, demonstrando que estes, quando alunos, recebiam em sua educação uma dimensão religiosa, inclusive ingressando nas fileiras dos marianos, e após formados mantinham contato com o colégio, concedendo ajuda para manter os ideais católicos na sociedade.

<sup>74</sup> Também chamada de "As Conferências de São Vicente de Paula", fundada em 1833 por Antonio Frederico Ozanam com o propósito de visitar famílias pobres, fazer preces e leituras espirituais em suas habitações, assim como assisti-los com alimentos e roupas. GIL, op.cit. Disponível em: [www.assis.unesp.br](http://www.assis.unesp.br). Acesso em 12 jan. 2003.

<sup>75</sup> A Liga Jesus, Maria e José foi fundada pelo Capitão Henrique Belletable em 27 de maio de 1844, em Liège, na Bélgica, sob a orientação dos padres redentoristas, com o propósito de propiciar aos homens um instrumento de prática real e mais consciente de sua fé religiosa e, com isso, atender ao bem das respectivas famílias. Foi elevada à categoria de Arquiconfraria pelo Papa PIO IX em 1947. Chegou ao Brasil em 1902, tendo a sua base de apoio a Igreja de Nossa Senhora da Glória, em Juiz de Fora. Disponível em [www.ligacatolicajmi.hpg.ig.com.br](http://www.ligacatolicajmi.hpg.ig.com.br). Acesso em 12 jan. 2003.

<sup>76</sup> DIAS, op.cit.

Em 1922, D. Sebastião Leme publicou *A Ação Católica* de acordo com as diretrizes papais<sup>77</sup> que previam a maior participação do laicado no movimento da Igreja. Porém, o início oficial da Ação Católica ocorreu com os Mandamentos dos arcebispos e bispos do Brasil em 1935. A partir deste momento, “os leigos cooperavam, subordinados à hierarquia, com a evangelização entre os semelhantes”.<sup>78</sup>

Em 1932 foi criada a Liga Eleitoral Católica que tinha por objetivo mobilizar o eleitorado católico para eleger os candidatos comprometidos com a causa católica, principalmente porque se cogitava a elaboração de uma nova constituição do governo “revolucionário” de Getúlio Vargas. Outra ação desta elite intelectual católica foi a criação da Confederação Nacional dos operários católicos que possuía a nítida preocupação de afastar as idéias socialistas do meio operário.<sup>79</sup>

A idéia desta elite católica era preencher os vácuos de poder deixados pelo Estado brasileiro, como, por exemplo, atuar pela via parlamentar e conseguir aprovar leis que auxiliassem a Igreja a manter o seu poder na sociedade. Além disso, este movimento queria estimular a participação maciça da população, por isso organizaram movimentos religiosos de massa, segundo as diretrizes do catolicismo ultramontano.<sup>80</sup>

Como a intenção da elite católica era aumentar a influência da Igreja na sociedade, os senhores de associações masculinas como a Liga Católica e a Associação São Vicente de Paulo se configuraram em excelentes aliados, fosse porque eles poderiam financiar obras propostas pela Igreja, fosse porque elegeriam candidatos católicos, ou eles mesmos se tornariam candidatos que representariam os interesses eclesiásticos no governo. Neste sentido, as associações leigas assumiram um papel muito importante para o catolicismo brasileiro no início do século XX.

---

<sup>77</sup> Pio X definiu a Ação Católica como a participação do laicado, porém subordinado à hierarquia eclesiástica. Pio XI formulou que a Ação Católica tinha a finalidade de instaurar o catolicismo na vida e na sociedade. Informações retiradas DIAS, *op.cit.*, p. 88.

<sup>78</sup> *Id.*

<sup>79</sup> Esta confederação foi criada em 1922 no Primeiro Congresso Eucarístico.

<sup>80</sup> DIAS, *op.cit.*, p. 107.

### 1.2.1 Igreja Católica e público leigo no Brasil: o caso das associações leigas em Manhumirim

Com a intenção de mostrarmos como se dava a ação da Igreja mediante as associações leigas no Brasil, analisaremos fotografias, algumas atas da Cruzada Eucarística da igreja matriz de Manhumirim e os depoimentos de pessoas que vivenciaram as experiências destas associações na comunidade, naquele período, tanto leigos quanto do meio eclesialístico.

Para entendermos as dimensões técnicas das fotografias das associações leigas da igreja matriz de Manhumirim tivemos que lançar mão de depoimentos de pessoas que participaram destas associações nas décadas de 1930 e 1940. Pelas entrevistas percebemos que o momento da fotografia era especial, devido ao alto preço do serviço do fotógrafo, sendo assim a sua utilização era rara. Um desses momentos era a coroação de Maria. Durante o mês de maio todos os dias uma das meninas da comunidade era escolhida para coroar Nossa Senhora no altar da igreja matriz da cidade. A escolha da menina era uma honra para a família, que contratava banda para acompanhá-la da porta de casa até a igreja, assim como o fotógrafo para registrar este momento especial.<sup>81</sup> Infelizmente, não encontramos registro fotográfico da coroação de Maria na igreja matriz de Manhumirim, o que evidencia que este registro seria mais do interesse da família do que da igreja local.

O registro da coroação de Maria por parte da família demonstra que esse era um momento especial e garantia um certo prestígio social perante a comunidade. O que nos leva a pensar que os movimentos leigos incentivados pela igreja tinham boa repercussão entre os fiéis da paróquia de Manhumirim.

As fotografias analisadas foram selecionadas do arquivo da igreja matriz de Manhumirim e do Seminário da Congregação dos Irmãos Sacramentinos de Nossa Senhora<sup>82</sup>. Logicamente que o fato de as fotografias pertencerem a estas coleções influenciou os seus conteúdos, pois quem encomendava as fotografias

---

<sup>81</sup> CELINA. Ex-Filha de Maria. 12 de abril de 2002.

<sup>82</sup> As circunstâncias da fundação dessa congregação religiosa em Manhumirim serão narradas no próximo capítulo.

possuía interesses ligados à Igreja. Não tivemos acesso a muitas destas informações, mas podemos mapear alguns aspectos desta coleção. Um destes aspectos é o número significativo de fotografias que retratam a história da congregação dos Irmãos Sacramentinos e das realizações do seu fundador, p.<sup>o</sup> Júlio Maria DE LOMBAERDE.

Como a coleção pertencia à Igreja, o foco das fotografias era sempre a figura eclesial, sobretudo a do p.<sup>o</sup> Júlio Maria. As fotografias das irmandades foram tiradas justamente para mostrar as realizações e o trabalho missionário do padre junto à comunidade. Sendo assim, as fotografias aqui analisadas não foram produzidas para registrar os trabalhos das associações ou os feitos de seus membros. Os associados aparecem como coadjuvantes do padre, tanto nas fotografias quanto na narrativa sobre elas. O p.<sup>o</sup> Júlio Maria é a personagem principal e situa-se como um centro irradiador. Quando não era o p.<sup>o</sup> Júlio o centro, tal lugar era ocupado por outro membro da congregação.

Ao analisarmos as fotografias estivemos atentos à disposição espacial das personagens e aos símbolos que nelas aparecem, tentando apreender as relações sociais que ali estão representadas e os seus significados. Por vezes tiraremos proveito de outras fontes, para estabelecermos relações necessárias para a análise. Apontamos acima que as fotografias foram produzidas a partir do interesse dos padres que dirigiam estas associações. Por que era tão importante para o trabalho do pároco registrar, tornar estático aquele momento? No caso do p.<sup>o</sup> Júlio Maria percebemos por meio de outras fontes, como o livro tomo da igreja matriz de Manhumirim, que as anotações desejavam enfatizar a sua atividade evangelizadora junto à comunidade. Nas atas do livro tomo encontramos referência ao número de missas e de comunhões realizadas por ano, assim como o número de participantes de cada irmandade, entre elas, os marianos, a Liga Católica, o Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus<sup>83</sup>, as Filhas de Maria e a Cruzada Eucarística.<sup>84</sup>

---

<sup>83</sup> Em 1846 o p.<sup>o</sup> Gautrelet editou um opúsculo em que expunha o propósito e a organização do Apostolado da Oração. Havia três graus de associados; o primeiro que se limitava ao exercício essencial que era o oferecimento cotidiano dos seus atos ao Coração de Jesus; o segundo que, além do exercício essencial incluía a prece ao Coração de Maria; e o terceiro que

Na ata inaugural dos trabalhos paróquias em 1928, o padre descreveu como encontrou a comunidade que estava tomada pelas idéias protestantes e maçônicas, relatando que o espírito católico estava esmorecendo. Este esmorecimento era perceptível pelo pequeno número de fiéis que freqüentavam a missa aos domingos, e o padre citou o número de senhoras que faziam parte do Apostolado da Oração (15) e de moças pertencentes a União Pia das Filhas de Maria (18). Para demonstrar a transformação que ocorreu na paróquia após a sua vinda, o padre mostrou que conseguiu afugentar os protestantes e maçons, utilizando a imprensa e as associações leigas.<sup>85</sup>

Acreditamos que o registro do número de associados das irmandades e as fotografias foram formas encontradas pelo p.<sup>o</sup> Júlio Maria para provar a eficácia de suas atividades evangelizadoras junto à comunidade. Visto que esta documentação era supervisionada pelo bispo diocesano, primeiro por D. Carloto Fernandes da Silva Távora, bispo de Caratinga, e depois por seu substituto D. José Maria Parreira Lara, podemos deduzir que o padre Júlio Maria queria prestar contas de sua atividade evangelizadora para os seus superiores.<sup>86</sup>

Além de fins comprobativos, essa documentação queria evidenciar a vitória do catolicismo na região. Isto também é observável nas majestosas construções idealizadas e realizadas pelo padre, como o Ginásio Pio XI e o Hospital São Vicente de Paulo, sendo que a figura central deste triunfo do catolicismo na região era o p.<sup>o</sup> Júlio Maria. Neste sentido, nas fotografias o padre é o centro irradiador, como já referido acima, e os membros das associações corpos disciplinados a seu dispor, para lutar contra os inimigos da Igreja e difundir a moral cristã por meio de seu exemplo.

O p.<sup>o</sup> Júlio Maria se colocava como figura central do triunfo do catolicismo em sua paróquia, como podemos observar neste trecho do livro tombo de 1928.

---

incluía a prática da comunhão reparadora pelo menos uma vez por semana. Em 1849, o Papa PIO IX concedeu a aprovação à associação. Disponível em: [www.geocities.com](http://www.geocities.com). Acesso em 12 jan. 2003.

<sup>84</sup> Ver tabela no anexo.

<sup>85</sup> Livro Tombo da igreja matriz de Manhumirim em 1928.

<sup>86</sup> Na ocasião da posse de D. Parreira de Lara ocorreram denúncias sobre o estado precário do seminário de Manhumirim dirigido pelo p.<sup>o</sup> Júlio Maria, o que levou o bispo a visitar a

...Tendo tomado posse da Paróquia, esperei a hora oportuna para agir, provocando-a durante a pregação do Mês de Maria./ O resultado não se fez esperar. Os protestantes desesperados pela enorme concorrência do Mês Mariano e o entusiasmo dos católicos, espalharam um Boletim, contendo diversas objeções contra a Religião, e mandaram vir um pastor de fora para prègar nas ruas./ Tomei a defensiva e ataquei resolutamente em conferências públicas e pelo jornal "Manhumirim". O resultado foi extraordinário./ A Igreja encheu-se, o jornal duplicou as tiragens e apesar da resistência tenaz dos pastores a verdade foi vencendo os obstáculos. Cairam-me nas costas uns cinco Pastores, com artigo e folhetos, respondi a todos, esmagando-os a um por um, obrigando-os a uma retirada vergonhosa. A opinião pública foi conquistada em favor da verdade...<sup>87</sup> [sem grifo no original]

Pelo uso dos verbos que denotavam ação e força na primeira pessoa do singular, o padre deixou claro que a sua luta contra os inimigos da Igreja em Manhumirim era solitária. O mesmo aconteceu na parte em que menciona que organizou e fundou as associações, na qual os associados aparecem como seres passivos. Isto é perceptível nas fotografias, nas quais os associados são apenas coadjuvantes da história das atividades missionárias do padre. Certamente, o p.<sup>o</sup> Júlio Maria agiu de acordo com as idéias ultramontanas que previa uma hierarquia entre o clero e os fiéis, dentro ou fora das associações.

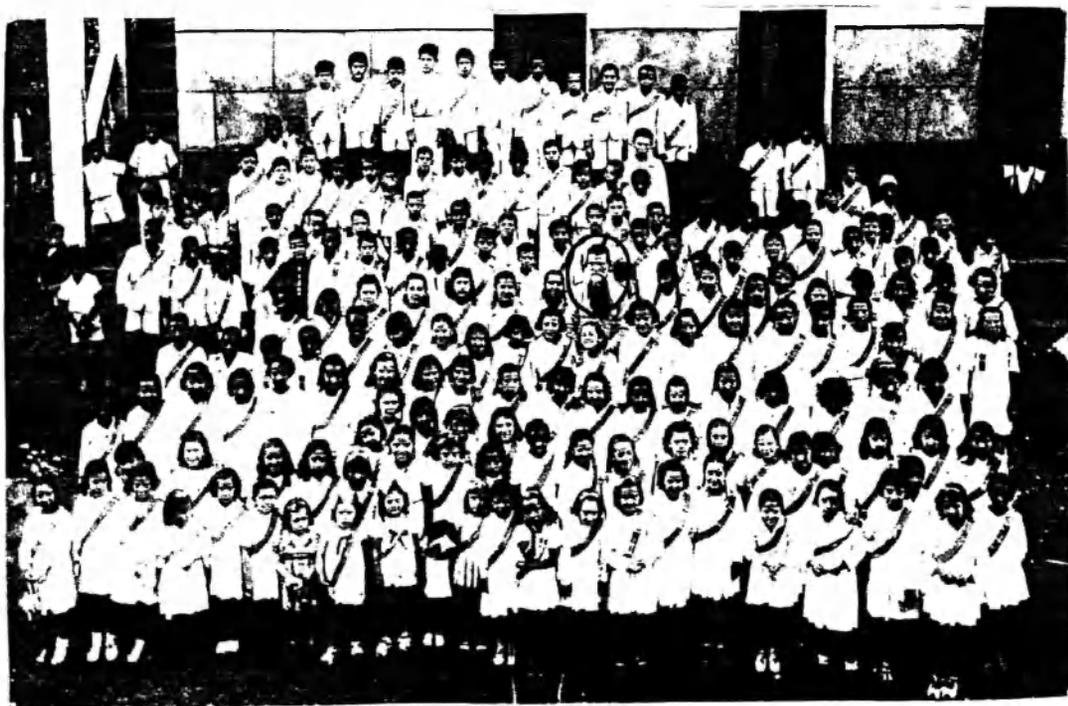
Na fotografia da Cruzada Eucarística, apesar de esta associação ter sido destinada tanto para meninas como para meninos, podemos perceber uma divisão por sexo, sendo o padre o elemento divisor. Os meninos se posicionavam ao fundo como soldados que protegiam o padre e as meninas. Deste modo, os meninos aprendiam o seu lugar na sociedade idealizada pelo ultramontanismo, ou seja, o de protetores da Igreja e da virtude e pureza das mulheres cristãs.

Na fotografia do Asilo São Vicente de Paulo, podemos observar o p.<sup>o</sup> Júlio Maria no centro cercado de pessoas pobres, idosos e doentes e ao fundo senhores da comunidade vestidos com terno. A imagem registra a fundação do asilo, uma obra realizada pelo p.<sup>o</sup> Júlio Maria em conjunto com os vicentinos, e demonstra simbolicamente o que os vicentinos representavam para a Igreja e para os desvalidos, ou seja, o apoio e o amparo, a retaguarda leiga.

---

paróquia e relatar que não havia nada de errado. In: BOTELHO, p.<sup>o</sup> Demerval Alves, SDN. *História dos Missionários Sacramentinos*. Belo Horizonte: O Lutador, 1994. P.301-314.

<sup>87</sup> Livro Tombo da igreja matriz de Manhumirim, 1928. s.p.



*Cruzada Eucarística de Manhumirim, [193?].*

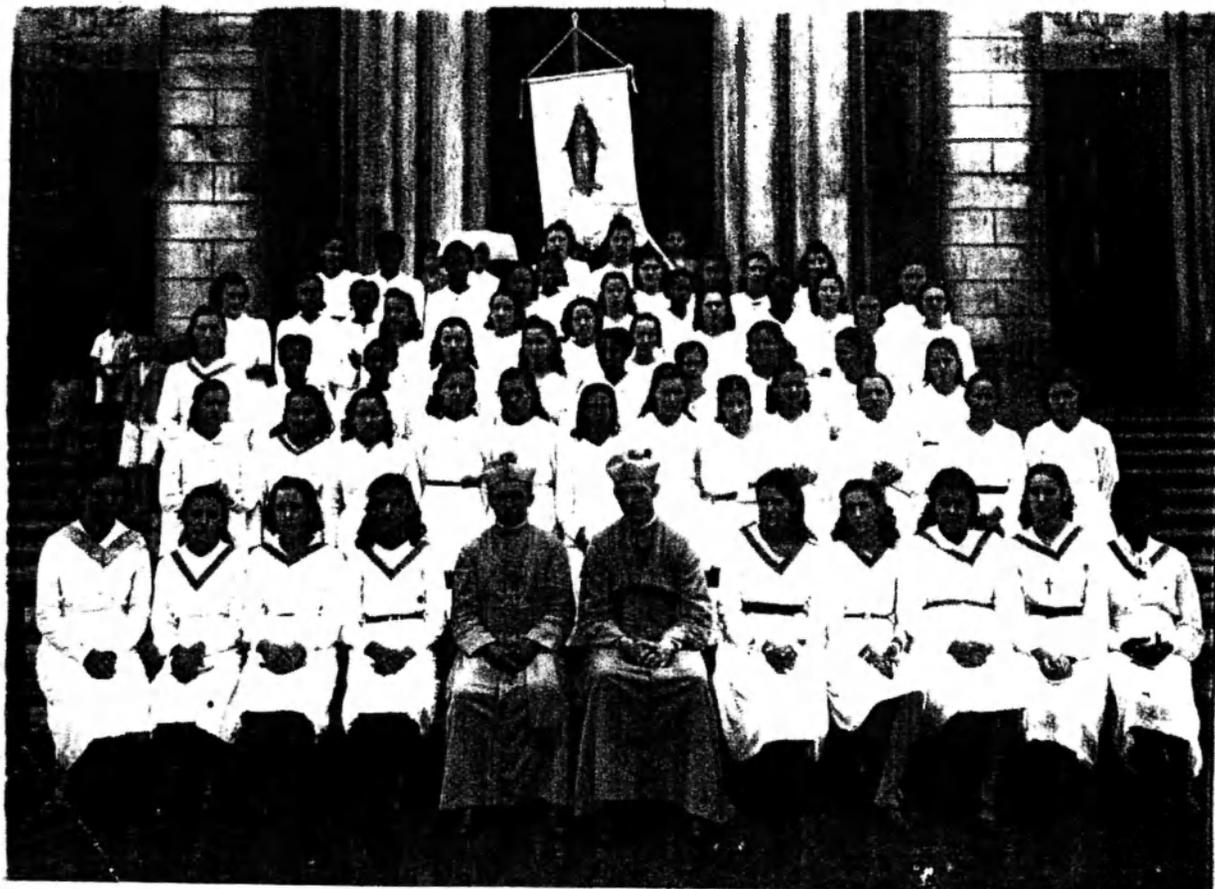


FESTA DOS POBRES em Manhumirim-1934  
Uma promoção dos Vicentinos

O Pe. JM queria que seus Missionarios instruissem, "de preferencia, os pobres, os humildes, os ignorantes . . . (Const. de 1928, nº 231) - "Era amigo de todos, principalmente dos pobres. Era simples, caridoso. Os pobres, as crianças, os velhos eram os seus preferidos." (Testemunho do povo de Manhumirim)

A fotografia da Concentração Mariana, realizada no dia da independência do Brasil, retratava os marianos como soldados em defesa da Pátria católica, ameaçada pelo socialismo, o liberalismo, o protestantismo, enfim todas as idéias que ousavam ir contra as “verdades católicas”. Na fotografia da Filhas de Maria, da cidade de Dores do Indaiá, as personagens estavam dispostas em forma piramidal, sendo a base composta pelos membros da Igreja, o corpo formado pelas jovens e no ápice almejado por eles, estava a figura emblemática de Nossa Senhora, formando uma linha vertical com os representantes do clero.





*União Pia das Filhas de Maria de Dores de Indaiá, [193?].*

Como podemos verificar pelas ações do p.<sup>e</sup> Júlio Maria em Manhumirim, a Igreja Católica no Brasil efetivou no início do século XX uma ação mais contundente em relação ao público leigo. Para tanto, tirou proveito da imprensa, da educação e das associações leigas, com a nítida intenção de estender o seu poder por meio de uma rede de relações que pretendia atingir todos os membros da sociedade civil.

O alvo principal desse movimento era a família cristã, pois atraindo-a para as fileiras católicas a Igreja conseguiria aliados para sustentar suas idéias conservadoras na sociedade moderna. Neste contexto, o discurso católico revalorizou o papel da mãe na educação da prole e na manutenção da moralidade no lar.

### 1.3 IGREJA E A VALORIZAÇÃO MATERNA

Nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, era corrente no discurso católico a necessidade de arrancar a população da ignorância em que ela estava mergulhada devido à má influência das idéias modernas, como o liberalismo, o socialismo e o protestantismo. Para tanto, a Igreja promoveu o reforço da catequese de fundo dogmático e moralista, condenando práticas não condizentes com o católico praticante.<sup>88</sup> Como vimos anteriormente, com a finalidade de salvar a população brasileira, a Igreja Católica atuou em duas frentes: a educação e a família.

Em nossa pesquisa nos detemos na ação pastoral voltada à família, tentando entender como ela se tornou um objeto de interesse para a Igreja Católica no período que abrange a metade do século XIX e início do XX, sobretudo pretendemos analisar a importância dada ao papel materno no interior da família cristã.

Primeiramente é importante salientar que o interesse sobre a família não foi exclusividade da Igreja Católica. Michelle PERROT explica que após a Revolução Francesa houve uma preocupação dos pensadores sobre a separação dos interesses do Estado e do indivíduo. Em meio a esta discussão a família se tornou um tema recorrente, pois era considerada a célula base da sociedade e, por extensão, do Estado. Por outro lado, a família também era o espaço dos interesses pessoais de seus membros. Sendo assim, esta dualidade da família permeou os discursos referentes a ela e aos papéis atribuídos aos seus membros.<sup>89</sup>

A família se tornou responsável por várias funções, entre elas, gerenciar interesses privados, produzir bens e manter um patrimônio, assim como reproduzir cidadãos, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos para assegurar o

---

<sup>88</sup> AZZI, A *Neocristandade...* p. 76-79.

<sup>89</sup> PERROT, Michelle. *A Família Triunfante*. In: ARIÉS, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada: da Revolução Francesa a Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 4.

progresso do país. Portanto, para a família foi reservada uma série de atribuições que se não fossem cumpridas poderiam acarretar a corrosão social da nação.

Para garantir que estas funções seriam cumpridas a contento foram elaborados discursos para normatizar e dirigir a família, entre eles, o médico, o jurídico e o religioso. A família prescrita por estes discursos possuía poucas variações, sendo centrada na figura paterna, responsável em prover o sustento, gravitando ao seu redor estavam a mãe consciente de seu papel de guardiã moral, e os filhos obedientes .

Estes discursos estavam em consonância com a idéia do “Doce Lar”<sup>90</sup>. No século XIX o lar se tornou um refúgio, para o homem, do mundo selvagem e capitalista. Em casa ele estaria seguro e a salvo da imoralidade, cercado-se do afeto da esposa e dos seus filhos. Processou-se, assim, uma separação entre o universo doméstico e o público.

Nesse sentido, houve uma definição mais estanque dos papéis sociais de gênero, cabendo ao homem as funções ligadas ao público como, o comércio e a política, e à mulher as atividades associadas ao privado como, os trabalhos domésticos e a educação dos filhos: “A masculinidade se baseava na capacidade do homem em atender às necessidades dos seus; a feminilidade de uma esposa e de suas filhas se fundava na dependência”.<sup>91</sup>

Portanto, as mulheres, ao serem associadas à esfera privada, eram portadoras da moralidade e capazes de neutralizar as influências devastadoras do mundo externo. Este novo modelo familiar, denominado por alguns autores de modelo burguês, delimitou de forma mais rígida e clara as funções sociais de homens e mulheres.

Ao analisar as figuras e os papéis presentes no modelo familiar burguês, Michelle PERROT<sup>92</sup> reconhece que a figura central é o pai. Este tinha o poder público, no mundo dos negócios e da política, e também possuía o poder doméstico. A figura do pai continuou a centralizar as decisões familiares. Isto é

---

<sup>90</sup> HALL, Swett Home. In: ARIÉS, Philippe; DUBY, Georges. op.cit., p. 53-87.

<sup>91</sup> Ibid., p.70.

<sup>92</sup> PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: ARIÉS, Philippe; DUBY, Georges. op.cit.,p.121-191.

perceptível na legislação vigente na época que dava amplos poderes ao pai sobre a esposa e os seus filhos.

Porém, a autora menciona que as mulheres em meados do século XIX dispuseram de novas possibilidades de ação no interior da sociedade que não são desprezíveis, porque a esfera do privado e os papéis femininos conheceram uma revalorização nesse período, principalmente no que se referia à maternidade.

A maternidade se tornou um tema significativo no século XIX em decorrência da valorização da criança e o cuidado com a infância. A criança não pertencia apenas aos pais, mas também ao Estado, dela dependia o futuro da nação. Por isso a importância de prover uma infância rica, saudável e moral à criança, para que no futuro a nação desfrutasse de bons cidadãos, trabalhadores e soldados.

A infância se tornou o campo limítrofe entre o público e o privado, da interdição e interseção de discursos e ações sobre a educação da criança. Em decorrência da valorização da infância ocorreu o mesmo com a maternidade, tanto que as mulheres que não se dedicassem a ela eram consideradas aberrações da natureza. Estes discursos determinavam que a função social feminina era a maternidade, obviamente, nos limites do casamento.

A maternidade não foi apenas enfatizada nos discursos normatizadores, tais como o médico, o jurídico e o religioso; o discurso feminista também valorizava este papel feminino. A reafirmação dos papéis sociais de gênero, na maioria dos discursos no século XIX, ocorreu pela necessidade em manter os costumes tradicionais após a Revolução Francesa, pois com a emergência da democracia representativa, com a inserção da mulher no meio fabril e a proliferação dos movimentos femininos, os territórios que definiam os gêneros ficaram instáveis.<sup>93</sup>

Desde as vésperas da Revolução Francesa as mulheres tiveram participação política ativa, estando à frente dos levantes nas ruas, sendo chamadas de “bota-fogos”, porém, após a tomada do poder o discurso revolucionário tendeu a recolocar a mulher “em seu lugar”, ou seja, nos limites da

---

<sup>93</sup> PERROT. Figuras e papéis... p. 121-191.

domesticidade. Neste sentido, o século XIX se caracterizou, também, como um momento de embate entre as idéias que queriam conservar o papel social feminino e os movimentos que desejavam modificá-lo.<sup>94</sup>

Para Anne-Marie KAPPELI<sup>95</sup>, é inútil procurar o momento fundador dos movimentos femininos, pois “os rostos do feminino são múltiplos”. Portanto, a autora analisa-os como idéias a partir de seus discursos. De qualquer forma, todos os movimentos tinham em comum a sua base intelectual, ligados geralmente às idéias iluministas ou às idéias oriundas do protestantismo. Estas idéias tiveram um terreno fértil no século XIX, pois os papéis sociais de gênero foram questionados e ocorreu uma invasão feminina do mundo público, até então dominado pelos homens.

As posições teóricas feministas daquele período estavam baseadas em duas formas de entendimento do gênero feminino: a primeira, igualitária, que preconizava a igualdade entre homens e mulheres, e por isso lutavam pelos mesmos direitos para ambos os sexos. A segunda, dualista, que diferenciava o homem da mulher, evocando a capacidade feminina de ter filhos. Esta corrente foi a que predominou durante o século XIX.

Anne-Marie KAPPELI divide os movimentos feministas do século XIX em três correntes: liberal, socialista e religioso. Na corrente liberal encontravam-se geralmente as mulheres burguesas que defendiam a participação política pela via reformista. Além da campanha pelo sufrágio universal, lutavam pela emancipação feminina perante a lei, como o direito da mulher casada em administrar os seus bens.<sup>96</sup>

Na corrente socialista destacavam-se as operárias e suas reivindicações estavam mais ligadas aos interesses de classe do que de gênero. Aliás, a inserção cada vez mais crescente das mulheres em trabalhos tidos como masculinos era vista como ameaça pelos sindicatos. Obviamente que o emprego da mão-de-obra feminina estava relacionado aos salários baixos que as mulheres

---

<sup>94</sup> GODINEAU, Dominique. Filhas da liberdade e cidadãs revolucionárias. In: PERROT, Michelle; FRAISSE, Geneviève. op.cit., p. 21-40.

<sup>95</sup> KAPPELI, Ane-Marie. Cenas Feministas. In: PERROT, Michelle; FRAISSE, Geneviève. op.cit., p.541.

<sup>96</sup> KAPPELI. op.cit., p.563.

recebiam, provocando a demissão de muitos homens. Por isso, alguns sindicatos, para tentar impedir a contratação de mulheres, usavam como argumentos a fraca constituição física da mulher e a imoralidade à qual a trabalhadora estaria sujeita no seu ambiente de trabalho.<sup>97</sup> Por outro lado, o socialismo utópico elaborou uma crítica à sujeição da mulher, sobretudo no que dizia respeito ao casamento. O empenho destes pensadores em conquistar a igualdade entre os sexos estava apoiado na crença da superioridade moral da mulher.<sup>98</sup>

Na corrente religiosa, encontramos dois tipos de participação: as mulheres protestantes e as católicas. A Igreja Reformada parte do princípio, já expresso por Lutero, de que qualquer cristão poderia ser consagrado ao sacerdócio, o indivíduo não precisaria levar uma vida diferente das demais pessoas para exercê-lo. Esta idéia de sacerdócio provocou duas situações nas sociedades protestantes: de um lado, proporcionou uma maior possibilidade de promoção social do indivíduo; e de outro, promoveu uma reprodução da sociedade global no universo clerical. Deste modo, o protestantismo tendeu a impedir a mobilidade social da mulher, procurando conservar o papel social tradicional dela, isto é, o de esposa e de mãe.<sup>99</sup>

Apesar de bloquear o acesso da mulher às funções sacerdotais, havia no meio protestante uma preocupação com a educação das moças, porque elas seriam “responsáveis pelo bem-estar afetivo e pela ascensão cultural de sua família”<sup>100</sup>. Mesmo com as interdições, as mulheres protestantes desempenharam algumas funções de profunda relevância, como as de hospedeiras, de diaconisas e de auxiliares de seus maridos pastores. Geralmente estas funções estavam associadas à filantropia, mas com o passar do tempo as mulheres protestantes assumiram lutas mais abrangentes, como no caso das norte-americanas que promoveram a luta contra a escravidão. A partir de várias lutas e insistências, as

---

<sup>97</sup> SCOTT, Joan W. A mulher trabalhadora. In: PERROT, Michelle; FRAISSE, Geneviève. *op.cit.*, p. 464-465.

<sup>98</sup> KAPPELI, *op.cit.*, p. 543.

<sup>99</sup> BAUBÈROT, Jean. Da mulher protestante. In: PERROT, Michelle; FRAISSE, Geneviève. *op.cit.*, p.238-239.

<sup>100</sup> *Ibid.*, p.240.

mulheres protestantes conquistaram espaço no interior da instituição eclesiástica, como, por exemplo, o direito à pregação.

Quanto ao catolicismo, em meados do século XIX, ao dar-se conta do número crescente de fiéis do sexo feminino, a Igreja formalizou “a figura materna como iniciadora... como um padre no lar”.<sup>101</sup> A partir deste momento, a figura da Virgem Maria com o menino Jesus foi associada à mãe cristã. A hagiografia foi povoada por histórias de mães de santos que os iniciaram no Cristianismo por meio de ensinamentos no seio familiar.

As meninas passaram a ser educadas segundo o modelo católico da mãe cristã, estreitou-se, também, o controle sobre as moças por intermédio de novas associações, como a União Pia das Filhas de Maria e de colégios religiosos. O culto ao papel de mãe foi estimulado nos manuais de conduta, tendo como temas recorrentes a educação da mulher e dos seus filhos, a exaltação da família, a luta contra a instrução pública e a emancipação feminina.<sup>102</sup>

Nesse sentido, pelos temas dos manuais percebe-se que a Igreja procurou elaborar um discurso voltado às mulheres para persuadi-las a lutar contra os valores emergentes da modernização e recuperar os seus fiéis mediante a valorização da família. Segundo Célia LUCENA, o papel da família na transmissão cultural vem de longa data, porque ela é responsável pela manutenção das crenças, hábitos, comportamentos, visões de mundo e religiões vivenciadas pelo grupo. Neste cenário a mulher tem lugar de destaque, pois o espaço doméstico e a educação dos filhos era sua função social na virada do século XIX e início do XX, e por isso exercia grande influência na manutenção destes valores.<sup>103</sup>

Ao reconhecer a família como um espaço para transmitir e perpetuar os seus valores, a Igreja desenvolveu ações com a intenção de atingi-la, entre elas a valorização do papel materno e um discurso voltado para a mulher.

---

<sup>101</sup> GIORGIO, op. cit., p. 220.

<sup>102</sup> GIORGIO. op. cit., p.220-221.

<sup>103</sup> LUCENA, Célia. Mobilidade social: histórias de famílias e variedades de gênero. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *(Re)introduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996. (Série Eventos).p.206-216.

A aproximação entre a mulher e a Igreja em meados do século XIX e início do XX se processou, segundo Ivan MANOEL<sup>104</sup>, devido à "teoria dos círculos concêntricos", isto é, a Igreja acreditava que por intermédio da mãe cristã educaria o filho, do filho cristão chegaria à família e da família cristã à sociedade, gerando a recristianização da sociedade moderna. Por isso, a Igreja Católica adotou tantas medidas para atrair o público feminino, seja por meio da educação, seja das associações leigas destinadas às moças e às mães de família, que se inspiravam nas virtudes da Virgem Maria.

Obviamente que o culto, as festas e as associações que homenageavam Nossa Senhora não foram invenções do século XIX, desde a Idade Média existiam festas e cultos em sua homenagem. Porém, as polêmicas que cercavam a figura da mãe de Cristo suscitavam receios por parte dos membros da Igreja Católica em estimular o seu culto. Apenas no Concílio de Trento (1545-1563) a hierarquia eclesiástica se posicionou a respeito da Virgem Maria devido os ataques que a Santa estava recebendo dos protestantes. Neste sentido, o Concílio de Trento proclamou Maria isenta do Pecado Original, sem instituir o dogma.<sup>105</sup>

Em 1854 PIO IX decretou o dogma da Imaculada Conceição de Nossa Senhora. A partir desse momento a castidade e a pureza de Nossa Senhora não poderiam mais ser contestadas. Não importavam quantos argumentos fossem utilizados pelos opositores da excepcionalidade de Maria, pois o papa, que era o chefe da Igreja Católica, afirmava que a Mãe de Cristo era pura e toda a cristandade tinha que aceitar o fato. O dogma da Imaculada Conceição encerrou uma prolongada contenda no interior da Igreja, que teve seu início na época dos primeiros pais da Igreja até o século XIX<sup>106</sup> e ao mesmo tempo impulsionou a devoção à Nossa Senhora.

---

<sup>104</sup> MANOEL, *op.cit.*, p. 49.

<sup>105</sup> WARNER, Marina. *Alone all her Sex: the myth and cult of the Virgin Mary*. New York: Vintage Books, 1983. p.245.

<sup>106</sup> *Ibid.*, p. 245-249

O século XIX era considerado pelo p.<sup>e</sup> Júlio Maria de Lombaerde<sup>107</sup> o século de Maria, por causa das aparições e das devoções que nasceram nesse período. Este fervor devocional ganhou novo impulso com a decretação do dogma pela Igreja Católica, o que provocou uma grande reação da parte dos protestantes que se opunham ao culto<sup>108</sup>. Diante deste fenômeno de explosão do culto mariano no século XIX e início do XX poderíamos aventar algumas hipóteses. Uma delas seria que o culto mariano teve grande aceitação entre os fiéis por apelar aos sentimentos que todos pretensamente conheciam, que eram aqueles que remetiam à relação mãe e filho. Outra hipótese seria a atração que este culto teve entre as mulheres porque valorizava o seu papel social de mãe. Sendo assim, a representação de Nossa Senhora não seria apenas normatizadora da sexualidade e da moral, mas também uma possibilidade de valorização das qualidades femininas associadas à maternidade.

De qualquer forma, é perceptível nas medidas papais, nos manuais e nas associações leigas femininas a utilização da representação da mãe cristã, não apenas de Nossa Senhora, mas também de mães de santos famosos ou de santas mães. Era o caso da Arquiconfraria das Mães Christãs, fundada em 1856 pelo p.<sup>e</sup> Theodoro RATISBONNE em Paris. O manual desta associação retratava a vida de várias mães cristãs para servirem de modelos às senhoras piedosas que se reuniam mensalmente.

O culto à Virgem Maria ou às outras mães cristãs, dentro ou fora das associações leigas, foi uma das estratégias da Igreja ultramontana para conquistar os corações e mentes do público feminino. Afinal estas representações femininas permitiam a identificação das fiéis, apoiando-se na relação mãe/filho, ao mesmo tempo que eram um meio para propagar a moral católica às fiéis.

Apesar da importância que a mulher assumiu para o ultramontanismo na luta contra a modernidade, a relação entre a Igreja Católica e a mulher era ambígua. Se, por um lado, havia uma aproximação entre a Igreja Católica e o

---

<sup>107</sup> LOMBAERDE, Júlio Maria. *Maria e a Eucharistia: estudo doutrinal de um título e de uma doutrina. (Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento)*. Manhuminim: O Lutador, 1937. P.51-53.

<sup>108</sup> Reação que podemos verificar ao vermos as publicações protestantes e católicas do período que debatiam a respeito do culto mariano.

público feminino, por outro, as mulheres eram excluídas do centro de decisões desta instituição. Zaira ARY<sup>109</sup> levanta três hipóteses para explicar esta posição da mulher perante a Igreja: primeiro, o fato de Eva, a primeira mulher, nascer no mito cristão como um ser secundário, destinado a acompanhar o homem e ajudá-lo na reprodução; segundo, todas as mulheres são herdeiras de Eva e por isso sofrem as conseqüências do Pecado Original, como a inferioridade em relação ao homem e as dores do parto. Por fim, remete à questão de que Eva sucumbiu à tentação da serpente, o que demonstrou a fragilidade moral do sexo feminino.

Essas hipóteses, prossegue a autora, podem ser percebidas no culto mariano, pois uma das formas de redimir as mulheres do erro de Eva foi a sacralização da maternidade, ou seja, a mãe cristã deveria se tornar uma cópia de Nossa Senhora. Em outras palavras, devia dirigir a sua sexualidade apenas para a reprodução, sendo o esteio moral da família e, conseqüentemente, da sociedade. Deste modo, revestindo a mãe cristã de uma auréola de santidade e de abnegação, a sua função de educadora moral era procedente. Neste caso, ela seria moralmente superior ao homem, por ser assexuada, o que lhe concedia um determinado poder sobre os seus filhos e também sobre o marido.

Essa valorização da maternidade dessexualizada no discurso ultramontano será o objeto de nossa atenção nos próximos capítulos, nos quais analisaremos a construção e a divulgação da representação da mãe cristã no início do século XX no Brasil. Para tanto, utilizaremos como fontes algumas obras do p.<sup>o</sup> Júlio Maria DE LOMBAERDE que tratam do culto mariano e da devoção à Sagrada Família, e o estudo da fundação, do manual e das ações da Arquiconfraria da Mãe Christã de Curitiba. Lembramos que a intenção deste trabalho é demonstrar que a representação materna católica difundiu um padrão de comportamento para as mulheres casadas, com o objetivo de conquistar espaços e poderes na sociedade moderna.

---

<sup>109</sup> ARY, Zaira. *Masculino e feminino no Imaginário Católico: da Ação Católica à Teologia da Libertação*. São Paulo: Annabluma, 2000. (Col. Outros Diálogos). p. 76.

## 2. DA DEFESA DO CULTO MARIANO À LEITURA DEVOCIONAL PARA AS FAMÍLIAS CRISTÃS: O PADRE JÚLIO MARIA DE LOMBAERDE

Ao passar por Manhumirim (...) algo me atraiu a estê lugarejo tristonho e feio, encaixado entre montanhas descalvadas. Vi nele uma parecença com Macapá, onde iniciára, no norte, a minha senda de fundador, e com Grave, aldeia da Holanda, donde surgira, no sofrimento, a congregação a que pertencço; e achei que Manhumirim era a paragem escolhida por Deus.<sup>1</sup>

### 2.1 ULTRAMONTANISMO, P.<sup>o</sup> JÚLIO MARIA DE LOMBAERDE E MANHUMIRIM

Nos últimos dias do mês de março de 1928 chegava na cidade de Manhumirim o missionário belga Júlio Maria DE LOMBAERDE (1878-1944). Nesta pequena cidade de Minas Gerais, na qual a única movimentação se dava na praça, onde era realizado o comércio de madeira e café, provavelmente a sua população ficou curiosa com o homem que há pouco chegara na estação, com roupas escuras e barbas longas.

O sacerdote tinha como propósito fundar uma congregação brasileira para formar padres nesta cidade. Júlio Maria também encarregou-se da condução dos trabalhos paroquiais da comunidade, paróquia esta que possuía uma igreja inacabada e poucos fiéis. Escolheu o mês de maio para dar impulso às suas atividades sacerdotais, por ser o mês dedicado à Virgem Maria. Os festejos marianos agitaram a cidade até então pouco afeita aos costumes católicos, provocando a ira da ala protestante da população. Para defender a si mesmo e os dogmas católicos, p.<sup>o</sup> Júlio Maria escreveu no jornal local de Manhumirim e em novembro de 1928 fundou, com o apoio de D. Carloto Fernandes da Silva Távora, bispo de Caratinga, o periódico *O Lutador*.

O que levou um missionário belga a mudar-se para o Brasil em condições tão adversas? Quais foram os caminhos percorridos por ele antes de sua chegada a Manhumirim? Júlio Emílio DE LOMBAERDE nasceu no dia sete de janeiro de

---

<sup>1</sup> MIRANDA, Antonio. p.<sup>o</sup> *Júlio Maria, sua vida, sua missão: o homem, o sacerdote, o fundador. Manhumirim: O Lutador, 1948. p. 220. Segundo o autor, essas foram as palavras do*

1878 em Wacreghen na Bélgica, contudo se considerava francês, pois sua família mudou-se para Lille, na França, logo depois de seu nascimento. De família numerosa, apenas dois filhos sobreviveram, Júlio Emílio e Aquiles, e ambos seguiram a vida religiosa. Pelas poucas informações que temos, Júlio Emílio recebeu uma educação religiosa de sua mãe e uma formação escolar em colégios de freiras.<sup>2</sup>

Contando com quinze anos de idade cursou um ano do preparatório para o magistério no Instituto São José em Thourout, na Bélgica. Nesse período Júlio Emílio sentiu a sua vocação religiosa, entrando em 1894 no Postulado dos Padres Brancos<sup>3</sup>. Esta congregação tinha como objetivo organizar missões para catequizar pagãos de outros continentes, dispondo para este fim de dinheiro angariado entre as senhoras piedosas da alta sociedade.

Sendo assim, no dia dezenove de outubro de 1895 Júlio Emílio partiu para a África. Doze dias depois vestiu o hábito de Irmão Branco recebendo o nome de optato Maria, passando a se chamar Júlio Maria. Permaneceu na África até 1901<sup>4</sup>, quando foi acometido por uma febre e enviado para a sua terra natal. No período de sua moléstia Júlio Maria recorreu à Virgem Maria pedindo a graça de ser curado, em troca dedicaria a sua vida ao sacerdócio e a adoração à Nossa Senhora.

padre Júlio Maria para explicar por que escolheu Manhumirim em detrimento de outros lugares mais desenvolvidos na região do leste mineiro.

<sup>2</sup> Todas as informações biográficas sobre o p.<sup>o</sup> Júlio Maria DE LOMBAERDE foram retiradas MIRANDA, *op.cit.*

<sup>3</sup> Fundada em 1868 pelo Cardeal Lavignie (1825-1892), a Congregação dos Missionários de Nossa Senhora da África tinha como objetivo atingir os afro-argelinos por meio de escolas, hospitais, orfanatos, artesanatos. Os missionários desta congregação, assim eram chamados por causa de suas roupas brancas, traje adotado após o contato com os muçulmanos do continente africano, pois a idéia da ordem era se assemelhar aos catequizandos para melhor atraí-los.. O p.<sup>e</sup> Júlio Maria ingressou na Casa Missionária de São Carlos como irmão optato e não como sacerdote. Uma vez escolhida esta vocação, de irmão, o missionário não poderia trocar de formação no interior da congregação, o que levou o padre Júlio Maria a abandonar esta casa missionária, como veremos no decorrer do texto. Outras congregações missionárias importantes foram fundadas em meados do século XIX, como a dos Saletinos (1852), a do Verbo Encarnado (1875). In: BOTELHO, p.<sup>o</sup> Demerval Alves, SDN. História dos Missionários Sacramentinos. (1878-1944). Belo Horizonte: O Lutador, 1994. v.1. p. 42.

<sup>4</sup> Possuímos poucas informações sobre o período de estada do padre Júlio Maria na África, pois ele pouco falava desta experiência e há poucos registros sobre esta parte da vida do missionário.

Após a sua recuperação Júlio Maria resolveu cumprir a promessa e para isso se retirou do Postulado dos Padres Brancos e procurou outra congregação.<sup>5</sup> No entanto, não foi uma tarefa fácil encontrar uma ordem religiosa que aceitasse vocações tardias, pois Júlio Maria já contava com vinte e cinco anos. Em 1902 foi admitido na Congregação da Sagrada Família localizada na cidade de Grave na Holanda.<sup>6</sup>

Como noviço exerceu a função de professor para os demais seminaristas, sendo ordenado em vinte e nove de setembro de 1907. Em 1909, posteriormente à morte de seu mestre Berthier, tomou a direção de uma nova casa religiosa da congregação em Wacken, na Bélgica. Neste novo seminário fez o voto de devoção e de dedicação à Nossa Senhora, inclusive organizando uma associação secreta para a adoração à Virgem Santíssima. A maior parte das suas obras sobre Nossa Senhora foi escrita nesse período e posteriormente traduzidas por ele próprio para o português.<sup>7</sup>

Os seus superiores enviaram, por essa época, o aviso de que era de fundamental importância a sua partida para as missões amazônicas no Brasil, com a finalidade de ajudar os outros membros da ordem que já estavam lá. Mesmo contra a sua vontade, Júlio Maria partiu da Europa em vinte e três de setembro de 1912 rumo ao Brasil.

O padre permaneceu dois meses em São Gonçalo (Rio Grande do Norte) para aprender o idioma, desembarcando em Macapá em vinte e seis de fevereiro de 1913, onde organizou a paróquia e as Filhas de Maria; empreendeu viagens à selva para catequizar os nativos e fundou a Congregação das Filhas do Coração Imaculado de Maria.

---

<sup>5</sup> Tentou ingressar na ordem dos capuchinhos e dos jesuítas, porém sem sucesso devido a sua idade de 25 anos.

<sup>6</sup> A Ordem da Sagrada Família foi fundada por João Maria Batista Berthier (1840-1908), em 1895, com a finalidade de acolher as vocações tardias, recebendo a aprovação do papa Leão XIII.

<sup>7</sup> Os livros escritos nesse período foram: *Princípios Teológicos da vida de intimidade com Maria Santíssima*; *Meu dia com Maria*; *O espírito de vida de intimidade*; *Porque amo Maria*; *Como amo Maria*. Estes livros foram frutos da leitura e do estudo constante dos mariólogos da Igreja, dos Santos Padres, em particular da Escola Francesa, trilhando o caminho de Montfort, como veremos à frente.

A idéia do padre Júlio Maria ao organizar essa instituição de freiras era propiciar um ensino católico às crianças da região. Porém, a autorização para a fundação tardou a sair, provocando boatos entre a população que colocavam em dúvida a seriedade do empreendimento. O bispo D. João Irineu Joffily (1878-1948) pediu para que o p.<sup>o</sup> Júlio Maria se afastasse das irmãs, do contrário fecharia a congregação.<sup>8</sup>

Simultaneamente a este fato, DE LOMBAERDE recebeu o convite para fundar uma congregação masculina para formar padres aos moldes de sua ordem de origem, o que o levou a se mudar de Macapá para Manhumirim. Como já foi mencionado, o padre chegou à cidade em março de 1928 e assumiu as atividades paroquiais em abril.

Manhumirim é uma cidade que se localiza no leste mineiro, que em sua história apresenta uma colonização recente, se comparada com a região aurífera das Minas Gerais. No século XIX começou a receber levas de imigrantes que tinham nacionalidades variadas – alemã, italiana, “turca” – dedicados à cultura do café, extração de madeira e ao comércio. Como a presença da Igreja Católica não era forte, a vinda de imigrantes protestantes provocou o estímulo da organização de uma igreja presbiteriana no Alto Jequitibá em 1902. Apenas em 1915, com a criação do bispado de Caratinga, a Igreja Católica se organizou com bases mais sólidas no leste mineiro, garantindo a instalação de novas paróquias e a atuação de um número maior de padres.<sup>9</sup>

Na década de 1920 ocorreu um surto de modernização na cidade. No ano de 1924 foi instalada a primeira Câmara Municipal e os seus membros, em conjunto com os empresários locais, se empenharam para modificar as feições de Manhumirim, desejando transformá-la numa cidade moderna e de destaque em

---

<sup>8</sup> Na época o p.<sup>o</sup> Júlio Maria entrou em desentendimento com seus irmãos da congregação que estavam na região, por causa das irmãs cordimarianas. Além disso, o bispo Joffily queria uma garantia de que a Ordem da Sagrada Família se responsabilizaria pela manutenção da congregação de religiosas fundadas pelo padre Júlio Maria. Como recebeu uma resposta negativa dos superiores da ordem, resolveu assumir ele próprio a responsabilidade sobre as irmãs, contanto que Lombaerde se afastasse delas.

<sup>9</sup> BOTELHO, P.<sup>o</sup> Demerval Alves, SDN. *História de Manhumirim: município e paróquia*. (1808-1924). Belo Horizonte: O Lutador, 1987. v.1. O autor coloca entre aspas a palavra turcos, acredito por saber que nesta denominação pode referir-se às várias nacionalidades como sírios, libaneses, árabes, porém eram vulgarmente chamados de turcos.

Minas Gerais. Logo foi fundado o Cine Theatro São Pedro, estradas para automóveis foram abertas, novos tipos de atividades comerciais apareceram, como boas alfaitarias e bons hotéis, a criação de vários jornais como, *O Bem-te-vi*, *O Espião*, *O Telephone*, *O Riso*. As ruas se agitavam com os blocos camavalescos e as paradas acompanhadas por bandas. O futebol também recebia ares mais modernos com a criação de um Club recreativo. O governo se preocupava com a formação dos moradores da cidade e fundou o Grupo Escolar, e na mesma época foi criada a Escola Normal Santa Teresinha.<sup>10</sup>

Desde a instalação da Câmara Municipal até a Revolução de 30, o mesmo grupo controlou as decisões políticas da cidade. Esse grupo era formado por homens da alta sociedade manhumerense, alguns ligados à maçonaria e ao mesmo tempo à Igreja Católica. Até a vinda do p.<sup>o</sup> Júlio Maria, em 1928, esta ligação com a maçonaria não despertava conflitos entre os membros da Câmara e a Igreja, porém Lombaerde exigiu um posicionamento desses homens, ou eles abandonavam a maçonaria ou se retiravam da Igreja.

Nesse sentido, não obstante ter encontrado apoio de D. Carloto para seu empreendimento missionário, padre Júlio Maria sofreu resistência do poder local, principalmente da Câmara Municipal, formada em parte por maçons e pelos protestantes. Os seus últimos anos de vida passados nesta cidade foram tumultuados por causa das polêmicas e disputas entre ele e os seus adversários.

Mesmo em meio a inúmeras dificuldades conseguiu fundar as congregações religiosas Sacramentinos de Nossa Senhora e das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, dois colégios, Santa Teresinha e Pio XI, e o periódico e editora *O Lutador*. Esta editora publicou muitos livros de sua autoria, pois durante toda a sua vida Júlio Maria DE LOMBAERDE reservou parte de seu dia para a escrita. Produziu obras de escrita fervorosa e eloqüente, que versavam sobre temas como os perigos das idéias modernas, o protestantismo e a exaltação ao culto mariano.

Como tivemos oportunidade de analisar no capítulo anterior, as ações do padre Júlio Maria na comunidade de Manhumirim eram coerentes com as

---

<sup>10</sup> BOTELHO, P.<sup>o</sup> Demerval Alves, SDN. *História de Manhumirim*: município e paróquia.

diretrizes ultramontanas e, novamente, isto é observável na narração de sua vida, formação e atividade missionária. No entanto, o que nos interessa neste capítulo é estudar como essas idéias ultramontanas estavam presentes na divulgação e na escrita de suas obras.

## 2.2 P.<sup>o</sup> JÚLIO MARIA, DOCTRINA CATÓLICA E LITERATURA RELIGIOSA

Como vimos no primeiro capítulo uma das estratégias da Igreja Ultramontana foi a imprensa. A política da Igreja nesta área foi tanto no sentido de censurar livros, revistas, jornais, filmes, recomendando aos fiéis que evitassem o contato com estas obras e vigiassem seus filhos, quanto o estímulo financeiro e propagandístico da imprensa católica.

As obras do p.<sup>o</sup> Júlio Maria receberam aprovação e os recursos financeiros necessários para serem produzidas em Manhumirim. DE LOMBAERDE escreveu mais de oitenta livros<sup>11</sup>, em prosa e em poesia, algumas em francês e outras traduzidas. Apesar de contar com uma editora própria, suas obras também foram publicadas por outras editoras católicas do período, como Vozes e Editora ABC. Em contato com manuscritos dos livros do padre Júlio Maria no Seminário dos Irmãos Sacramentinos, observamos a riqueza de detalhes do autor em seus escritos, contendo notas de rodapé, letras de grafia diferenciada, podendo ser considerados como livros escritos à mão. Dos livros publicados na editora *O Lutador*, o padre possuía um maior controle, pois todo o material impresso nessa editora era supervisionado por ele e o trabalho era realizado pelos seminaristas. Até as capas eram idealizadas por ele e desenhadas por um seminarista, assim como o processo de revisão gramatical do material era feita por algum dos alunos do seminário, já que o p.<sup>o</sup> Júlio Maria às vezes se confundia com o idioma.<sup>12</sup>

---

(1924-1947). Belo Horizonte: O Lutador, 1989. v.2.

<sup>11</sup> A lista dos livros estão em anexo.

<sup>12</sup> DEMERVAL ALVES BOTELHO, P.<sup>o</sup>. Seminarista na época e participou da feitura dos livros na tipografia. 12 ABRI. 2002.

Para analisarmos os livros do p.<sup>o</sup> Júlio Maria propomos seguir como referencial teórico as considerações elaboradas por Roger CHARTIER. Tendo em vista a interface entre *corpus do texto*, autor e edição, Roger CHARTIER propõe a análise da história da leitura em três pólos: o estudo crítico do texto, a manipulação do *corpus de texto* na tipografia e a diversidade na apreensão dos bens simbólicos presentes neste material impresso. Por ora, nos deteremos na análise do suporte deste *corpus de texto*, para no terceiro item deste capítulo nos aprofundarmos nas representações presentes em alguns livros do p.<sup>o</sup> Júlio Maria.

Ao tratar de livros que representavam uma instituição como a Igreja Católica devemos ficar atentas à especificidade deste discurso. A Igreja construía sua coesão como instituição e doutrina por meio da teologia. Ou seja, a despeito das mudanças históricas em que ela estava inserida, o seu discurso sempre procurou se legitimar pela tradição e por argumentos teológicos, que muitas vezes datam de séculos atrás.<sup>13</sup>

Entretanto, mesmo se apoiando na tradição do discurso eclesiástico, isto não impossibilitava que os membros da Igreja Católica produzissem a sua própria interpretação ou leitura da doutrina a partir de suas experiências. Como Roger CHARTIER nos aponta, os agentes discursivos não se limitam absolutamente às idéias que enunciam ou aos temas que abordam. Neste sentido, os livros do p.<sup>o</sup> Júlio Maria, apesar de não contradizerem os preceitos do ultramontanismo, não se limitavam a ser o reflexo deste. Como sugere Ivete Ribeiro, se por um lado há a unidade institucional da Igreja Católica, por outro lado os seus membros com suas opiniões e ações conferiam ao discurso uma certa dinâmica, criando uma diversidade nesta unidade.

Partindo destas reflexões acerca do discurso católico, compreendemos as obras do p.<sup>o</sup> Júlio Maria como fruto tanto das necessidades do movimento ultramontano por causa das demandas sociais do período quanto um discurso que se legitimava em um corpo doutrinário secular. Sendo assim, entendemos que este discurso era permeado por mudanças e permanências.

---

<sup>13</sup> RIBEIRO, Ivete. O Amor dos Cônjuges. In: D'INCAO, Maria Angela. *Amor e Família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.

Os *corpus de texto* escritos pelo p.<sup>e</sup> Júlio Maria para chegar até os leitores necessitavam de um suporte para ser lido e/ou ouvido. Por isso o processo de edição era tão importante, pois era o veículo que permitia a difusão da obra e ao mesmo tempo imprimia um novo sentido a ela. O *corpus de texto* expressava a intenção do autor, mas ao passar pela tipografia o texto era modificado para fins de impressão. Itens eram cortados e novos eram adicionados, como ilustrações, notas do editor, críticas de outras revistas e no caso dos livros religiosos a aprovação da alta hierarquia da Igreja. Todos estes dispositivos alteravam o significado da forma original escrita pelo autor.

Como em nossa pesquisa o enfoque está mais voltado para as representações do que para a questão da leitura, não nos deteremos na edição dos livros. Porém acreditamos ser interessante tecer algumas considerações sobre o REIMPRIMATUR e a APPROVAÇÃO, que era uma carta de apresentação do parecerista que concedeu a aprovação.

O livro religioso identificado com estas duas referências era considerado uma leitura autorizada pela Igreja Católica. Segundo Roger CHARTIER, “não há produção cultural que não empregue materiais impostos pela tradição, pela autoridade ou pelo mercado e que não esteja submetida às vigilâncias e às censuras de quem tem o poder sobre as palavras ou os gestos”.<sup>14</sup> No caso dos livros do p.<sup>e</sup> Júlio Maria havia a obrigatoriedade da aprovação de seus superiores, fossem bispos ou arcebispos de sua diocese. Em alguns casos o padre Júlio Maria pedia desculpas antecipadas na introdução se em algum momento feriu os dogmas e a autoridade do papa e se caso isto ocorresse em algum trecho do livro era para desconsiderá-lo.

A citação que se segue foi extraída da carta de aprovação do monsenhor Aristides Marques da ROCHA que era governador do bispado em Minas Gerais em 1934.

Armado de sua penna TERRIVEL que é uma espada, elle sae de sua trincheira, apparece no campo de batalha, esgrime e bate à direita e à esquerda, deixando os inimigos estonteados em plena derrota. Esta penna é invencivel. O presente livro é um relampago da verdade. Tal livro não se analisa; é preciso lê-lo ... É impossível percorrer

<sup>14</sup> CHARTIER, op.cit.,p. 137.

este livro, sem sentir-se melhor, mais perto de Deus, ao mesmo tempo que se fica confundido ao ver tantas e tamanhas verdade ignoradas ou mal compreendidas.<sup>15</sup>

O adjetivo terrível foi escrito com grafia diferenciada, provavelmente pela reconhecida maneira polêmica e contundente que o p.<sup>e</sup> Júlio Maria escrevia. A julgar pelos temas dos livros do padre, os inimigos eram todos aqueles que se opunham aos dogmas e preceitos da Igreja Católica, como os protestantes e os maçons. A partir da ação desta pena resultou um livro que era comparado a um relâmpago de verdade. Esta associação entre o livro e um fenômeno natural visava conceder ao material escrito um caráter divino, e por isso incontestável e imutável, retirando o seu aspecto autoral e os conseqüentes interesses que isto acarretava. Tão imutável era este livro, que o leitor não devia analisá-lo, mas entendê-lo como reflexo do real.

Certamente que essa carta de aprovação estava permeada pelos traços do ultramontanismo, desde a razão de sua existência, que reforçava a hierarquia, pois as palavras de qualquer membro da Igreja deveriam ser supervisionadas por uma autoridade eclesiástica, até a linguagem, que remetia a um campo de batalha, no qual a espada, símbolo de uma sociedade tradicional, era empunhada na defesa de uma instituição também tradicional, a Igreja Católica. Por fim, a evidência da teologia tomista<sup>16</sup> em que a razão estaria subordinada à fé, pois esta era o real revelado e por isso não era preciso analisá-lo.

Tanto em seus livros sobre a doutrina católica quanto naqueles em que tratava das devoções, o p.<sup>e</sup> Júlio Maria se mostrou um excelente soldado na defesa do catolicismo romanizado. Os livros doutrinários eram aqueles em que o autor abordava questões referentes aos dogmas, como a da Imaculada

---

<sup>15</sup> ROCHA, Aristides Marques. *Aprovação*. In: *Deus e o Homem: noções de alta teologia popularizada, sobre Deus, o homem e as relações entre ambos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: ABC, 1938.

<sup>16</sup> Essa teologia era baseada nas idéias de Santo Tomás de Aquino (1225-1274), na qual era o poder político era dividido em três tipos de leis; a lei natural que corresponde à conservação da vida, geração e educação dos filhos, desejo da verdade; a lei humana ou positiva estabelecidas pelo homem com base na lei natural e dirigida ao bem comum; e a lei sobrenatural criada por Deus para guiar as ações do homem. Neste sentido, as relações entre o poder temporal (do Estado) e o espiritual (da Igreja) eram entendidas como a procura do equilíbrio entre as leis naturais, humanas e sobrenaturais. O Estado seria uma instituição criada pela lei natural, que

Conceição, ou da formação religiosa para atender aos seminaristas e às irmãs de sua congregação. Mesmo se tratando de livros de teologia popularizada, eram textos de leitura mais difícil, pois tratavam de questões teológicas que necessitavam de argumentação e de justificação nas escrituras, nos textos dos grandes padres da Igreja e na autoridade papal, o que tomava o texto denso e com muitas citações.

Porém, para tornar a linguagem teológica mais acessível para o seu público leitor, que desejava fosse o mais amplo possível, o p.<sup>o</sup> Júlio Maria tirava proveito de alguns recursos, como remeter às idéias metafísicas de difícil entendimento para situações do cotidiano do leitor. Em um desses casos o padre, ao tentar demonstrar para o leitor que era possível à Nossa Senhora estar em vários lugares ao mesmo tempo, comparou esta habilidade da Mãe de Cristo com o rádio. Neste meio de comunicação a pessoa estaria num lugar determinado, no entanto a sua presença, por meio da voz, poderia ser percebida em vários lugares ao mesmo tempo. Sendo assim, o centro irradiador da presença poderia ser um, porém a presença poderia ser sentida em vários pólos receptores. O padre argumentava que se a “sciencia [que] é bem pequenina, bem estreita, e entretanto ella é sublime...”<sup>17</sup>, porque Deus não poderia fazê-lo.

Essa argumentação para provar a superação de Nossa Senhora sobre o tempo e o espaço era para explicar ao leitor a ligação de Maria com a eucaristia, demonstrando a possibilidade da presença dela em cada tabernáculo da Terra, acompanhando o seu filho. A presença de Maria na eucaristia também remetia à questão do poder de interseção que ela tinha entre seu filho e os fiéis.

A sua presença mystica é o bastante, sem dúvida, para exercer a sua mediação, mas como parece mais consolador pensar que do mesmo modo que Jesus está ali **corporalmente**, pessoalmente presente no Tabernaculo, a sua Mãe também está ali **corporalmente** presente, perto do Tabernaculo, na ordem da glória, para distribuir com suas mãos virginaes o que Jesus, com suas mãos divinas, adquiriu em meritos. Como é doce pensar que, enquanto estamos ao pé do Altar, em adoração e amor, Maria Sma.

---

poderia ser aperfeiçoada pela lei sobrenatural, ou seja, pela Igreja. In: *Os Pensadores*: Santo Tomás de Aquino. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

<sup>17</sup> LOMBAERDE, Júlio Maria. *Maria e Eucharistia estudo de um título e de uma doutrina*: Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento. Manhumirim: O Lutador, 1937. p. 318.

aparece entre nós – luminosa e divina visão – para unir a sua prece á nossa, e offerecer, ella mesma, a Jesus, o amor que lhe apresentamos.<sup>18</sup>

Como veremos adiante, uma das preocupações do autor era demonstrar a ligação entre Maria e este momento da vida de seu filho-hóstia. É importante notar a função excepcional que o padre concedeu a Nossa Senhora no trecho acima. No início do século XX era vedado para a mulher subir até o altar e distribuir a eucaristia. Obviamente, que Maria o faz dentro dos limites de “seu poder”, qual seja, o de intercessora de Jesus. Sendo assim, a graça da eucaristia se originava de Cristo, porém por concessão especial, Maria a distribuiu, desempenhando um papel secundário.

Em outras passagens o autor se preocupou em adequar os dogmas e preceitos da Igreja com o conhecimento elaborado pela ciência. Uma destas passagens é a que trata da questão da presença de substâncias de Nossa Senhora na eucaristia, ou seja, no corpo de seu filho-hóstia. Para tentar conciliar a teoria do Turbilhão Vital com a idéia da presença física de Nossa Senhora na eucaristia, o padre expôs a seguinte teoria. A renovação do corpo e do organismo dos seres vivos era explicada por meio da substituição de células antigas por outras produzidas pelo próprio organismo. Sendo assim, no ser humano adulto pouco ou nada restaria da época que fora embrião ou bebê. Então como explicar a presença de substâncias físicas de Nossa Senhora na eucaristia? O padre admitia que a teoria do Turbilhão Vital não estava errada e também que ela não impedia a presença de Maria na hóstia, isto porque mesmo que as células de Cristo, no decorrer de sua curta vida tivessem se renovado, não o teriam em sua totalidade, permanecendo assim em seu corpo substâncias de Maria provenientes da geração e da amamentação.

*É, pois, certo que Jesus recebeu da substancia da Sma. Virgem o Corpo e o Sangue. Não é, sem duvida – e este é o ponto onde alguns escriptores naufragaram na verdade, - não é o corpo de Maria Sma. que está no Corpo de Jesus, como o corpo e o sangue dos paes não estão no corpo do filhos, pois cada ser tem a sua composição substancial, própria, independente, mas sim o Sangue e a carne de Jesus, substancialmente independentes, são tirados, são formados do corpo e do sangue de Maria.*<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 321.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 63.

Nesse sentido, Maria estaria, sim, presente na eucaristia, tanto fisicamente quanto moralmente. O p.<sup>e</sup> Júlio Maria apontava quatro tipos de presença de Nossa Senhora na eucaristia; física, moral, mística e gloriosa. De qualquer forma, o autor queria provar a presença da Mãe de Cristo no sacramento da eucaristia, apontando para a importância dela neste estágio da vida de Jesus. A Redenção só foi possível pelo consentimento e cooperação de Nossa Senhora, ou seja, ela permitiu gerar um filho para sacrificá-lo com o objetivo de redimir os pecados da humanidade. Seria injusto por parte dos homens não reconhecer este sacrifício. O que é interessante observar na insistência do padre Júlio Maria em provar a sua teoria, é que segundo as diretrizes do catolicismo romanizado, não era necessário à Igreja Católica provar as suas idéias ou dogmas, porque eles eram baseados na fé e não na razão. Além disso, com a decretação da infalibilidade papal pelo Concílio Vaticano I foi praticamente proibido qualquer questionamento dos dogmas católicos. Por isso, acreditamos que este excesso de zelo do padre Júlio Maria ao explicar as suas teorias destoava dos padrões estabelecidos pelas encíclicas papais, demonstrando uma certa liberdade com o discurso normativo e a possibilidade de uma margem criadora do autor.

Como devoto de Nossa Senhora, o p.<sup>e</sup> Júlio Maria tinha o interesse especial em associá-la ao sacramento da eucaristia. O título de Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento foi criado pelo p.<sup>e</sup> Julião Eymard (1811-1868)<sup>20</sup>, que a princípio a evocava como a Nossa Senhora do Cenáculo e apenas próximo de sua morte a substituiu. Para Julião Eymard, o culto da Virgem Maria seguia o de Jesus, porque ela estava presente em todos os momentos da vida de seu filho, como em Nazareth e no Egito. Neste sentido, para o padre Eymard faltava ainda um título que tratasse de Maria em outra fase da vida de seu filho, na hóstia.

A evocação de Nossa Senhora pelo título de Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento foi aprovada pelo Papa PIO IX, que provavelmente acreditou ser oportuna esta evocação devido ao estímulo que a própria Igreja

---

<sup>20</sup> São Pedro Julião Eymard nasceu em 1811 em La Mure, na França. Foi ordenado sacerdote em 1834 pela diocese de Grenoble, na França. E em 1863 recebeu a aprovação pelo papa Pio IX para a sua Congregação dos Padres e das Servas do Santíssimo Sacramento. Tal congregação prega a prática constante da eucaristia para obter a solidariedade e a fraternidade entre os homens.

queria dar a este sacramento, pois, como vimos anteriormente, a eucaristia reforçava a necessidade permanente da presença dos padres nas cerimônias religiosas. Logo se espalhou pela França o culto à Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento e em 1870 o Papa LEÃO XIII autorizou a criação da Confraria de Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento. Nos Congressos Eucarísticos, essa ligação de Maria e a eucaristia, foi alvo de discussões, o que provocou sua difusão.<sup>21</sup>

Apesar de esse título ter sido aprovado apenas no século XIX, na iconografia religiosa a relação de Nossa Senhora e a eucaristia já estava presente há muito tempo. Datando do século XIV, existe um ostensório de ouro maciço que se encontra no palácio de Latrão, no qual Nossa Senhora esmaga com os pés a cabeça da serpente e, de braços levantados, sustenta um círculo com raios em cujo centro está a hóstia consagrada. A representação mais difundida de Nossa Senhora e a eucaristia foi criada por Pierre Mignard (1610-1695), sendo que o original está no Museu do Louvre e é conhecida como a Nossa Senhora dos cachos de uva. Nesta representação Maria aparece segurando Jesus em seus braços, enquanto ele segura um cacho de uva.

A representação iconográfica da Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento idealizada pelo p.<sup>e</sup> Julião Eymard apresenta Maria numa posição de contenção com a mão direita sobre o peito, enquanto com a outra segura Jesus. Comparando esta representação com a proposta pelo p.<sup>e</sup> Júlio Maria percebemos haver uma preocupação maior com a interação com o fiel, pois a estátua, que provavelmente ficaria num pedestal, volta sua cabeça para baixo e tanto Maria quanto Jesus estendem as mãos para baixo.<sup>22</sup> Outro aspecto presente nas duas representações digno de análise para a nossa pesquisa, é o fato de que em ambas é Jesus quem oferece a eucaristia e não Maria, provavelmente por causa de seu sexo que a impedia, como veremos adiante.

---

<sup>21</sup> BOTELHO, *História dos Missionários Sacramentinos (1878-1944)*... p. 416-417.



Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento idealizada pelo p.<sup>o</sup> Pedro Julião Eymard.

---

<sup>22</sup> BOTELHO. *História dos Missionários Sacramentinos* ... p. 419-420.



Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento idealizada pelo p.<sup>e</sup> Júlio Maria De Lombaerde.

Outro aspecto da devoção proposta e defendida pelo p.<sup>e</sup> Júlio Maria era a santa escravidão em Jesus pela Maria Santíssima, ou seja, ser escravo de Jesus obedecendo a sua Mãe divina. Esta devoção foi criada e defendida pelo Beato de Montfort<sup>23</sup>, que pregava a entrega total do fiel aos interesses de Maria por meio da

---

<sup>23</sup> São Luís Maria Grignon de Montfort (1673-1716) religioso peregrino prescrevia aos fiéis o amor à Virgem Maria por meio de sua entrega total, tomando-se escravo do amor de Nossa Senhora. Aos seguidores eram recomendados a simplicidade, o sacrifício e a dedicação à Mãe de Jesus. A sua devoção foi utilizada pelos papas no século XVII contra o jansenismo. Disponível em: < [www.carazone.org](http://www.carazone.org) >. Acesso em: 17 jan. 2003.

prática da virtude. Os escravos deveriam ser humildes e se mortificarem, defendendo o império de Deus no mundo todo contra os ímpios e os idólatras<sup>24</sup>.

Além dos livros em que o p.<sup>o</sup> Júlio Maria tentava elucidar a ligação de Maria com a eucaristia havia outros em que procurava defender o culto mariano dos ataques protestantes. Como vimos no início deste capítulo, p.<sup>o</sup> Júlio Maria chegou em uma região das Minas Gérias em que era forte a presença protestante, seja pelos imigrantes alemães, seja pela vinda de pastores norte-americanos que provocaram o aumento de adesão à religião reformada. A Igreja Católica até então tinha poucas paróquias no leste mineiro, aumentando o seu número com a criação do bispado de Caratinga, o que provocou a necessidade de padres. Sendo assim, D. Carloto se mostrou interessado pelo empreendimento do p.<sup>o</sup> Júlio Maria trazendo-o para o seu bispado para formar padres.

Nesse sentido, tomou-se uma prática urgente defender o culto mariano dos ataques protestantes, tanto em seus trabalhos paroquiais quanto nos seus escritos. Para tanto, p.<sup>o</sup> Júlio Maria escreveu *A mulher Bem dita* em que defendeu o dogma da Imaculada Conceição e argumentou sobre a necessidade do culto à Nossa Senhora. Primeiramente mostraremos quais eram as objeções protestantes mais freqüentes ao culto mariano, para em seguida expormos as respostas do padre.

Para a religião reformada, Maria não era uma exceção entre as outras mulheres porque não teria sido isenta do Pecado Original que atingia toda a humanidade, sendo assim não devia ter um tratamento diferenciado. A Igreja Católica expunha que a excepcionalidade de Maria estava no fato de Deus ter cuidado para que a sua alma não fosse corrompida pelo seu corpo no momento da união entre o corpo e alma<sup>25</sup>. Desta forma, Maria era a única criatura que não possuía a mancha do Pecado Original.

---

<sup>24</sup> LOMBAERDE, Júlio Maria De. *O Segrêdo da verdadeira devoção para com a Santíssima Virgem*, segundo o Beato de Montfort. Manhumirim: O Lutador, 1943.

<sup>25</sup> Essa idéia de Deus ter cuidado da alma de Maria no momento da concepção foi defendida por Duns Scott no século XIV. Até então os pensadores da Igreja acreditavam que este privilégio fora dado no ventre de Sant'Anna. Os pensadores renascentistas viam com escárnio a idéia da Imaculada Conceição e no século XVIII a sua crença se tornou um ato de desafio da Igreja contra o racionalismo que defendia um método de dedução e empírista. In: WARNER. op.cit., p. 242-243.

Outra objeção dos protestantes era a virgindade perpétua de Nossa Senhora. Para tanto utilizavam argumentos retirados da Bíblia, procurando demonstrar a existência de outros filhos de Maria. P.<sup>o</sup> Júlio Maria rebateu cada argumento protestante lançando mão de recursos da língua e da linguagem. Além disso, pela ótica do padre não havia lógica acreditar que Maria tivesse tido outros filhos, porque isto demonstraria ingratidão por parte dela, depois de todos os esforços despendidos por Deus para isentá-la do Pecado Original.

Em outro trecho do livro o p.<sup>o</sup> Júlio defendeu o Papa PIO IX das críticas protestantes que alegavam que o dogma da Imaculada Conceição era uma invenção católica. O autor argumentou que muitos dogmas já existiam como verdades antes de serem proclamados pelos papas, o mesmo acontecia com a Imaculada Conceição. Para provar esta afirmação citou vários pensadores da Igreja em diferentes épocas tratando deste dogma, como São Bernardo e São Bernardino de Sena.

Os protestantes se opunham também à função mediadora de Nossa Senhora, que consistia na idéia de que o fiel deveria dirigir suas preces e pedidos à Nossa Senhora para que ela intercedesse em nome do fiel diante de Jesus. Segundo a devoção católica, Nossa Senhora, como mãe de Jesus, gozaria de privilégios, porque um filho nunca nega um pedido de sua mãe. Os protestantes acreditavam que se devia recorrer a Deus diretamente, e discordavam que Jesus tivesse uma relação tão íntima e amigável com sua mãe e para isso citavam a passagem das Bodas de Caná.

Na visão protestante as Bodas de Caná eram exemplares para demonstrar que Maria não conseguia tudo o que queria de Jesus. Neste episódio Maria percebeu que os noivos não tinham mais vinho para servir aos convidados, por isso pediu a Jesus que intercedesse. Jesus teria respondido "Mulher, que nos importa a mim e a ti isso? Ainda não chegou a minha Hora"<sup>26</sup>. Para os protestantes esta resposta denotava que Maria tinha pouco poder sobre as ações de seu filho, não servindo, portanto, como medianeira para os fiéis.

---

<sup>26</sup> *Bíblia Sagrada*. Evangelho Segundo São João. São Paulo: Edições Paulinas, 1979. Cap. 2 Ver.4..

P.<sup>o</sup> Júlio Maria rebateu a crítica alterando esta frase para “Deixe estar, Senhora, cuidarei disso, embora não tenha chegado ainda a minha hora”. Esta modificação foi feita depois de justificá-la com a interpretação de outros textos hebraicos, demonstrando que uma mesma palavra poderia ter vários significados e que os protestantes preferiram adotar o menos correto.<sup>27</sup>

Em outros livros o p.<sup>o</sup> Júlio Maria também defendeu a qualidade da Virgem Maria como intercessora, demonstrando que era mais fácil pedir algo a ela do que a Deus, pois com seu jeito afetivo e maternal, Maria não enxergava as faltas dos fiéis. Citou exemplos deste amor que perdoava tudo, como o caso do fiel que renegou Nossa Senhora em vida e durante o seu julgamento após a morte Jesus não queria perdoá-lo porque desfizera de sua mãe. Nossa Senhora aparece em seu socorro convencendo seu Filho a conceder o perdão ao fiel ingrato.

De acordo com o p.<sup>o</sup> Júlio Maria, a maternidade da Virgem Maria era dupla: divina, como a mãe de Deus; e espiritual, como a mãe de todos os homens.

Aqui na terra, a primeira coisa que os olhos do recém-nascido encontram, nas brumas de seu primeiro olhar, é o sorriso de sua mãe. (...) Si a criancinha tivesse o pleno uso de sua razão, conheceria logo a sua mãe pelo sorriso. A religião, que tão divinamente corresponde a todas as necessidades humanas e às nobres aspirações do homem, não podia excluir esta relação tão suave e tão profunda. O homem precisa de uma mãe no céu, como elle a tem na terra. (...) Um dia uma criancinha, educada sobre os joelhos de uma mãe piedosa, apprendia pela primeira vez a fazer o signal da Cruz. Terminando a invocação das Três Pessoas divinas: Em nome do Pae, do Filho e do Espírito Santo, que vinha repetindo, a criança pára de repente e fixando o seu olhar limpido no olhar da sua mãe, pergunta: Mamãe, não há também uma mamãe no céu? O instinto da piedade christã falará pelos lábios da criancinha. Deus lhe deve ter preparado uma resposta. Esta resposta é: Maria, Mãe dos homens. Maria é Mãe de Deus: e porque é Mãe de Deus, deve ser a Mãe dos homens.<sup>28</sup>

Ao utilizar expressões como “instinto da piedade christã” e “o pleno uso de sua razão”, ou ao comparar as primeiras necessidades do recém-nascido em relação à sua mãe com a necessidade humana da religião, o padre “naturalizava” o sentimento religioso, ou seja, o homem não poderia viver sem a religião católica, pois era uma qualidade inata. Ao mesmo tempo, a vida terrena se tomava o espelho do mundo celestial. Sendo assim, era de esperar que se havia uma mãe

<sup>27</sup> LOMBAERDE, A Mulher Bemdita ... p. 385-387.

<sup>28</sup> LOMBAERDE, Júlio Maria. A mulher Bemdita ... p. 100-101.

terrena deveria haver uma mãe no céu. Desta forma, mesmo que refutado pelos protestantes, o culto mariano tinha o seu lugar estratégico no discurso ultramontano.

Júlio Maria justificou o culto mariano como extensão da relação mãe e filho, utilizando-se, para isso, de alegorias que remetiam ao ideal materno, atingindo assim tanto o público feminino como o masculino. O culto mariano estabelecia um caráter relacional entre a figura materna e os filhos, explorando de maneira sagaz a afetividade dos fiéis, como é observável no trecho a seguir...

A primeira atitude de uma mãe é enternecer-se e inclinar-se, amorosa, com uma dedicação sem reserva, para a criancinha que vem ao mundo tão desprovida e tão fraca. Falta-lhe tudo. É preciso que sua mãe veja e ouça por ela. Não há miséria mais impotente que a sua. (...) o amor de Maria é puramente misericordioso porque sua maternidade não vem castigar, mas sómente santificar e consolar.<sup>29</sup>

Outro aspecto que podemos analisar é a representação da mãe cristã como educadora moral. A mãe era responsável pela educação religiosa dos seus filhos explicando os dogmas, ensinando as orações e a moral cristã. Por isso, ela deveria ser preparada para exercer esta função tão importante para a Igreja Católica por meio das associações, dos livros, dos manuais e dos colégios femininos.

Nesse sentido, o padre descreveu como uma mãe cristã deveria se portar utilizando-se do exemplo de Nossa Senhora...

Ser mãe significa ser vigilante, doce, condescendente para com o ser pequeno, fraco e necessitado que a Providência lhe confiou. Ser Mãe dos homens é trazer em suas entranhas esta humanidade, desfigurada e ingrata, sem dúvida, mas algumas vezes nobre em suas aspirações, em seus esforços e em suas lutas. (...) Uma mãe não se cansa de empenhar-se junto ao seu filho, culpado, nada poupando para reconduzi-lo: exorta, repreende, ameaça e pune mesmo com pesar. Seu coração descobre indústrias que se não encontram senão em um coração de mãe; e, quando tudo está esgotado, recorre à sua última arma, a mais eficaz de todas: - as lágrimas.<sup>30</sup>

Comparando as palavras do padre com o objetivo da Igreja Ultramontana em valorizar o papel materno para reconduzir os fiéis à igreja, é perceptível que a feição esboçada para a mãe cristã compunha a de uma guardiã que deveria ser

<sup>29</sup> LOMBAERDE, *Por que amo ...* p.390.

vigilante, repreendendo e até punindo o seu filho que poderia fraquejar diante das tentações da sociedade e se desviar do caminho correto do catolicismo.

Para ser guardiã da moral católica no lar, a mãe cristã também deveria zelar do seu comportamento e seu trajar e neste ponto, novamente, o padre apresentou Maria como exemplo...

As suas vestes [de Nossa Senhora], como as ainda hoje costumam usar as mulheres da Palestina, eram: a túnica de lã branca ou ligeiramente azulada, cinto de estôfo simples, enrolado, véu branco, cobrindo-lhe a fronte, flutuando sôbre os ombros e descendo até ao solo. Um cuidadoso asseio fazia sobressair-lhe as vestes mais comuns e lhes dava singular graça. Não menos se distinguia a humildade da Virgem em suas maneiras e em suas conversações. Modesto e circunspecto era o seu porte, graves os seus passos e sem pretensões; o seu olhar era doce, firme e limpido e a sua voz afável e atenciosa. Um ligeiro e simpático sorriso, testemunho de sua bondade, a florava-lhe aos lábios. O seu exterior, irradiando benevolência e candura, inspirava a virtude. A sua presença parecia santificar o ambiente e as pessoas nas quais podia irradiar-se a sua beleza, de tal modo que, ao seu aspecto, todos os vãos pensamentos da terra se afastavam, como desaparece o orvalho ao raiar do sol matinal. As suas palavras sempre comedidas, quanto a sua conversação era calma e nobre, excitando ao bem e à virtude.<sup>31</sup>

Sendo assim, da mãe cristã se esperava o recato, a paciência, a amabilidade, a humildade, a mansidão. A mãe cristã deveria zelar para que seu esposo e filhos se mantivessem nos limites do catolicismo, porém sem sobressaltos ou agitações, pois se Maria conseguia irradiar o amor a Deus com sua candura que santificava os ambientes, as mães cristãs deveriam fazer o mesmo.

Como a personagem principal dos livros do p.<sup>o</sup> Júlio Maria analisados nesta pesquisa era Nossa Senhora, a seguir demonstraremos as várias nuances que a representação da Virgem Maria assumiu nesses livros, entendendo que esta representação se tornou um modelo de conduta para as fiéis católicas do período. Para tanto, primeiramente faremos uma retrospectiva histórica de como esta figura feminina foi representada e apreendida no ocidente cristão.

---

<sup>30</sup> LOMBAERDE, *Ibid.*, p. 381-383.

## 2.3 NOSSA SENHORA, ULTRAMONTANISMO E FAMÍLIA CRISTÃ

Até então tratamos de questões referentes ao suporte e criação do autor, agora nos deteremos na análise dos bens simbólicos divulgados pelos textos de dois livros do p.<sup>o</sup> Júlio Maria. O primeiro livro intitulado *Porque amo Maria* era de carácter doutrinal, abordando aspectos históricos do culto mariano como as qualidades de Nossa Senhora, o seu poder e a sua beleza. O segundo era um livro para a prática devocional dos fiéis no mês da Sagrada Família, chamado *Os ensinamentos de Nazareth*.

Ao tratarmos de obras literárias compreendemos que o texto, não obstante as intenções do autor e a manipulação na edição que tentavam orientar a leitura, permitia ao leitor uma liberdade criadora. A diversidade de interpretações é variável de leitor para leitor, pois os indivíduos “não dispõem dos mesmos utensílios intelectuais e não entretêm uma mesma relação com o escrito”<sup>32</sup>. A liberdade criadora do leitor é constituída por sua formação educacional, intelectual, familiar, religiosa, o que confere um sentido à sua leitura. Sendo assim, a leitura está associada à sua prática social e à maneira que a representa. Segundo Roger CHARTIER, as representações são como as “matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social”<sup>33</sup>, isto é, o sujeito ao representar algo está dando sentido à sua prática social. Nesta, os agentes discursivos criam “estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser percebido, constitutivo de sua identidade”<sup>34</sup>.

A construção da identidade é importante para o nosso trabalho porque analisamos as obras literárias do p.<sup>o</sup> Júlio Maria pela perspectiva das relações de gênero. No que concerne a elas, as representações sociais definem o papel a ser desempenhado pelas mulheres e pelos homens estabelecendo, assim, as relações de poder entre os sexos. Ao analisarmos as representações femininas nos livros do p.<sup>o</sup> Júlio Maria, sobretudo as de Nossa Senhora, não procuraremos

---

<sup>31</sup> LOMBAERDE, *Ibid.*, p. 405.

<sup>32</sup> CHARTIER. *O Mundo ...* p. 179.

<sup>33</sup> CHARTIER. *O Mundo ...* p. 183.

<sup>34</sup> CHARTIER. *Ibid.*, p. 184.

apenas o modelo feminino de comportamento, mas também o papel social esperado do homem católico no contexto do ultramontanismo.

Como mencionamos anteriormente, a personagem principal dos livros analisados era Nossa Senhora. Portanto, acreditamos ser necessário traçar um breve histórico sobre as várias interpretações que esta representação recebeu ao longo de sua existência.

Em seu estudo que trata do mito de Nossa Senhora, Marina WARNER<sup>35</sup> expõe que não está procurando a Maria histórica, concentrando-se nos diferentes aspectos que este mito assumiu no decorrer das épocas e nas interpretações que recebeu, tentando descobrir a convergência de circunstâncias que poderiam ter construído semelhante símbolo.

Ao estudar os vários títulos atribuídos à Nossa Senhora na história do cristianismo, quais sejam, a virgem, a rainha, a noiva, a mãe e a intercessora, a autora percebe que ora estes atributos considerados femininos eram exaltados, ora eram depreciados. Para empreender a sua pesquisa lança mão do estudo comparativo, seja dos mitos de outras sociedades anteriores à cristã, seja dos diversos discursos a respeito do mito mariano.

No início da história do mito de Maria poderíamos encontrar traços de religiões orientais, como a sumeriana e a egípcia, observável no culto da *Mater Dolorosa* e do leite de Maria. No culto da *Mater Dolorosa*, que tomou impulso na Europa no fim do século XI tendo o seu apogeu no século XIV, era reconstruída a dor intensa que Maria sofreu por saber do destino de seu filho, desde a profecia de Simeão no templo até a Paixão de Cristo. Segundo Marina WARNER, a tradição das mulheres lamentarem e chorarem nas cerimônias fúnebres dos hebreus foi aprendida em Ur, na Mesopotâmia, antes da partida de Abraão e seu povo, assim como a existência de deusas como Isis, no Egito, que chorava a morte de seu companheiro despedaçado, Osiris.<sup>36</sup>

Quanto ao leite, em algumas sociedades como a grega, era considerado fonte de vida, assim sendo também representado em relação à Virgem Maria. A amamentação, atributo feminino, foi valorizada desde o início do cristianismo até o

---

<sup>35</sup> WARNER. *Alone ...*

final da Idade Média. O leite de Nossa Senhora era visto como responsável pela nutrição das almas dos fiéis, pois por meio dele recebiam a graça divina. Em algumas prédicas a representação de Cristo era associada à figura materno e sua capacidade de amamentar.<sup>37</sup>

No século XIV a amamentação de Maria recebeu uma nova conotação. De atributo que conferia poder às mulheres por serem produtoras de vida, o aleitamento se configurou no retrato da submissão de Maria para com seu Filho. A partir deste momento a mãe ajoelhou-se diante de seu filho, reconhecendo a sua inferioridade.<sup>38</sup>

Para Marina WARNER, Nossa Senhora era uma figura polivalente que se apresentava com muitas aparências e se constituía em modelo feminino da Igreja, tomando-se, com o tempo, a personificação do ideal feminino católico. Por isso, no decorrer dos séculos esta representação sofreu mutações, adequando-se às novas circunstâncias impostas pela sociedade.<sup>39</sup>

Não obstante a representação de Nossa Senhora ter sido apresentada pelos discursos religiosos como eterna e imutável, despojando-a de seu caráter histórico, podemos perceber as mudanças de significados e de interpretações no decorrer de sua existência. Da mesma forma podemos observar a mensagem dúbica que este modelo divulgava.<sup>40</sup>

Se, por um lado, a Virgem Maria era uma das poucas figuras femininas que assumiu as dimensões de mito no ocidente cristão, por outro, esta representação modelar reafirmava a submissão e a inferioridade feminina, por lembrar às fiéis que era impossível alcançá-la.<sup>41</sup> De certa maneira, a representação de Nossa Senhora demonstrava, com propriedade, a relação que a Igreja Católica mantinha com as suas fiéis.

Na história do cristianismo as mulheres eram consideradas importantes por causa de seu poder de persuasão, mas ao mesmo tempo eram vistas como

---

<sup>36</sup> WARNER, *Ibid.*, p. 206-223.

<sup>37</sup> WARNER, *Ibid.*, p. 202

<sup>38</sup> WARNER, *Ibid.*, p. 204.

<sup>39</sup> WARNER, *Ibid.*, p. XIX-XXV.

<sup>40</sup> WARNER, *Ibid.*, p. 334.

<sup>41</sup> WARNER, *Ibid.*, p. 338.

inferiores e deveriam ficar submetidas à tutela masculina.<sup>42</sup> Neste sentido, a representação mariana foi utilizada como elemento estimulador da ação feminina, porém dentro dos parâmetros impostos pela Igreja Católica.

Apesar de todos os esforços da Igreja em impor suas diretrizes, o discurso e as práticas permitiram a criação de brechas para a ação dos fiéis. As histórias das heresias e das vitórias das devoções populares sobre a autoridade eclesiástica são provas que atestam a possibilidade de criação dos fiéis, apesar da norma e da violência.

Os livros do p.<sup>e</sup> Júlio Maria difundiam esta representação feminina, que como pudemos perceber, em alguns momentos exaltava a mulher, em outras a tratava com desconfiança. De qualquer forma, a representação mariana não impedia interpretações diferentes por parte dos leitores, propiciando uma liberdade criadora do texto. Como nosso enfoque nesta pesquisa não é a apropriação dos bens simbólicos pelo público leitor, mas sim a construção desta representação como modelo para as fiéis católicas, não nos deteremos nesta questão.

Uma das faces de Maria era a maternidade, como já foi apontado neste capítulo, porém não era a única. Maria era honrada por outros atributos, como a sua beleza, pureza, humildade, piedade, abnegação, fecundidade, coragem, resignação, amabilidade. Algumas destas qualidades foram mencionadas no livro *Por que amo Maria*, que, segundo o autor, tencionava “reconstituir algo da radiosa e inefável fisionomia da Mãe de Deus,”<sup>43</sup> procurando os motivos porque devíamos amar Nossa Senhora. O livro era destinado primeiramente aos padres para estimularem o culto mariano em suas paróquias, em segundo lugar para os religiosos que quisessem seguir o modelo de vida de Maria, e por fim para todos os filhos de Maria, ou seja, todos os fiéis.<sup>44</sup>

No início do livro o padre apontou dois aspectos da representação mariana; o primeiro, que Maria seria o “penhor seguro de esperança e de perdão” que paira sobre a raça humana decaída; e o segundo, que Nossa Senhora

---

<sup>42</sup> Essa relação dúbia da Igreja com a mulher foi abordada na introdução deste trabalho.

<sup>43</sup> LOMBAERDE, Júlio Maria. *Por que ...* p. 10.

<sup>44</sup> Em outro livro *Segredos da verdadeira...* o padre Júlio Maria expõe quem são os filhos de Maria, no caso todos os católicos batizados, p.57.

fecunda e estende a Igreja pelo “encanto de sua virtude e pelo atrativo de seu amor”.<sup>45</sup> Sendo assim, podemos constatar que o padre amparava a sua idéia e a prática do culto mariano na representação ambígua da Virgem Maria. Se, por um lado, Maria apresentava qualidades eminentemente femininas, como a fecundidade e a afetividade, por outro lado, era uma figura inatingível para qualquer ser humano. O fiel deveria se contentar em atingir apenas parcialmente este modelo de perfeição.

Pierre BOURDIEU<sup>46</sup> expõe que a prática social baseada na hierarquização dos sexos está assentada em dois sistemas de diferenças sociais: a postura corporal que englobaria a maneira de andar, o gestual e a postura dos corpos; e a concepção dualista do mundo que o divide em dois lados opostos e complementares (úmido/seco, escuro/claro, mulher/homem).

Essa divisão classifica, hierarquiza e atribui qualidades específicas para cada lado. No caso do masculino e do feminino, as qualidades que determinam a ação própria do sujeito são associadas ao homem, e as que suscitam uma posição passiva típica do objeto são associadas à mulher. Como esta hierarquização se justifica nas diferenças físicas entre os sexos, ocorre um processo de naturalização do social.

No caso do discurso ultramontano, o mundo também era compreendido de maneira bipolar, cabendo à mulher ocupar um espaço inferior em relação ao homem, justificando-se na mitologia do Eden, na qual Eva demonstrou a propensão feminina ao pecado. As representações femininas que possuíam atributos considerados positivos, como a de Nossa Senhora, não ofereciam às fiéis uma possibilidade de mudança em sua posição de inferioridade.

O livro *Por que amo Maria* estava baseado na representação ambígua de Nossa Senhora. Às vezes esta representação estava associada às qualidades femininas, conferindo um significado positivo às mulheres, apesar de reforçarem a sua passividade. Em outras passagens, Maria desempenhava atividades que necessitavam de qualidades geralmente associadas ao homem, demonstrando a sua excepcionalidade perante as mulheres.

---

<sup>45</sup> LOMBAERDE. *Por que amo Maria* ... p. 15.

Essa excepcionalidade de Maria Santíssima remete a outra discussão tratada no texto do p.<sup>e</sup> Júlio Maria: o mito da Segunda Eva. Recordando o Mito da Criação, Eva foi a responsável pela expulsão do Paraíso, instigada pela serpente. Eva convence Adão a desobedecer Deus e comer o fruto proibido, por isso, a humanidade teve que aprender a conviver com a doença, o trabalho e a mortalidade. O sexo feminino foi o mais penalizado, justamente por causa da participação da primeira mulher no episódio da expulsão do Eden, sendo assim a mulher sentiria as dores do parto e deveria se sujeitar ao homem.

A exceção de Maria à herança desta desobediência do primeiro casal humano foi, como vimos, por intervenção de Deus. A graça de não compartilhar com a humanidade do Pecado Original foi concedida porque Maria participaria da Redenção da humanidade gerando o Verbo Encarnado. Portanto, a mulher era a origem e o fim do pecado da humanidade, por isso Maria era considerada a Segunda Eva.

Marina WARNER acredita que essa idéia da isenção da Virgem Maria do Pecado Original retirou o seu caráter humano. A natureza divina de Maria a tornou diferente das outras mulheres. Enquanto Nossa Senhora possuía uma natureza sobrenatural que a permitiu ter um filho sem as relações sexuais e as dores do parto, as outras mulheres estavam fadadas a carregarem o peso de seu sexo.<sup>47</sup>

Além de Eva, outras mulheres bíblicas foram citadas pelo p.<sup>e</sup> Júlio Maria para demonstrar o anúncio da vinda de Nossa Senhora pelas qualidades que elas possuíam. O primeiro grupo de mulheres retrata a fecundidade de Maria: Rebeca, Sara e Raquel. O padre afirmou... “Em Sara pinta a fecundidade de Maria Santíssima; em Rebeca a sua modéstia e em Raquel sua temura e sua beleza. Já entrevemos Maria (...) Vemos um esboço, um delineamento imperfeito e diferente”<sup>48</sup>. Sendo assim, a autor procurava traços de virtude da Maria nas mulheres bíblicas, pois logicamente não esperava encontrar uma mulher que tivesse todas as qualidades de Maria, afinal a perfeição só era possível nela.

---

<sup>46</sup> BOURDIEU, *op.cit.*, p.133-184.

<sup>47</sup> WARNER, *op.cit.*, p 243-244.

<sup>48</sup> LOMBAERDE. *Por que amo...* p. 40.

O padre a colocava como o “modelo das virgens que se aprestam a abraçar o estado conjugal”, pois demonstrava modéstia, paciência, docilidade, aparentando ser um pouco fraca, mas hábil. Rebeca era mãe de Jacó e Esaú, um justo e outro pecador, intercedeu por eles e obteve misericórdia.

Um segundo grupo de mulheres ressaltava a “coragem viril” de Maria. As “virgens fortes” eram Maria, Débora e Judite, que eram “guerreiras cheias de heroísmo e de espírito patriótico”<sup>49</sup>. Após expor o exemplo de Maria, irmã de Moisés, demonstrando o seu papel de liderança na fuga do Egito, o padre afirmou que surgiram outras heroínas, Débora e Jael, que possuíam a “coragem viril”, “apesar da fraqueza e da timidez do seu sexo”<sup>50</sup>. Retomando a discussão de Pierre BOURDIEU sobre a concepção dualista do mundo, podemos observar que mesmo que o critério para escolha destas personagens tenha sido a coragem, elas se apresentavam como exceções ao seu sexo, primeiro porque a coragem, no texto, estava associada à virilidade; e segundo, o próprio autor admitiu que não era típico do sexo feminino tal atributo.

Para caracterizar a amabilidade de Nossa Senhora foram escolhidas Abigail, Sulamita e Éster, que simbolizavam a “beleza excepcional e a graça irresistível da Mãe de Deus”<sup>51</sup>. Abigail e Ester casaram com reis e de maneira indireta participavam de suas decisões, procurando a paz e a vitória de Deus. Estas heroínas eram exemplos do poder feminino, que abordaremos adiante.

O quarto e último grupo de mulheres bíblicas antecipa as dores de Maria. Para tanto, citou o caso de Noemi e Resfa, mães que choraram por seus filhos e se resignaram. Resfa, esposa de Saul, presenciou a prisão e a crucificação de seus filhos, permanecendo meses perto de seus corpos para impedir que os pássaros os comessem. O p.<sup>e</sup> Júlio Maria aproveitou a oportunidade para afirmar que não basta a uma mãe consolar e converter o seu filho, mas também se oferecer como vítima resignada ao seu destino. Resfa, para ele, era uma “alma viril em um corpo de mulher, entregue ao martírio.”<sup>52</sup>

---

<sup>49</sup> LOMBAERDE. *Por que amo...* p. 40.

<sup>50</sup> LOMBAERDE. *Ibid.*, p. 41.

<sup>51</sup> LOMBAERDE. *Ibid.*, p. 38.

<sup>52</sup> LOMBAERDE. *Ibid.*, p. 47.

Depois de tratar dos antecedentes do culto mariano na história da Igreja e outros aspectos doutrinários de Nossa Senhora, o p.<sup>e</sup> Júlio Maria explicou sobre os poderes de Nossa Senhora. O autor evidenciou que a fonte do poder da Virgem Maria era Deus, poder conferido a ela por causa de sua maternidade espiritual. Neste sentido, se Maria era exceção entre as mulheres e possuía poderes especiais era porque recebeu a dádiva de um Deus masculino. Ao mesmo tempo, em todas as atividades decisivas para humanidade Nossa Senhora aparecia como elemento secundário. Era o caso da Encarnação e da Redenção, em que ela aparecia como auxiliar de Deus, do Filho ou do Espírito Santo.

Isso é perceptível no capítulo em que o autor trata da função complementar de Maria com a Santíssima Trindade, alegando que, para o Pai, Maria havia dado um império, ao Filho a sua forma humana, ao Espírito Santo a fecundidade e a eucaristia, que possibilitava a renovação da graça no mundo.

À Maria também foi vedado o sacerdócio porque o seu sexo a impedia. Porém, o padre admitiu um sacerdócio metafórico de Maria, porque ela transformou o Verbo num ser com forma humana, assim como o padre transformava o corpo de Cristo em eucaristia.

Mesmo em passagens do livro em que Maria demonstrava qualidades masculinas, não eram atributos inatos, mas sim concedidos por Deus. No início do capítulo que trata do poder de Maria, o padre narrou a história da guerra entre os persas e a cidade de Constantinopla. Como os soldados saíram de Constantinopla, os hunos aproveitaram para tomar a cidade. Numa manhã uma majestosa dama seguida por personalidades se dirigiu ao acampamento dos hunos, que a deixaram passar e logo ela desapareceu diante de seus olhos. Ante este evento, os hunos reagiram matando uns aos outros.

Adiante o padre comparou essa situação de Maria participar de um poder de outrem, com de outras rainhas terrenas. As rainhas terrenas, na maioria das vezes, não participavam diretamente do poder que era ocupado pelo seu pai, esposo ou irmão, podendo participar de maneira indireta, persuadindo-os a fazer o

que elas desejavam. "Sua prece é como uma ordem. O seu pedido, como que uma espécie de direito."<sup>53</sup>

O padre estava apontando para um poder que tanto Nossa Senhora quanto as mulheres mortais poderiam lançar mão, um poder exercido nos bastidores do centro das decisões políticas e sociais, ou seja, um poder exercido nas margens capaz de convencer o homem a realizar o que a mulher não poderia diretamente. Obviamente que a Igreja não desejava subverter a hierarquia de gênero, tão pouco estava estimulando que as mulheres usassem este poder em benefício próprio. A mulher católica deveria ser abnegada e modesta, mas era seu dever lutar pelos interesses da Igreja. Era nesse ponto que ela poderia exercer este poder feminino.

Além de valorizar Nossa Senhora descrevendo as qualidades da santa, o padre se preocupava em advertir os fiéis que negligenciavam o culto mariano por acreditarem ser apenas uma questão de piedade, tal procedimento, segundo ele, poderia comprometer a salvação da alma. Sendo assim, p.<sup>e</sup> Júlio Maria se preocupava com a doutrina e com a devoção à Virgem Maria, por isso escreveu livros de caráter devocional. No caso, analisaremos um livro devocional tratando da Sagrada Família.

No discurso ultramontano a Sagrada Família era o modelo para as famílias cristãs. O Papa LEÃO XIII acreditava que esta representação familiar seria a melhor maneira para inculcar nos fiéis o respeito à autoridade, à vida doméstica, à religião e ao casamento<sup>54</sup>. Neste sentido, seguindo a trilha das encíclicas, o p.<sup>e</sup> Júlio Maria escreveu um livro devocional enfocando a Sagrada Família para servir de modelo aos fiéis.

No livro *Os ensinamentos de Nazareth* temos a oportunidade de analisar não apenas a representação de Maria, mas também de José e Jesus, remetendo aos modelos de comportamento para homens e crianças. Acreditamos que este livro foi escrito com um tom mais acessível para os fiéis, primeiro por ter o formato pequeno para facilitar o transporte, já que poderia ser carregado todas as noites

---

<sup>53</sup> LOMBAERDE. *Por que amo ...* 237.

<sup>54</sup> LEÃO XIII, Papa. *Graves de Communi*. Encíclica Sôbre a Democracia Cristã. 18 jan. 1901. p. 17.

até à igreja, segundo por se tratar de um livro devocional que pretendia evangelizar a comunidade adotando uma linguagem acessível para o maior número possível de pessoas.

O autor dedicou o livro à Nossa Senhora expondo que a sua finalidade era descrever e explicar as circunstâncias das virtudes praticadas pela Sagrada Família para servir de exemplo às comunidades religiosas e às famílias cristãs, recomendado também aos pensionistas, aos colégios e às associações de jovens. O livro narra a saga da Sagrada Família em vários episódios como o do nascimento miraculoso de Maria e o seu envio para o templo, o casamento de Maria e José, o nascimento de Jesus, o exílio no Egito, a vida de simplicidade em Nazaré, a morte de José, a Paixão de Cristo. No decorrer de trinta capítulos foram narrados estes episódios, acompanhados por resoluções que os fiéis deveriam tomar mirando-se nos exemplos da Sagrada Família, assim como exemplos que ilustravam como isto poderia ser colocado em prática.

Na leitura preparatória p.<sup>o</sup> Júlio Maria alertou o fiel de que o culto à Sagrada Família não era uma invenção contemporânea, mas estava presente na Igreja há muito tempo, citando passagens de textos escritos pelos santos padres. Então era justo que se fizesse um culto em sua homenagem “unindo três personagens mais dignos de veneração do céu e da terra”. Porém, o padre reconhecia que havia uma hierarquia divina entre estas personagens, como vemos a seguir...

... para honra-os em conjuncto, cada um, entretanto, segundo a sua excellencia particular; pois, seria heretico igualar a Jesus, Maria e José, e mesmo pôr São José ao lado da Santíssima Virgem, prestando-lhe o mesmo culto. / Contudo, nada mais legitimo do que honrar os mysterios da vida occulta do Salvador em companhia de Maria e de José e, está é a finalidade do culto da Sagrada familia. Depois de adorar a Nosso Senhor, nada é mais conveniente do que venerar à sua Mãe, e depois della e com ella a São José.<sup>55</sup>

Na ordem divina a Sagrada Família obedecia uma hierarquia, estando Jesus no ápice, seguido por Maria e, por fim, José. Na natureza sobrenatural

---

<sup>55</sup> LOMBAERDE, Júlio Maria. *Os ensinamentos de Nazareth ou mez pratico da Sagrada Família*: 31 leituras sobre a vida de Jesus, Maria e José em Nazareth. Manhumirim: O Lutador, 1941. p. 17.

desta família a hierarquia foi subvertida: o filho tinha a autoridade sobre os seus pais e a esposa era superior ao marido. Porém, o que servia de modelo ao fiel não era a Sagrada Família de natureza sobrenatural, mas sim a família histórica, que viveu como os outros seres humanos em Nazaré. Nesta, a hierarquia era posta em termos diferentes... “Havia, portanto, na terra, uma família santíssima, toda celeste e mesmo divina, cujo pae de familia e, por conseguinte, o chefe e o guia era José; cuja mãe de família era a Santíssima Virgem, e cujo filho era Jesus Christo. Nesta familia encontravam-se as três pessoas mais elevadas e mais excellentes de todo o universo.”<sup>56</sup>

O espelho invertido apresentado pela Sagrada Família sobrenatural, restabelecia a ordem “natural” dos membros familiares quando posta na realidade terrena. José, figura mais do que secundária no plano espiritual, assumiu o seu lugar de chefe e guia da família, seguido por Maria e, por fim, Jesus. A Sagrada Família adotou esta composição na Terra por dois motivos: primeiro para ocultar e proteger Jesus de seus inimigos e, segundo, para se tomarem exemplos para as outras famílias cristãs.

Nesta composição terrena Jesus foi retratado como um filho obediente, submisso, auxiliando a mãe e o pai nas atividades do dia-a-dia e condenando o comportamento inadequado dos “coleguinhas” que não faziam o mesmo que ele. Lembremos que o padroeiro da Cruzada Eucarística era Jesus Menino, então a sua figura era um modelo de comportamento para as crianças.

José era apresentado como um trabalhador, comparado a um operário obediente que se sacrificava para manter e proteger a sua família, procurando alento no sorriso de Jesus e de Maria. Em várias cenas narradas no decorrer do livro aparecia José cansado, olhando temamente para sua família, procurando forças para continuar o seu trabalho exaustivo.

Maria, quando jovem, se assemelhava na narração à uma freira, porque vivia num templo e havia feito o voto de castidade. Obrigada a casar, mantém o seu voto em conjunto com José, formando o casal assexuado preconizado em muitos discursos religiosos, no qual marido e esposa teriam um amor companheiro

---

<sup>56</sup> LOMBAERDE, *Ibid.*, p. 18.

e o sexo estaria apenas voltado à reprodução. Após o casamento, além de continuar casta, Maria era um exemplo de paciência, modéstia, humildade, docilidade, o que a tomava uma personagem submissa. As tarefas cotidianas eram realizadas em silêncio havendo uma comunicação pelos olhares e pelos sorrisos das personagens.

Essa representação humanizada da Sagrada Família também foi construída historicamente. De uma figura idealizada e distante do fiel, ela se tornou mais acessível a partir do momento em que suas personagens tomaram feições mais humanas. A humanização da Sagrada Família ocorreu com o florescimento das ordens mendicantes, como os franciscanos e os dominicanos. Como estas ordens primavam pelo retorno à simplicidade, sobretudo os franciscanos, a Sagrada Família começou a ser retratada como exemplo desta virtude.<sup>57</sup>

A intenção dos franciscanos não era criar um código ético para a sociedade, até porque desejavam se despojar de todos os bens e convenções sociais que os impedissem a levar uma vida mais próxima de Deus, mas aos poucos o tipo familiar idealizado por eles se difundiu e tornou-se modelo para as famílias cristãs.

Essas transformações se difundiram nos séculos XIV e XV e uma delas foi através da maneira com que a figura de José era compreendida. De um idoso estéril passou a ser um trabalhador vigoroso que optou pela castidade. Maria, de deusa fecunda e poderosa, assumiu ares de dona-de-casa, encarnando qualidades como a obediência e a auto-aniquilação. A maternidade que lhe conferia poderes especiais, deu lugar a uma relação de subordinação entre a mãe e o filho. Segundo Marina WARNER, esta representação de prostração de Maria diante de Jesus evidenciava o papel feminino na sociedade que seria de submissão.<sup>58</sup>

A autora prossegue afirmando que mesmo que este modelo de obediência e de modéstia fossem expressos pelas representações de Maria e de José, proporcionando modelos de passividade para homens e mulheres, as qualidades

---

<sup>57</sup> WARNER, *op.cit.*, p.182-185.

da docilidade, da paciência e do silêncio foram mais associadas ao gênero feminino, especialmente nos países católicos mediterrâneos.

A obediência de José estava mais associada ao seu trabalho. Como veremos adiante, o culto ao José trabalhador se iniciou com os franciscanos e tomou novo impulso no século XIX com a preocupação da Igreja com a divulgação das idéias socialistas. Sendo assim, a Igreja instituiu ações para atender mais à demanda social do operariado e uma destas estratégias foi a utilização da figura de José como operário.<sup>58</sup>

A humanização da Sagrada Família tinha como objetivo a aproximação do fiel com as representações de Maria, Jesus e José. Sendo assim, o p.<sup>e</sup> Júlio Maria, no livro *Os ensinamentos de Nazareth*, também tirou proveito destas representações mais acessíveis aos fiéis. Se os livros doutrinários estavam apoiados na figura divinizada de Nossa Senhora, neste livro de caráter devocional as personagens foram descritas com características bem humanas. Em cada capítulo do livro era abordada uma das virtudes da Sagrada Família, inclusive com exemplos para o fiel perceber como poderia colocá-las em prática no seu cotidiano.

No capítulo em que o padre escreveu sobre a amabilidade expôs que para pôr em prática esta virtude a pessoa deveria possuir paciência, se mortificar e ser caridosa. Prosseguiu dizendo que ser amável era ter sempre um sorriso nos lábios e uma palavra carinhosa que conforta e reanima, guardando em seu exterior boas maneiras. Esta amabilidade deveria existir em todas as famílias cristãs em suas relações no dia-a-dia. De maneira nostálgica e idealizada o padre comentou: “Em suas relações quotidianas, quando sómente vistos pelos anjos, nesta intimidade que se encontra ainda às vezes nas nossas velhas famílias patriachaes onde a religião domina e reina em todos os corações, o seu grande cuidado era agradarem-se mutuamente.”<sup>60</sup>

<sup>58</sup> WARNER, *op.cit.*, p. 188.

<sup>59</sup> Um dos trabalhos que tratam sobre a questão social e a Igreja no século XIX é MARCHI, Euclides. *A Igreja e a Questão Social: o discurso e a Práxis do catolicismo no Brasil (1850-1915)*. São Paulo, 1989. Tese (doutorado em História). USP.

<sup>60</sup> LOMBAERDE, *Ensinamentos de Nazareth ...* p. 184.

Era uma família tradicional que o padre Júlio Maria desejava sustentar, que estivesse imune às mudanças que estavam acontecendo na sociedade, mantendo os antigos costumes, como os ligados à religião e na qual os papéis tradicionais de gênero fossem mantidos. Não interessava a ele se a paz e a harmonia desta família estivessem apoiadas na repressão dos filhos pelos pais, e da esposa pelo marido, ou melhor, isto era considerado por ele e pela Igreja como algo que era da ordem “natural” do mundo.

Na encíclica *Arcanum Divinae Sapientiae*, o Papa LEÃO XIII repudiava o casamento civil, pois competia a Igreja controlar a instituição do matrimônio por se tratar de algo relativo ao sagrado. Segundo o santo pontífice, o casamento foi criado por Deus na época da criação do mundo, com o primeiro casal humano, Adão e Eva. Mais tarde, no tempo de Cristo as núpcias foram novamente abençoadas no episódio das Bodas de Canaã. Sendo assim, a Igreja “naturalmente” era a depositária do direito de legitimar um casamento e não o Estado.<sup>61</sup>

No Brasil o debate sobre a legitimidade do casamento civil se tomou mais recorrente com a proclamação da República, porque a partir desse momento esta modalidade de casamento foi implantado no país. O clero brasileiro não admitia como válido o casamento civil e os fiéis que não realizassem a cerimônia no religioso eram considerados concubinos ou amancebados.<sup>62</sup>

Na década de 1920, como vimos no capítulo anterior, o processo de urbanização e a afirmação da burguesia tomaram o discurso católico mais enfático, ressaltando a necessidade de manter o casamento e a família cristã. Segundo Riolando AZZI, o enfoque dado pela Igreja era no sentido de manter a família nos moldes tradicionais, insistindo na manutenção da hierarquia entre os membros da família e condenando o trabalho feminino fora de casa. Outra prática condenada era o divórcio, inclusive a Igreja organizou vários movimentos contra a sua legalização.<sup>63</sup>

---

<sup>61</sup> LEÃO XIII, papa. *Arcanum Divinae Sapientiae*. Encíclica Sobre a Constituição cristã da família. 10 fev. 1880.

<sup>62</sup> AZZI, *O Estado ...* p. 27.

<sup>63</sup> AZZI, *A Neocrisandade ...* p. 76.

Quanto à manutenção do sistema patriarcal de poder no interior da família, continuou a ser o eixo norteador do discurso e das ações da Igreja Católica. As meninas eram educadas pela ótica católica para serem submissas e obedientes, tanto na casa paterna, como em seu futuro lar, prestando obediência ao seu marido. Desta forma, o homem permaneceu na chefia da casa e era considerado a cabeça da família.<sup>64</sup>

O interesse da Igreja em manter um lar estável e tradicional estava associado à idéia de que se poderia manter a ordem social afastando a família cristã das idéias de cunho liberal e socialista. Caso contrário, se a família fosse conquistada por estas inovações, isto repercutiria na sociedade, gerando movimentos contestatórios da ordem estabelecida, da qual a Igreja fazia parte. Portanto, a ação da Igreja brasileira nas primeiras décadas do século XX foi colocar como uma de suas metas prioritárias a preservação dos valores morais da família.<sup>65</sup>

Isso é perceptível no decorrer do livro. O p.<sup>e</sup> Júlio Maria queria demonstrar que a ruína da família poderia acontecer se um pai não cumpria com o seu papel de protetor e provedor da casa. O pai, o sustentáculo do lar, que não cumprisse com o seu dever e se entregasse ao vício, poderia destruir o lar. A volta deste pai à igreja o arrancaria do vício e restabeleceria a harmonia do lar. Porém, para que isso ocorresse era necessário que uma das almas da casa estivesse protegida da imoralidade, por meio de sua constância na igreja e a prática sacramental, seja um dos filhos, seja a esposa.

Outro aspecto abordado é a questão da obediência de Jesus, que serviu como exemplo a todos os fiéis, tanto que na resolução estava escrito ...“Como o Menino Deus, deixe-mo nos formar por aqueles que têm autoridade sobre nós. Sejamos para todos aqueles que se relacionam conosco um motivo de edificação.”<sup>66</sup> Pela ordem hierárquica estabelecida pela Igreja, já mencionada, a obediência deveria ser observada por todos, sobretudo os leigos deveriam obedecer a autoridade dos eclesiásticos.

---

<sup>64</sup> AZZI, *Família* ... p. 105-106.

<sup>65</sup> AZZI, *Ibid.*, p. 110-111.

<sup>66</sup> LOMBAERDE. *Os ensinamentos* ...p. 150-151.

A obediência também era prescrita fora do ambiente familiar. Defende que uma das formas de o empregado obedecer o patrão era freqüentando a igreja e/ou associação masculina. Num dos episódios narrados pelo padre como exemplo aos fiéis, estava a história de um patrão que queria que seu empregado fosse mais responsável e parasse de beber. Intimou o empregado para que participasse de uma das associações masculinas da paróquia. O empregado não foi e mentiu ao patrão, que logo descobriu e tratou de acompanhá-lo a uma reunião. Ao fim desta, o patrão ficou tão satisfeito que resolveu ingressar junto com o empregado na associação.

Portanto, pela ótica católica o bom operário era resignado e obediente, permanecendo longe de filiações sindicais e do socialismo. A única associação permitida era a religiosa, que poderia congregar patrões e empregados, chegando a uma solução conciliatória para o capital e o trabalho como desejava a Igreja.

Ao tratar do exemplo da mulher no apostolado, podemos perceber a ênfase na obediência feminina. Para tanto, Júlio Maria contou a história de Vicentina Lomelia e Estevão Centurion, que viviam em Gênova. Vicentina sofrera bastante no início do seu casamento por causa do humor violento de seu marido, que às vezes, sem motivo, brigava com ela. Mas ela ...

... entretanto, só oppunha a paciencia, a doçura, a complacencia, que, emfim, o fizeram corar de seus humores e brutalidades. Reconheceu que a mulher, sempre a mesma, sempre attenciosa, só merecia a sua temura. Em breve, a calma e a paz succederam ás tempestades e ás queixas./ Querida e respeitada pelo esposo, Lomelia teve ainda a felicidade de vel-o um dia, como ella dar-se todo a Deus, praticando boas obras e piedosos exercicios. / É por meios semelhantes que a mulher christã conseguirá reconduzir o esposo ás praticas religiosas, si dellas elle se tiver afastado.<sup>67</sup>

Novamente, percebemos que o lugar da mulher na Igreja Católica não era o centro, pois o apostolado feminino deveria ser realizado em casa com os seus familiares, educando seus filhos e convertendo o seu marido. Quando agisse deveria ser de maneira branda e suave, sem modificar a hierarquia existente no lar, como Nossa Senhora faria, convencendo com poucas e sábias palavras e com o seu exemplo, jamais brigando ou tentando subverter a hierarquia doméstica. O

---

<sup>67</sup> LOMBAERDE, *Ibid.*, p. 268.

chefe da família era o homem e isto não era questionado. Contudo, podemos perceber um poder conferido à mulher por causa de seu papel de mãe.

Ao estudar as mudanças e permanências nas representações sobre a mulher nas famílias imigrantes italianas de Caxias do Sul (Rio Grande do Sul), Cleci Eulalia FAVARO<sup>68</sup> percebe uma ambivalência nelas. Se, por um lado, houve a manutenção dos valores tradicionais em que a mulher era mão-de-obra barata e não valorizada perante a família e deveria seguir normas morais muito rígidas, por outro lado, as mães exerciam um poder entre os seus familiares.

Ao tratar do poder da sogra nessas famílias, Cleci Eulalia FAVARO observa que o poder feminino estava associado à maternidade, sobretudo de filhos homens. Quando estes filhos casavam e traziam suas esposas para a casa de seu pai, quem mediava as relações entre os membros familiares era a mãe, exercendo grande poder de coerção sobre as noras.

Nesse sentido, mesmo que o poder externo fosse vedado a estas mães, porque era atributo masculino, elas exerciam um poder no interior de suas casas, perante os outros membros da família, que deviam obedecê-la. Segundo a autora, a “maternidade proporcionava à mulher um espaço exclusivo para a prática, nem sempre sutil, das mais diferentes formas de pressão e coerção sobre todos os membros da família, encobertas pelo discurso do sacrifício e da renúncia”.<sup>69</sup>

A autora comenta também que uma das instituições responsáveis pela manutenção dos antigos costumes italianos nas colônias era a Igreja Católica. No discurso católico divulgado aos imigrantes, a mulher deveria ser forte, alegre, pura, ser dotada de autocontrole e autocensura para impedir manifestações indesejáveis de sentimentalismo.

Sendo assim, a construção da figura materna pautada pelo sacrifício e pela resignação católica, além de visar ao controle das mulheres, também lhes proporcionava um poder sobre os filhos e as noras. Em nossa pesquisa verificamos que as representações femininas veiculadas pelos livros do p.<sup>e</sup> Júlio

---

<sup>68</sup> FAVARO, Cleci Eulalia. *Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

<sup>69</sup> FAVARO, *Ibid.*, p. 120.

Maria se assentavam nesta representação materna de resignação e de sacrifício que conferia às mães um poder sobre seus filhos e maridos.

Contudo, a ação da Igreja Católica não se restringiu à divulgação da representação maternal em livros ou sermões. As associações leigas femininas também cumpriram este papel junto às fiéis. Da mesma forma, o livro *Os ensinamentos de Nazareth* não estava dissociado da prática do padre Júlio Maria em sua paróquia, porque, além de utilizar a Sagrada Família como modelo para os seus fiéis, a narrativa por vezes assumiu tons propagandísticos dos benefícios das associações leigas e dos sacramentos.

Percebemos também que tanto o discurso quanto as associações leigas serviram para reforçar a obediência do fiel ao clero e a hierarquia dentro dos lares. A mulher recebeu atenção por seu apostolado, porém lhe foi conferido um poder limitado pela autoridade masculina, marital ou eclesiástica. É o que veremos no próximo capítulo, ao tratar da Arquiconfraria das Mães Christãs de Curitiba nas décadas de 1910 a 1940, não perdendo de vista o objetivo deste trabalho que é analisar a valorização materna no discurso romanizado, cuja intenção era recristianizar a sociedade por meio da representação da guardiã do lar.

### 3. ORGANIZANDO SENHORAS PIEDOSAS: PADRE THEODORE RATISBONNE E A ARQUICONFRARIA DAS MÃES CHRISTÃS

Para ser eficaz a missão maternal, deve exercitar-se com amavel e sympathica piedade. Então ella nos sorri, nos captiva e nos envolve como uma aureola de serenidade. Existem devoções estreitas e sombrias que inspiram molestas prevenções; abatem as almas em vez de edificá-las, desanimam em lugar de fortalecer, e não inspiram idea alguma da benevolencia e das inexauríveis condescendências de Jesus Christo. Toda gente gosta de ver na mãe de família os lances esplendentes das bellezas evangelicas. A' feição do Santo precursor que preparava os caminhos de Deus, é indispensavel que ella brilhe em seu lar como uma lampada ardente e luminosa (...) luminosa para dissipar as nuvens, os erros, os preconceitos; ardente para afervorar a fé, excitar as virtudes, abraçar os corações. A maternidade, de mãos dadas com a piedade christã, produz fructos cheios de suavidade; despede de si uma graça communicativa, que inspira confiança e infunde respeito.<sup>1</sup>

#### 3.1. PADRE THEODORE RATISBONNE E O ULTRAMONTANISMO

P.<sup>o</sup> Theodoro RATISBONNE (1802-1884) em seu texto *A Maternidade Christã*, comparou a mãe cristã à estrela de Belém, que guiava a humanidade para a salvação. Porém, para que a mãe continuasse a cumprir esta missão, o padre advertiu que eram necessárias a aplicação das lições e das práticas do catolicismo, sobretudo numa época em que os erros proliferavam na sociedade a mãe deveria cuidar para que o lar e seus filhos estivessem a salvo no caminho de Deus. É notável que o padre RATISBONNE também concordava com as idéias enunciadas pelo movimento ultramontano, que a sociedade moderna se dirigia para a ruína por causa do distanciamento dos fiéis da Igreja Católica, como teremos oportunidade de perceber no decorrer deste capítulo.

Retomando o fio condutor de nossa análise, que é o estudo da valorização materna no discurso ultramontano, neste capítulo nos deteremos na ação pastoral do p.<sup>o</sup> Theodore RATISBONNE, principalmente a criação de uma associação leiga baseada na idéia da valorização da maternidade cristã, a Arquiconfraria das Mães Christãs.

P.<sup>o</sup> Theodore RATISBONNE era filho de uma das primeiras famílias judias que receberam permissão para morar dentro das muralhas da cidade de Estrasburgo, entre a França e a Alemanha. A sua família de banqueiros era rica e

---

<sup>1</sup> RATISBONNE, R.P. Theodore. *Raios de Verdade*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1907. p. 291-292.

podia oferecer aos filhos a oportunidade de estudar numa das melhores escolas da cidade. Porém, Theodore não se entusiasmou com os estudos, nem tampouco com os negócios da família<sup>2</sup>.

Estava mais próximo dos exemplos de sua mãe, que “para êle personificava o tipo de beleza moral, (e) tôda a intensidade de afeto. A virtude, a inteligência e a ternura, sem fraqueza, dêsse admirável tipo de mulher”<sup>3</sup>. O exemplo de sua mãe o marcou por toda a sua vida, levando-o ao sacerdócio e à dedicação de parte de seu tempo em honrar o papel moral feminino.

Em 1827 Theodore converteu-se ao Cristianismo por intermédio de uma mulher cristã, Luiza Humann, instruída e piedosa. Hesitou assumir que era convertido ao Cristianismo por fidelidade ao seu grupo religioso e familiar. Durante este tempo foi diretor de escolas profissionais para israelitas pobres, sendo o seu pai o presidente do Consistório da Comunidade Israelita de Estrasburgo.

Depois de batizado, começou a se preocupar com seus irmãos judeus porque acreditava que estavam privados dos grandes dons que ele recebera pela fé cristã e pelo batismo. Por isso, desejava mostrar aos judeus que a conversão ao Cristianismo não era a negação do judaísmo, pois Maria, Jesus, os apóstolos e os primeiros cristãos eram judeus. Neste sentido, converter-se ao Cristianismo era dar um passo adiante.

Em 1830 recebeu as ordens sacerdotais e foi obrigado a deixar a direção das escolas profissionais. Doze anos depois, quando ocupava o cargo de coadjutor da paróquia de Nossa Senhora das Vitórias, em Paris, p.<sup>e</sup> Theodore recebeu com satisfação a notícia da conversão de seu irmão mais novo, Afonso, ao catolicismo, após uma miraculosa aparição de Nossa Senhora. Theodore interpretou este milagre como um sinal para continuar a sua missão de converter os judeus ao cristianismo e por essa época idealizou a fundação da família de Sion.

Em 1843, p.<sup>e</sup> Theodore RATISBONNE junto com um grupo de fiéis educadoras, criou um Catecumenato para meninas judias, que mais tarde daria

---

<sup>2</sup> Disponível em: [www.religiososdesion.org.br](http://www.religiososdesion.org.br). Acesso em: 15/10/02.

<sup>3</sup> A *VIRGEM de Sion e sua obra*. Rio de Janeiro, 24 de mai. 1963. Mimeo. p. 14.

origem à família religiosa de Nossa Senhora de Sion. A missão destas educadoras era se ocupar do apostolado cristão entre os judeus, procurando viver de acordo com a reprodução do estilo de vida das comunidades primitivas cristãs. No entanto, não se caracterizavam como religiosas, porque não faziam votos e mantinham parte do seu patrimônio.<sup>4</sup>

Apenas em 1847 o Papa PIO IX reconheceu oficialmente a missão dessa comunidade religiosa e em 1874 o pontífice confirmou definitivamente a aprovação das Constituições da Congregação Religiosa das Irmãs de Nossa Senhora de Sion. No ano de 1850, em Grand Bourg, perto de Corbeil, foi fundado o primeiro Colégio de Sion e em torno dele se desenvolveram várias atividades como escolas, oficinas, asilo, centro de visitas aos doentes, entre outras. Mais tarde a sede foi transferida para Paris, em 1855, que além do noviciado, agregava a Confraria das Mães Christãs e o Colégio de Paris.<sup>5</sup>

Ao mesmo tempo, instalado em Paris juntamente com seu irmão Afonso, Theodore fundou a Congregação dos clérigos de São Pedro, que mais tarde seria chamada Congregação dos Religiosos de Nossa Senhora de Sion. P.<sup>o</sup> Theodore não teve a oportunidade de ver concluída esta congregação porque faleceu antes, em 1884.<sup>6</sup>

Partindo da idéia central de sua missão que era converter judeus para o catolicismo, p.<sup>o</sup> Theodore RATISBONNE desenvolveu outras atividades como a de historiador, escritor, confessor, pregador e diretor espiritual. Como diretor espiritual se ocupou da direção espiritual da Arquiconfraria das Mães Christãs, primeiramente em Lille e depois na cidade de Paris<sup>7</sup>.

Essa associação leiga para senhoras foi idealizada por Madame Louise Josson de Bilhem em meados do século XIX para proteger as crianças com as suas "inocentes almas" por meio do exemplo de piedade. Madame Josson era casada com o presidente do Tribunal Civil de Lille e a sua associação conseguiu a simpatia do p.<sup>o</sup> Theodore RATISBONNE que pediu o seu reconhecimento ao Papa

---

<sup>4</sup> Ibid., p. 21-22.

<sup>5</sup> Ibid., p. 23-24.

<sup>6</sup> Disponível em: [www.religiososdesion.org.br](http://www.religiososdesion.org.br). Acesso em: 15/10/02.

<sup>7</sup> Id.

PIO IX. O pontífice autorizou a fundação da associação contanto que algum padre assumisse a direção do empreendimento. P.<sup>e</sup> RATISBONNE assumiu esta incumbência com a permissão do bispo de Lille, já que esta associação estava localizada em seu bispado<sup>8</sup>.

A direção da associação pelo p.<sup>e</sup> RATISBONNE foi realizada a distância, porque ele residia em Paris. Apenas a partir de 1852, com a mudança de Madame Josson para Paris devido à transferência de seu marido, a sede da Associação foi também transferida para a capital francesa. Em 1856 a associação foi elevada à categoria de Arquiconfraria, ou seja, seria uma associação que poderia congregiar outras com o mesmo objetivo. O p.<sup>e</sup> RATISBONNE foi seu diretor durante 20 anos. Em 1859 o *Novo Manual das Mães Christãs* foi escrito pelo p.<sup>e</sup> Theodore RATISBONNE.

P.<sup>e</sup> Theodore iniciou o manual escrevendo que para os outros ele deixava a missão de restaurar as ciências, as leis, a política, as artes e a literatura, ele se limitaria a dirigir-se diretamente aos corações das mães, "... pois dahi é que partem, com effeito, os impulsos que mais poderosamente contribuem para a educação dos filhos, para a moralidade das famílias e para a prosperidade dos Estados. Este facto tem produzido impressão em muitos espíritos sérios e sobretudo na actualidade tem sido o objecto de um grande número de boas obras."<sup>9</sup>

P.<sup>e</sup> Theodore se dedicou de forma especial ao papel materno na família e na sociedade, coerentemente com os outros discursos normativos que enquadravam a mulher nos limites do lar e, sobretudo com a ótica ultramontana, que prescrevia à mãe a responsabilidade de educar religiosamente os seus filhos. Sendo assim, o objetivo da Arquiconfraria das Mães Christãs era unir as mães para orar com a finalidade de receberem bençãos divinas para os seus filhos e

---

<sup>8</sup> PÈRE Marie-Théodore Ratisbonne: d'après as correspondance et les documents contemporains. Paris: Librairie C.H. POUSSIELGUE, 1905. p. 101-118.

<sup>9</sup> RATISBONNE, p.<sup>o</sup> Theodore. *Novo Manual das Mães Christãs*. Petrópolis: Vozes, 1925. p. 3.

para as suas famílias, como também para a sociedade e a Igreja<sup>10</sup>. A seguir analisaremos o ideal materno preconizado pelo *Novo Manual das Mães Christãs*.

### 3.2. ARQUICONFRARIA DAS MÃES CHRISTÃS E O MODELO MATERNO CATÓLICO

Como vimos no primeiro capítulo, em meados do século XIX a produção de manuais dirigidos às fiéis católicas que utilizavam como modelo as mães santas era numerosa<sup>11</sup>, por causa da necessidade de recrutar este público feminino na luta contra a modernização. No início deste capítulo, tivemos a oportunidade de perceber que o p.<sup>e</sup> Theodore RATISBONNE estava imbuído desta idéia ao fundar a Arquiconfraria das Mães Christãs. Neste sentido, ao analisarmos o *Novo Manual da Mãe Christã*, entendemos que este texto impresso tinha uma finalidade clara e coerente dentro da política ultramontana de valorizar o papel materno.

A coerência com o plano do catolicismo romanizado estava presente no objetivo da existência do manual proposto por Theodore, que era o de nutrir a piedade no coração e estimular a confiança das Mães Cristãs para lutar em favor da Igreja Católica. Para tanto, o manual estava dividido em três partes: a primeira dedicada à direção espiritual das associadas, a segunda apresentava documentos relativos à Arquiconfraria e a terceira tratava das missas, dos ofícios e festas da Arquiconfraria.

Compreendemos o manual como uma leitura autorizada<sup>12</sup>, seja porque precisava da aprovação papal para ser publicado e difundido, seja por seus dispositivos que procuravam direcionar a leitura das senhoras. Portanto, o discurso divulgado por ele tinha o caráter normativo que estabelecia regras de conduta para as fiéis.

Nesse sentido, as representações contidas neste material impresso se configuravam como modelos de comportamento para as senhoras católicas do

---

<sup>10</sup> *Id.*, p. 3.

<sup>11</sup> GIORGIO, *op.cit.*

<sup>12</sup> CHARTIER, *Textos...* p. 173-191.

período estudado. Estas representações ou bens simbólicos, sofrem influências do agente discursivo que as produz, assim como elas dão sentido ao mundo concebido por ele<sup>13</sup>.

Como os agentes discursivos criam a partir de suas referências sociais e culturais, poderíamos pensar que o p.<sup>o</sup> Theodore recebeu grande influência de sua mãe na sua infância e de outras mulheres durante o seu processo de conversão ao cristianismo, sensibilizando-o para a importância da mulher na formação moral, sobretudo no exercício do papel materno. Após a conversão, Theodore acrescentou à sua representação da mãe virtuosa os preceitos morais do catolicismo, pois ao escrever o manual também deveria estar atento ao modelo feminino católico. Desta forma, para escrever o manual para a Arquiconfraria das Mães Christãs, Theodore se apoiou em suas experiências e nas diretrizes do catolicismo romanizado.

Ao representar o mundo o agente discursivo dá sentido à prática social. Sendo assim, ao expor uma representação matema no manual, Theodore estava conferindo um sentido e um padrão determinado à prática da mãe cristã. Não obstante a norma prescrita no material impresso, os bens simbólicos podem ser apropriados de forma diferente pelos leitores. Infelizmente, em nossa pesquisa não podemos averiguar esta margem criadora do público leitor, o que seria interessante num trabalho futuro.

O manual trazia representações de santas mães para servir de modelo às mães católicas, inclusive Nossa Senhora. Porém, é importante observar algumas especificidades na forma como Theodore expõe as qualidades de Nossa Senhora e de São José. Em primeiro lugar, ele criticava os livros que exageravam nas dores de Maria, pois a Mãe de Deus não teria usado de meios espalhafatosos para demonstrar o seu sofrimento, a sua dor era visível no silêncio<sup>14</sup>. Em segundo lugar, pe Theodore criticou outros autores pelo fato de alguns compararem São José a um operário. Para o padre, era inadmissível comparar São José a um simples operário, já que este santo descendia da Casa Real de Davi<sup>15</sup>. É

---

<sup>13</sup> CHARTIER, O Mundo...

<sup>14</sup> RATISBONNE, op.cit., p. 201.

<sup>15</sup> Ibid., p. 204.

importante lembrar que p.<sup>e</sup> Theodore fez estas colocações antes das encíclicas de LEÃO XIII sobre a questão operária e a família cristã, pois este pontífice admitia a comparação da Sagrada Família com as famílias simples, o que também acontece nas obras do p.<sup>e</sup> Júlio Maria DE LOMBAERDE que datam de um período posterior.

No primeiro capítulo p.<sup>e</sup> Theodore tratou da mulher no sentido geral, remetendo a duas representações femininas que eram recorrentes no discurso católico, a de Maria e a de Eva. Por meio destas duas representações o p.<sup>e</sup> Theodore pretendia mostrar que havia dois caminhos para as mulheres, como podemos perceber a seguir ...

*Desde a era da renovação, dous caminhos se acham abertos em frente da mulher: o caminho de Maria e o caminho de Eva. Entre estes dois caminhos não há meio termo: ou descer, a exemplo da mãe do peccado, a ladeira fatal da ignominia, ou seguir os passos da mulher immaculada, elevando-se com ella ao mais alto cimo da perfeição. A mulher, ou perpetua a vida de Eva, exercendo sobre os que a cercam uma influencia perniciosa, ou imita e propaga a vida de Maria pelo ascendente das virtudes.<sup>16</sup>*

Ao tratar da mulher de maneira geral, p.<sup>e</sup> Theodore lembrou às associadas que a mãe cristã, por ser mulher, estava sujeita aos perigos do pecado, porque era herdeira de Eva. A solução seria imitar as virtudes da Segunda Eva, ou seja, Maria. Segundo o padre, a Escritura Sagrada ensinou que o castigo da mulher no episódio da expulsão do Paraíso, foi mais duro do que o do homem, por isso a mulher era portadora de muitos sofrimentos, entretanto, Jesus reabilitou a mulher por intermédio de sua mãe. Neste sentido, a mulher cristã devia-lhe esta graça e por isso era seu dever retribuir com ações e devoções, sobretudo à Nossa Senhora.

Prossequindo, o padre comparou os grupos de mulheres que, em seu tempo, se reuniam em nome e a partir do exemplo de Nossa Senhora, com as mulheres evangélicas que viveram com Maria, esclarecendo que, apesar de essas mulheres exercerem funções secundárias e longe da vida pública, as suas ações eram necessárias e eficazes.

---

<sup>16</sup> Ibid... p. 10.

Ora, este núcleo de santas mulheres existe sempre na Igreja, Ellas conservam em deposito no seu coração, o exemplo de Maria, as sementes da piedade christã e rivalizam em magnanimidade com os martyres, em zelo com os apóstolos, em abnegação com os anachoretas e em caridade com os anjos. Sem duvida o seu ministerio não se exerce na vida publica; elle é obscuro e mysterioso, mas é também persistente e a sua acção penetrante acaba sempre por triumphar de todas as resistencias. A história attesta esta verdade: 'Há sempre uma mulher no fundo de todos os acontecimentos' – dizia José de Maistre.<sup>17</sup>

A partir dessas colocações percebermos a sua consciência do papel secundário da mulher na Igreja Católica; entretanto, também é evidente que este papel feminino era considerado importante para o triunfo do catolicismo. Para dar força aos seus argumentos, Theodore citou vários exemplos de mulheres santas que influenciaram de maneira decisiva na conversão de familiares, entre elas estava Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho. O padre não se esqueceu das mulheres religiosas e também citou exemplos da vida monástica feminina, como Santa Thereza e Santa Catarina.

Sobre o trabalho "obscuro" e importante das mulheres, Theodore consolou as associadas dizendo que as mulheres piedosas poderiam ser ignoradas na terra, porém Deus as conhecia muito bem e reservaria recompensas para elas. Deus deu a estas mulheres dons especiais como a necessidade de dedicação e a "intelligencia da caridade"<sup>18</sup>, qualidades que levavam à sujeição e ao altruísmo.

Nesse sentido, esperava-se da mãe cristã o mesmo, ou seja, dedicar-se ao marido e aos filhos, para poder influenciá-los em favor da Igreja Católica. Obviamente que este poder materno tinha que ser exercido nos limites do casamento monogâmico, indissolúvel e religioso, e a educação que a mãe cristã deveria dar ao seu filho estaria sob a supervisão do diretor espiritual, porque a "... mãe não é a proprietária senão apenas depositaria do seu filho ..."<sup>19</sup>

Todos esses cuidados a respeito da mãe cristã eram justificáveis por causa da propensão feminina ao pecado, como vimos anteriormente, principalmente numa época em as oportunidades para pecar pareciam ser, aos

---

<sup>17</sup> Ibid., p. 11.

<sup>18</sup> Ibid., p. 13.

<sup>19</sup> Ibid., p. 17.

olhos do clero, inúmeras. As mulheres estavam mais expostas aos vícios por causa do contato mais freqüente com o mundo externo da casa, no trabalho ou em atividades mundanas. Uma das preocupações do p.<sup>e</sup> Theodore era a hesitação da mãe cristã diante dos divertimentos oferecidos pela modernidade para os jovens, como os bailes, o teatro, a literatura. Sobre isto ele afirmou "... Ella (a mãe cristã) conhece os perigos de certos lugares públicos, de certas companhias e de certos divertimentos; receia ahi levar as suas filhas; e, todavia, não chega a uma salutar determinação!"<sup>20</sup>. A intenção do padre era mostrar à mãe cristã que ela não deveria se deixar influenciar pelas idéias modernas ou pela pressão da moda, que a medida "salutar" era zelar pela moral de seus filhos isolando-os destas influências perniciosas.

O padre condenava a educação feminina que formava a mulher para brilhar em eventos sociais, próprio da educação moderna que privilegiava o intelecto em detrimento da moral. Portanto, era importante que a mãe cristã zelasse pela educação dos filhos evitando as escolas leigas e que também prestasse atenção na educação doméstica de suas filhas. Theodore advertiu "... Conviria inicial-as gradualmente nos cuidados da economia interior. Como poderá ella dirigir um dia a sua casa, a sua familia e os seus creados, se ignora os diversos ramos e as particularidades multiplas de uma administração tão complicada? Bem digna da lástima é a mulher, e sobretudo o seu esposo e os seus filhos, quando o lar doméstico falta essa condição de ordem e de felicidade."<sup>21</sup>

Ainda na esfera doméstica, a mãe cristã deveria estar atenta à conduta de seus empregados. P.<sup>e</sup> Theodore aconselhava um tratamento semelhante dado aos familiares para os criados, como se estes fossem "membros da família", tratando-os com "paternal benevolência". Sendo assim, a senhora piedosa deveria estender o seu cuidado maternal aos serviços de sua casa.

... a solicitude de uma mãe seria incompleta se ella a concentrasse unicamente em seus filhos; é preciso passar além, extendendo mais longe a sua acção. Referimo-nos aos

---

<sup>20</sup> RATISBONNE, p. 151.

<sup>21</sup> RATISBONNE, p. 171-172.

deveres das senhoras com relação aos criados, deveres de que em geral se faz muito pouco caso, o que é prejudicialíssimo para a família e para a sociedade. Todo o mundo o diz e a experiência o atesta: são os bons senhores que fazem os bons servidores. Em outros tempos, quando os costumes eram verdadeiramente cristãos, consideravam-se os servos como membros da família e, nesta qualidade, eram eles admitidos á prece commum ...<sup>22</sup>

Nota-se pela citação que RATISBONNE escrevia para mulheres das classes altas, pois apenas elas poderiam ter acesso aos serviços de criados. Sendo assim, o grupo de mães que o padre pretendia atingir era bem definido. Outro aspecto que se percebe, é que a mãe cristã era o centro irradiador da moral dentro do lar, além de cuidar e vigiar os seus filhos e marido, deveria proteger moralmente a sua casa observando e guiando os passos dos criados. Os criados representavam o mundo externo no interior do lar cristão e poderiam ser responsáveis por sua devassidão, rompendo o isolamento protetor que envolvia a família para defendê-la da imoralidade do mundo moderno. De todos estes cuidados com relação à esfera doméstica era recomendado que a mãe os ensinasse à sua filha.

Dessa forma, o padre acreditava que desde jovem a mulher deveria receber uma educação condizente com o papel de esposa e de mãe, mas não bastava a mulher possuir o saber das atividades domésticas, era necessário também que ela tivesse o conhecimento de como se portar catolicamente. Segundo Theodore, em tempos de tentações a tarefa principal da alma era viver em condições para conseguir a salvação e, neste contexto, a missão da mãe cristã era cooperar para a salvação de seu esposo e de seus filhos. Sendo assim, as famílias e as gerações dependiam do “estado moral da mãe”. Por isso, uma mãe vaidosa, escandalosa pecadora e sedutora poderia tornar-se o “anjo das trevas, um instrumento de perdição e de morte” no lar<sup>23</sup>.

Se a mãe cristã não cuidasse para que sua alma ficasse isenta das interferências malélicas da modernidade, as doenças morais que afetavam a sociedade poderiam atingir seu esposo e seus filhos, por isso a mãe cristã deveria ser instruída de como curar as almas e manter-se afastada dos pecados para não

---

<sup>22</sup> Ibid., p. 173-174.

<sup>23</sup> Ibid., p. 31.

poluir a sua família. O procedimento que a mãe cristã deveria adotar para curar as almas era fazer a pessoa admitir que precisava ser curada e procurar ajuda para salvar-se por meio da oração voltada a Deus. Este procedimento ficaria mais fácil se o padre fosse consultado, já que ele era o médico das almas e, por meio de suas indicações, a alma suplicante poderia reatar as relações com Deus. O fiel deveria corrigir os seus costumes, avivar a sua piedade e fortificar as suas resoluções, porque na ótica ultramontana, o pecado degradava o homem, obscurecendo a inteligência e endurecendo o seu coração. Nos tempos modernos, os homens não sabiam mais implorar, fugindo de tudo que lembrava a Igreja, repelindo a palavra santa e as obras sérias, ficando irritado com a virtude.<sup>24</sup>

Portanto, a função da mãe cristã era estabelecer a ligação entre os ensinamentos do catolicismo e a figura do padre com a sua família, para assim a Igreja Católica triunfar na sociedade moderna. Para ilustrar este papel feminino, Theodore citou o exemplo de Santa Mônica, demonstrando que esta mulher não se destacou por ações excepcionais, mas sim corriqueiras, acessíveis a qualquer mulher cristã ...

*Monica não é propriamente uma d'essas almas excepcionaes cuja perfeição espanta a fraqueza humana e que por suas obras heroicas escapam á nossa imitação. Não nos apparece sob as formas de uma severa austeridade, nem a sua vida se assignala por milagres. A sua santidade se manifestou, porém, no circulo dos deveres de uma situação comum: Monica aperfeioou sua alma no meio d'essas difficuldades ordinarias em que se encontram a maior parte das mulheres christãs. Como esposa, qual foi a sua vida? O seu biographo confessa que ella tinha um marido insupportavel. Digamos tudo: este marido era pagão. Ai de nós! Que o paganismo ainda existe nos tempos modernos, pois não poucos christãos se tomam extranhos a Jesus Christo; adoram a fortuna e insensam idolos, reduzindo a essa miséria toda a sua religião! Quantos homens, aliás honrados e instruidos não conhecem mais o christianismo e andam arredios d'este! Elles tinham apprendido quiça, nos seus primeiros annos, os rudimentos da religião, mas depois fecharam para sempre o catecismo, imaginando já saberem tudo. Pronunciam-se então sobre esta vasta doutrina de que nada sabem, considerando-a indigna dos espiritos serios, muito abaixo dos progressos da sciencia e em desaccordo com as luzes do seculo...*<sup>25</sup>

Nesse trecho nota-se a preocupação do padre Theodore com o afastamento dos homens das fileiras da Igreja Católica e a crença de que a mãe

---

<sup>24</sup> Ibid., p. 29-30.

<sup>25</sup> Ibid., p. 209-210.

cristã poderia reaver esta parte do rebanho que andava arredia. Como vimos no primeiro capítulo, a Igreja Católica, no século XIX, percebeu o afastamento dos fiéis do sexo masculino e por isso criou várias ações para persuadir o público feminino considerado mais dócil às normas do ultramontanismo. A estratégia da Igreja Católica era, por intermédio da mulher, chegar ao marido e à família.

Na visão do catolicismo romanizado o homem era uma mistura de anjo e de animal, e durante a sua vida estes dois lados disputavam a posse de seu corpo e de sua alma. O lado animal atraía o homem para o mal, e o lado anjo para o bem. Neste contexto, a função da esposa e da mãe era impedir a vitória do lado mal e garantir o triunfo do bem em seu lar.<sup>26</sup>

Portanto, a obra da educação cristã era fazer que a moralidade triunfasse sobre os instintos materiais e deveria ser de maneira contínua durante toda a vida do homem. “O que a educação realiza no homem individual, deve a civilização operar nos povos e nas sociedades...”<sup>27</sup>. Um dos elementos que a educação cristã deveria prestar atenção era a frequência do indivíduo aos sacramentos, porque eles eram considerados fundamentais para a renovação do cristão. Como tivemos a oportunidade de analisar no primeiro capítulo, uma das estratégias do ultramontanismo para atrair os fiéis até a Igreja foi o estímulo da prática sacramental. No manual isto também é verificado. Em vários momentos do texto, Theodore mencionou a importância da devoção e dos sacramentos, alertando as fiéis para os perigos das demonstrações religiosas superficiais dos tempos modernos.

**Essa linguagem é muito mal compreendida por essa espécie de meio-christianismo que se introduziu nas sociedades modernas e que paralyza todo o impulso para o céu. D’ahi a fraqueza e o acobardamento de tantas almas que não vivem senão á superfície da Igreja. Estas não progredem nem se aperfeçoam; conservam-se, até o último dia, immoveis no seu ponto de partida. Ellas dormem o somno da incúria, e, no dizer da Escripura, se acharão de mãos vazias no grande dia em que acordarem.**<sup>28</sup>

Ter uma vida de católica praticante era necessário à mãe cristã, porque ela era o exemplo para seus filhos, ao frequentar a igreja, comungar, confessar,

---

<sup>26</sup> Ibid., p. 41.

<sup>27</sup> Ibid., p. 185.

<sup>28</sup> Ibid., p. 98.

ouvir e ler as palavras de Deus. Para Theodore, as falsas devoções esperavam aplausos, reconhecimento e se manifestavam em dias de festas e de cerimônias, com ornamentos e pompas. Por outro lado, a verdadeira devoção era humilde, discreta, sólida, amável, sobrenatural, vivia em harmonia com a vontade de Deus e não esperava o reconhecimento. Portanto, a senhora católica deveria evitar devoções superficiais, próprias da modernidade e procurar a direção espiritual de um padre.

Quanto à questão da escolha do diretor espiritual, Theodore expôs a necessidade de a mãe cristã encontrar um guia para orientar a sua devoção, porém advertiu às senhoras que viviam trocando de diretor espiritual, colocando em dúvida a seriedade destas fiéis, provavelmente porque a troca freqüente de *diretor espiritual* poderia colocar em risco a credibilidade dos sacerdotes. O objetivo almejado pela Igreja era de reforçar a autoridade sacerdotal em relação aos fiéis.

*Se estais generosamente determinados a realizar o que Deus vos propõe, encontraréis sobre o vosso caminho o facho, o fanal, o guia, o Ananias, que vos esclarecerá a consciência e vos dirá o que deveis fazer. Se, ao contrário, não encontrais, nem em vós mesmos, nem nos vossos guias espirituaes, a direção que vos falta, é porque vossa vontade é vacillante, e não procurais a vontade de Deus, senão quando ella concorda com a vossa, com os vossos pensamentos, projectos e interesses. Estais assim bem dispostos a fazer tudo o que Deus vos disser comtanto que Elle vos diga tudo o que quereis e que approve tudo o que desejardes. Eis ahi: segundo Fenelon, a razão por que poucas almas encontram directores. Não os encontram porque não usâm, ou melhor porque abusam d'elles. Correm de director em director, sob pretexto de procurarem um d'entre mil; mas no fundo, o que ellas receiam é a verdade, assim como os olhos doentes receiam a luz.<sup>29</sup>*

Poderíamos pensar, por esta passagem e sabendo que o texto se dirigia para senhoras pertencentes a uma associação leiga que estariam sobre a direção de um sacerdote, que o objetivo de Theodore era deixar clara a hierarquia existente entre o padre diretor e as associadas. Sendo assim, se alguma das associadas estivesse descontente com as diretrizes ordenadas pelo padre diretor deveria fazer um exame de consciência para descobrir suas verdadeiras

---

<sup>29</sup> Ibid., p. 49-50.

intenções, que não deveriam ser boas e não questionar a competência do sacerdote.

A hierarquia também estava presente em relação ao marido e aos familiares. Para Theodore, assim como os outros agentes discursivos da Igreja Católica, a autoridade na família pertencia ao marido. Se de alguma forma a esposa reclamasse do comportamento do marido, RATISBONNE era enfático no sentido de reafirmar a autoridade do esposo e a submissão da esposa, ordenando “Não digais pois: Elle me faz infeliz; elle não me comprehende; nossos gênios não se combinam. Nada disso justifica o afrouxamento das affeições christãs”<sup>30</sup>. Se por acaso o marido possuía defeitos, a mulher também os tinha, restando-lhe conformar-se com a situação. Deste modo, a ação da mãe cristã deveria respeitar esta hierarquia, é o que podemos notar na lista das obrigações da mulher casada do “Novo Manual das Mães Christãs”.

1. Amar o marido.
2. Respeital-o como seu chefe.
3. Obedecer-lhe com affectuosa promptidão.
4. Advertill-o com discrição e prudência.
5. Responder-lhe com toda mansidão.
6. Servil-o com desvelo.
7. Calar, quando o vir irritado.
8. Tolerar com paciência seus defeitos.
9. Não ter olhos, nem coração para outro.
10. Educar catholicamente os filhos.
11. Ser muito attenciosa e obediente para o sogro e sogra.
12. Benévola com os cunhados.
13. Prudente e mansa, paciente e carinhosa com toda a familia.<sup>31</sup>

Analisando a lista de deveres da mulher casada podemos perceber que qualidades como ser prudente, atenciosa, mansa, paciente e os verbos como servir, calar, tolerar, respeitar, obedecer, induziam à passividade e à submissão feminina. É interessante observar que em alguns momentos do texto, Theodore associou estas qualidades femininas a Jesus Cristo; até mesmo fez alusão à amamentação como neste trecho a seguir: “Como uma mãe que nutre seus filhos de seu proprio sangue transformado em bebida maternal, Jesus Christo abre seu coração para se derramar em seus discipulos! Elle os nutre da sua própria vida e

<sup>30</sup> Ibid., p. 82.

<sup>31</sup> Ibid., p. 394.

do succo do seu amor.”<sup>32</sup> Desta forma, poderíamos pensar que as qualidades femininas receberam um valor positivo, pois Cristo assumiu estas atribuições femininas da amamentação sem acarretar uma sujeição ou uma diminuição de sua pessoa, mas como produtor de vida.

Outra peculiaridade do texto de Theodore em relação aos papéis assumidos pelas personagens da Sagrada Família é a representação de São José. Para RATABONNE, São José era considerado também um intercessor perante Cristo, não apenas Maria. Segundo o padre “Elle intercede por nós junto ao solio de Deus, interessa-se pelo objecto das nossas solitudes, provê ás nossas necessidades espirituas e temporaes, vela pelos filhos de Deus, dispensando-lhes copiosas graças e a sua voz, como a de Maria, é sempre ouvida no céo.”<sup>33</sup>

Comparando-o com os livros analisados no segundo capítulo, o p.<sup>o</sup> Júlio Maria em nenhum momento sugeriu este papel de intercessor para São José, ao contrário ele deixou claro que este privilégio era apenas de Nossa Senhora por causa de sua maternidade divina. Para o p.<sup>o</sup> Júlio Maria, São José era apenas o protetor das famílias, como o foi da Sagrada Família em Nazareth. Poderíamos pensar que RATABONNE minimizou a importância de Nossa Senhora, ao conceder a São José os mesmos poderes que ela possuía perante Jesus Cristo.

Retomando a questão das qualidades atribuídas às mães cristãs, na maioria das vezes no texto de RATABONNE a mãe cristã era representada por adjetivos que denotavam a passividade, porém em alguns trechos ela era identificada com atributos que poderíamos considerar masculinos, como nas expressões “mulher forte” e “máscula firmeza”, ou em alguns casos santas mães que exerceram atividades masculinas como o governo de um Estado, como Branca, mãe de São Luiz, obviamente sempre atentas a defesa do catolicismo em seus reinos.

Nada é mais edificante do que o coração desta rainha que reuniu em si num maravilhoso accordo as qualidades de um homem de Estado e as mais ternas solitudes da mãe

---

<sup>32</sup> Ibid., p. 66.

<sup>33</sup> Ibid., p. 207.

christã. Prudente e bem avisada nos conselhos, paciente e circumspecta no governo do reino, prompta na acção e intrépida nas horas do perigo, ao mesmo tempo que destruía as machinações dos partidos, tanto por meios brandos como por grandes golpes de inflexível justiça. Ao seu gênio activo de governo alliava ella uma perfeita comprehensão dos deveres maternas; e, no lar da família, como sobre o throno, era christã antes de tudo...<sup>34</sup>

Em outros casos, a representação da mãe cristã apresentava características contraditórias como a amabilidade e a pureza, em contra-posição à coragem e à firmeza. A coragem e firmeza eram necessárias para a mãe cristã não esmorecer diante dos obstáculos de manter o seu lar moralmente puro. No entanto, estas qualidades não eram aplicadas no sentido de impelir o sujeito à acção, muito ao contrário, eram usadas para estimular uma “submissão perseverante”<sup>35</sup> da mãe cristã, evitando confrontações com os familiares, sobretudo o esposo.

Educada na escola de Jesus Christo, a mãe christã será mansa e amável se, despida de todo o resentimento e acrimônia, attrahir a si as effusões da verdadeira caridade. O mel e a absintho não se hão de misturar jamais no mesmo coração. Mais espinhos terrenos se arrancarão de uma alma; mais flores do céu ahi germinarão, graciosas e fragrantas. Todavia, a indispensável companheira da mansidão é a máscula firmeza. Estas duas virtudes evangélicas se chamam uma á outra, mutuamente se ajudam e estreitamente se abraçam. A firmeza é a terceira condição de uma boa norma de procedimento. (...) A firmeza christã se manifesta sobretudo ao tratar-se de Deus, da religião e da consciência. Nestes assumptos as concessões não são possíveis. (...) Sem dúvida a mãe piedosa não opporá aos ataques da impiedade discussões mordazes; nem pretenderá converter a multidão estúpida e os incrédulos satisfeitos consigo mesmos; mas quando lhe provocam a fé, ella deve encontrar em seu coração accents firmes e convencidos. Ella tolera os homens com as suas fraquezas, mas não supporta o vício, não transige com as falsas doutrinas e, longe de se deixar abalar pelo desalento dos que tombam, permanece de pé e estende-lhes a mão para os reerguer.<sup>36</sup>

Portanto, a coragem e a determinação femininas eram incentivadas quanto dizia respeito à defesa do catolicismo na sociedade e, mesmo assim, era prescrito à mãe cristã cautela. Era melhor a senhora piedosa reservar estas qualidades combativas para os lugares mais apropriados, de preferência a sua casa. Qual seria o poder atribuído a mulher cristã cumpridora de seu papel de “anjo velador” do lar, que atuava no silêncio e na resignação?

<sup>34</sup> Ibid., p. 230.

<sup>35</sup> Ibid., p. 72.

<sup>36</sup> Ibid., p. 144-145.

Em outro trecho do manual padre Theodore descreveu como seria o comportamento da mulher cristã no lar para tentar persuadir os seus familiares a aderirem ao catolicismo, concedendo à mulher um certo poder no círculo familiar.

Melhor se apresente do que se define esse tacto delicado, próprio das mães, que conhece á primeira vista, os pontos vulneráveis, os momentos em que convem agir ou abster-se, as circumstancias em que é preciso fallar ou guardar o silencio e que em seus engenhosos expedientes, acha de prompto o calor que aquece; o raio que illumina, o balsamo que allivia e o sorriso que consola. (...) É um dom que se desenvolve naturalmente, por si mesmo, e que parece inato no coração das mães que têm a intelligencia da sua missão e a consciência dos seus deveres. A sua sede é nas fibras intimas do coração; e a sua ação, quase imperceptível, se exerce bem mais pelo silencio do que pela palavra. O tacto vê tudo sem olhar; adivinha os pensamentos; responde sem interrogar e dispõe de artificios infinitos. Comtudo deve estar sempre associado á paciência e á prudência, porque a sua arte consiste em aguardar a occasião propicia e o seu triumpho resulta menos das combinações acertadas do que da felicidade de chegar a propósito e aproveitar o momento opportuno.<sup>37</sup>

É notável a representação silenciosa e zelosa da mãe cristã que discretamente observa seus familiares, sem inquietá-los com perguntas e pedidos, adivinhando os seus desejos e necessidades. Esta representação da mãe cristã possui dois aspectos a serem considerados; o primeiro é a abnegação exigida da mãe que deveria se calar e deixar de lado os seus desejos em favor de seu esposo e de seus filhos; o segundo é a crença de que a mãe possui o dom natural de adivinhar as necessidades de seus entes queridos, mesmo quando nem eles próprios têm consciência destas necessidades, proporcionando a ela um poder sobre os seus. Trata-se de um poder limitado e discreto, pois ao mesmo tempo que conferia uma influência sobre os seus familiares, esta aptidão inata de adivinhar os desejos dos outros levava à anulação feminina e a mulher que não agisse desta forma era vista como uma aberração da natureza.

A representação da *Mater Dolorosa* também é lembrada por Theodore, como já tivemos oportunidade de demonstrar no início desta análise. Para o padre, o sofrimento de Nossa Senhora foi sobrenatural e voluntário em nome da Redenção da humanidade. Neste sentido, o sofrimento de Maria foi em nome de outrém e ao mesmo tempo silencioso, pois durante o martírio de seu filho ela foi

---

<sup>37</sup> Ibid., p. 158-159.

objeto de inauditas aflições, “mas nenhuma queixa profere, mantém-se em pé (...) firme, calma, submissa e corajosa...”<sup>38</sup>

Diante das faltas dos seus entes queridos ou à separação repentina devido à morte de um filho ou do esposo, operava-se esta mesma resignação da mãe cristã. A representação da mãe sofredora em nome dos seus é evidente no trecho a seguir:

*A paciência é o gênio da mãe; ella associa a coragem á dôr e a magnanimidade aos sacrificios. Occasiões para exercel-as nunca faltam a uma mãe, visto que em torno d'esta se acham os intrumentos da paixão. Não há uma fibra em seu coração que não solte um gemido doloroso: ella sofre porque ama, e soffre desmedidamente porque muitas vezes ama sem medida. Ella que não se furte á cruz: se acceitar sem resitencia os seus rigores, ganhará preciosas bênçãos. As feridas abertas em seu coração maternal atráem os olhares da divina misericórdia e tomam-se fontes de graça para os filhos da dor.*<sup>39</sup>

Desta passagem podemos tecer algumas considerações. A primeira é a imediata associação das dores de Maria no momento da Paixão de Cristo com a dor da mãe cristã que estava sempre pronta ao sacrifício pelos seus filhos. A outra consideração é a estreita ligação dos sentimentos de amor e de dor, ou seja, o amor sacrificial muito difundido pelo catolicismo, sendo que as suas chagas eram valorizadas por Deus. A partir destes dois elementos de amor e sacrifício para com seus filhos, a mãe cristã deveria ser abnegada no seu sofrimento perante os olhos da Igreja Católica.

Essa abnegação e esse sofrimento conferiam à mãe cristã um determinado poder em relação ao homem, que estava baseado em sua superioridade moral.

*O homem excede á mulher pela sua força e pelo seu gênio, mas não poderia egualar-se a uma mãe nos prodígios d'aquellas duas virtudes. A mãe christã soffre, mas não perde a coragem; chora, mas não se latisma. Acaricia o filho das suas dores e o cobre de beijos, ainda quando elle é a causa do seu martyrio. Quem imagina que tudo lhe são prazeres na companhia dos filhos, não conhece a vida de sacrificios de uma mãe. As creanças realmente não se parecem em nada com os pequenos heróes de Berquin.*<sup>40</sup>

---

<sup>38</sup> Ibid., p. 200.

<sup>39</sup> Ibid., p. 46.

<sup>40</sup> Ibid., p. 99-100.

Nesse sentido, a mãe cristã tinha poder devido a sua superioridade moral em relação ao marido e ao seu papel de educadora moral dos filhos. Porém, este poder era exercido apenas somente para manter a moral do lar. Outras formas de poder feminino eram descorajadas, como observou o padre “Actualmente exalta-se a mulher, poetiza-se a sua missão, querem-se mulheres livres e artistas sabias e illustres: não se trata porém da mulher christã, esquecendo-se assim a condição principal que protege e salvaguarda a família.”<sup>41</sup>

Ao tratar da única necessidade do homem, Theodore lembrou que a tarefa principal da alma era viver em condições para conseguir a salvação e advertiu as mulheres que perdem tempo com outras atividades e negligenciam a salvação de sua alma, citando o exemplo de Martha.

**... Martha, Martha, com muitas cousas te incommódas, quando uma só te é necessária.** Esta admoestração de Jesus- Cristo é applicavel a grande número de mães christãs. Mesmo na esphera dos deveres publicos e das boas obras, há frequentemente mais agitação do que progresso, mais tribulações do que proveito. Cada dia nos devia aproximar mais do nosso fim sublime, e comtudo, quantas horas perdidas, quantos esforços inúteis, quantas obras estéreis e mortas!<sup>42</sup>

Portanto, a mulher deveria zelar por suas atividades religiosas e evitar o excesso de atividades que poderiam levar ao desvio feminino para as banalidades afastando-a do “verdadeiro fim” que era a salvação de sua alma. Mesmo quando as atividades eram de fundo caritativo havia uma série de recomendações. A caridade não se resumia ao ato de doar aos pobres esmolas; a esmola era apenas um componente. A virtude da caridade era composta por um leque de qualidades e de atitudes femininas, como a bondade, a compaixão, a paciência, a humildade, sem elas a esmola não teria valor.

O! Mães Christãs! É sobretudo nesta esphera da caridade que deveis manifestar os vossos dotes e é nesta sciencia da divina compaixão que precisais iniciar os vossos filhos. Conduzi vossas filhas a eses pobres tugúrios, fazei-les ver de perto os catres da dor. O espectáculo de tantas misérias ignoradas lhes fará conhecer melhor do que os livros as tristes realidades da vida. Vossas filhas aprenderão nesta escola a amar os pobres e a serem boas e compassivas. Ellas se exercitarão á vossa vista na pratica da abnegação, da dedicação e da caridade evangélica; semearão nas lagrimas e ceifarão na alegria, recolhendo com jubilo doirados feixes de bênçãos.<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> Ibid., p. 166.

<sup>42</sup> Ibid., p. 20.

<sup>43</sup> Ibid., p. 130.

Sendo assim, a caridade, uma das dimensões da moralidade católica deveria ser ensinada aos filhos, sobretudo às moças. Na prática da caridade, a moça aprenderia desde muito cedo servir os outros e esquecer de si mesma, como pretendia o modelo católico da mãe cristã.

Portanto, a participação feminina era esperada na educação moral dos filhos e na preservação do catolicismo no lar e, fora dos limites da casa, algumas atividades eram recomendadas. Entre elas, o atendimento aos pobres e aos doentes, o que nós denominamos maternidade espiritual da mulher cristã, porque os mesmos cuidados femininos que eram prescritos na educação dos filhos, também eram recomendados para o auxílio dos desvalidos. Ao tratar do exemplo da mãe de São Gregório de Nazianzo, Nonna, Theodore apontou a caridade como uma das principais qualidades desta santa mãe.

Ella era a providencia dos orphãos, dos desvalidos e dos afflictos; e tão largo e tão ardente era o seu desejo de os aliviar, de os contentar, de os saciar, que ella teria descido ás profundezas do oceano para d'ahi tirar o que fosse necessário a todos os que padeciam sede e fome. Muitas vezes lhe ouvia dizer que, sendo preciso, de bom grado se venderia para não negar nunca uma esmola aos pobres que lhe causavam compaixão.<sup>44</sup>

Outra santa mãe lembrada no manual como protetora dos pobres e doentes foi Aletha, mãe de São Bernardo.

Um outro contemporâneo faz ver o quanto a venerável matrona era solícita em acudir a toda a espécie de infortúnios. Aletha não se limitou a acolher os pobres com bondade; visitava-os em suas tristes choupanas, pois neste officio de caridade gostava de fazer tudo por si mesma e servia os enfermos nos hospitaes, distribuindo a uns e a outros remédios e vestidos e offerecendo a todos os perfumes das consolações evangélicas...<sup>45</sup>

Esse cuidado com os pobres e os doentes era uma das finalidades das associadas da Arquiconfraria das Mães Christãs, o que estendia a sua função maternal dos limites do lar para a sociedade. Ao cuidar dos pobres provendo alimentos e roupas e prestando assistência espiritual, a associada estava exercendo as suas funções maternas na sociedade, sendo uma oportunidade de

<sup>44</sup> Ibid., p. 218.

<sup>45</sup> Ibid., p. 225-226.

agir fora dos limites do lar, como veremos adiante ao analisar a ação das associadas da Arquiconfraria das Mães Christãs de Curitiba.

### 3.3 A ARQUICONFRARIA DAS MÃES CHRISTÃS: DA PIEDADE À MILITÂNCIA CATÓLICA, O CASO DE CURITIBA (1910-1944)

A Arquiconfraria das Mães Christãs de Curitiba<sup>46</sup> foi fundada no dia seis de novembro de 1910, nas dependências do Colégio das Irmãs da Nossa Senhora de Sion, sob a direção do padre Pereira de Oliveira. A iniciativa de fundar esta associação de piedade para as senhoras casadas em Curitiba partiu das religiosas de Sion que reuniram, para este fim, um grupo de mães de alunas do colégio. Como vimos anteriormente, a congregação religiosa das Irmãs de Nossa Senhora de Sion e a Arquiconfraria das Mães Christãs tiveram o mesmo fundador na França, o padre Theodore RATISBONNE.

O Colégio Nossa Senhora do Sion foi fundado em 1906 na cidade de Curitiba no mesmo período em que outras escolas católicas para moças também foram instaladas na capital, como as Zeladoras do Sagrado Coração de Jesus (1900) e as Irmãs da Divina Providência (1903)<sup>47</sup>. A instalação destas instituições católicas de ensino na capital fazia parte do processo civilizatório pelo qual passava a cidade nas primeiras décadas do século XX.

Esse processo evidentemente não se restringia a Curitiba, atingindo outras áreas urbanas brasileiras como nos aponta SVECENKO<sup>48</sup>, demonstrando que todos os esforços das elites brasileiras no início do século XX estavam voltados para civilizar o país. Neste sentido, a mulher de elite<sup>49</sup> deveria

---

<sup>46</sup> Como mencionamos na Introdução, optamos pela associação de Curitiba pelo fácil acesso às fontes.

<sup>47</sup> Outras congregações religiosas que chegaram a cidade de Curitiba foram: Santos Anjos (1895), Irmãs de São José (1896), as Filhas de Caridade de São Vicente de Paula (1904), Franciscanas da Sagrada Família (1906). In: TRINDADE, Etelvina. *Clotildes e Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. Curitiba: Farol do Saber, 1996. p. 26.

<sup>48</sup> SVECENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

<sup>49</sup> Como tivemos a oportunidade de demonstrar, o público alvo de Theodore RATISBONNE ao fundar a Arquiconfraria das Mães Christãs era a mulher das classes altas da sociedade.

desempenhar o papel de civilizadora do lar e, por extensão, da Pátria. Segundo NEEDELL<sup>50</sup>, para as senhoras da alta sociedade brasileira a civilização era sinônimo de uma formação católica e francesa, por isso, em meados do século XIX, foi transplantado para o Brasil o *College Sion* com a finalidade de formar as meninas das "boas famílias" aos moldes da civilização européia.<sup>51</sup>

Em verdade, a preocupação com a instrução das meninas decorria do fato da súbita necessidade de reuniões sociais para a realização de negócios comerciais e políticos. Neste sentido, as mudanças no padrão de vida da mulher foram superficiais, pois continuavam a se casar cedo, a terem muitos filhos, a serem vigiadas e viverem "em regime rigoroso de preconceitos à virgindade" e ao casamento.<sup>52</sup>

Ao analisar os modelos femininos em Curitiba na virada do século XIX para o XX, TRINDADE constata dois discursos sobre a mulher: o positivista e o católico. O discurso positivista exaltava a mulher como o "elemento propagador do ideário patriótico"<sup>53</sup>, enquanto o católico procurava refletir sobre as mudanças provocadas pela Modernidade, evocando a imagem da Virgem Maria.

Nesse sentido, na Curitiba do início do século XX encontramos dois projetos de sociedade que permearam as propostas de ensino para as moças da época: o ensino formal, que pretendia formá-las para cumprir o seu papel social de esposa e mãe, porém procurando fazê-lo com a possibilidade de uma certa liberdade de expressão das alunas; e o ensino em escolas religiosas, que também possuía como referência o papel social tradicional da mulher, mas acrescentando ao seu currículo e metodologia os preceitos e as práticas religiosas.

Segundo MARTINS, as alunas dos colégios católicos retornavam aos seus lares, se casavam e transmitiam os preceitos aprendidos nestas instituições

---

<sup>50</sup> NEEDELL, op. cit. p. 81.

<sup>51</sup> A fundação do primeiro Colégio de Sion ocorreu em outubro de 1888, a pedido da Condessa Eugenia Monteiro de Barros, na cidade do Rio de Janeiro. A *VIRGEM de Sion e sua obra*. Rio de Janeiro, 24 de mai. 1963. Mimeo. p. 24. Needell apontou que a Condessa Eugenia teria tentado primeiramente trazer ao Brasil a congregação Sacre Couer de Paris não obtendo resultado, apenas depois optou em convidar as irmãs de Sion para abrir uma escola para as meninas das famílias abastadas do Rio de Janeiro. p. 81.

<sup>52</sup> NEEDELL, op. cit. p. 83.

<sup>53</sup> TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. Revista de História: questões e debates, Curitiba, jun-dez, 1990. P. 27.

no seio familiar, ensinamentos que se adequavam aos ideais do movimento ultramontano, construindo um modelo de “vida consolidador da presença do catolicismo na sociedade”<sup>54</sup>.

A Igreja no Brasil se reafirmou como instituição com a proclamação da República, contudo a separação legal entre a Igreja e o Estado encontrou dificuldades de se impor, pois até então os fiéis estavam acostumados com uma certa autonomia. Neste sentido, sobreveio a “necessidade de um público dócil às novas normas”<sup>55</sup> e a Igreja concentrou os seus esforços e projetos com a finalidade de atingir as mulheres.

A feminização da Igreja no Brasil, durante a Primeira República, se deu como uma forma de diminuir ou anular o poder do laicado masculino e as mulheres se beneficiaram de duas iniciativas católicas: a educação e as associações femininas de piedade.

Em Curitiba essas duas práticas ultramontanas se fizeram sentir nas primeiras décadas do século XX, tanto pela proliferação de escolas católicas femininas quanto pela ação das associações leigas vinculadas às paróquias. Além da Arquiconfraria das Mães Christãs haviam associações ligadas à catedral de Curitiba, como o Apostolado da Oração e as Damas de Caridade que, como veremos adiante, realizavam atividades em conjunto com as associadas da Arquiconfraria.

Como vimos, a posição conservadora da Igreja Católica era uma reação às mudanças da sociedade moderna como os Estados liberais, as idéias socialistas, o afrouxamento dos costumes e a laicização do ensino e do casamento. Etelvina TRINDADE, ao analisar os vários papéis sociais assumidos pelas mulheres nesse período em Curitiba, observa que o espaço feminino era difuso, englobando uma gama diversa de atividades femininas que têm como palco uma sociedade em conflito, seja pelas oportunidades que as mudanças oferecem às mulheres, seja pelas restrições que sofrem por parte da Igreja<sup>56</sup>.

---

<sup>54</sup> MARTINS, op. cit., p.73.

<sup>55</sup> NUNES, op. cit., p. 491.

<sup>56</sup> TRINDADE, Etelvina. *Clotildes e Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. Curitiba: Farol do Saber, 1996.

Nas primeiras décadas do século XX a cidade de Curitiba se movimentava em direção às mudanças, com novas atividades econômicas como a indústria ervateira que gerava oportunidades de emprego e concedendo diferentes relações de trabalho, assim como as construções suntuosas dos palacetes dos barões da erva-mate criavam novos contornos na *urbs*. Invenções como o bonde, o cinema e a iluminação pública davam ares de modernidade à cidade. A vida ficou mais movimentada com as atividades sociais como o futebol e os bailes de carnaval. Esta modernização em Curitiba foi apontada por Etelvina TRINDADE através dos olhos de Nestor Víctor e outros viajantes...

... visitantes como Nestor Víctor identificam na cidade: ruas que se pavimentam; plano urbano que se torna compacto; edificações que se erguem, ostentando uma arquitetura inovadora. Indústrias, bancos e pontos comerciais que abrem suas portas; ampliação de espaços públicos: cafés, teatros, cinemas. Aprimoramento de serviços, higienização do centro urbano, planos para a criação de uma universidade.<sup>57</sup>

A historiografia paranaense recente<sup>58</sup> atesta as transformações por que passou a cidade de Curitiba nas primeiras décadas do século XX, criando entre a elite paranaense a noção de que estava caminhando em direção à civilização. A imprensa paranaense, com tons eufóricos, descrevia a cidade como um lugar em que se encontrava a democracia, a cultura mais elevada, virtudes, beleza, bem-estar, trabalho e vida social intensa.<sup>59</sup>

Renata T. Fagundes CUNHA, ao tratar da feminização da cultura em Curitiba no início do século XX, aponta a estreita ligação entre a idéia de civilizar a cidade com a exaltação das qualidades femininas no espaço urbano. As mulheres ganharam maior visibilidade na Curitiba do período, seja nas atividades relativas ao trabalho, seja nos novos costumes.

Partilhando dos espaços públicos trabalhando nas fábricas, no comércio, nas ruas como verdureiras e vendedoras ambulantes de 'variadas bugigangas', 'alugadas' em casas de

<sup>57</sup> TRINDADE, op. cit. p. 20.

<sup>58</sup> Nos referimos aos trabalhos de historiadores como: DE BONI, M. I.M. *O espetáculo visto do alto, vigilância e punição em Curitiba 1890-1920*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998. BRANDÃO, Ângela. *A Fábrica de Ilusão: o espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba, 1905-1913*. Curitiba: Fundação Cultural, 1994. CUNHA, Renata T. F. *A Feminização...*

<sup>59</sup> DE BONI, M. I. M. op.cit., p. 14.

família, nos escritórios como secretárias e 'assistentes', ministrando aulas e dirigindo escolas, na casa de saúde e assistência, telefonistas, costureiras, cabeleireiras, manicures, garçonetes, dançarinas, prostitutas, ou ainda como donas de 'quiosques' e 'bodegas', e até mesmo administrando os negócios da família, a visibilidade das mulheres não se resumia à sua simples presença na cidade. As crônicas e notícias da época enfocam a peculiaridade das atitudes femininas. Sendo criticados ou apoiados, os atos de 'coragem', 'rebeldia', 'solidariedade', 'luta pela igualdade', 'emancipação' e 'feminismo', são freqüentemente divulgados na imprensa denotando sua significância enquanto se erguia a 'sociedade moderna'.<sup>60</sup>

Como podemos perceber pelo trabalho Renata T. F. CUNHA, esta visibilidade feminina em Curitiba no início do século XX despertou comentários e atitudes de apoio e de reprovação. Alguns segmentos da imprensa consideravam esta circulação feminina uma demonstração da civilidade de Curitiba<sup>61</sup>, entretanto, outros setores conservadores, como o católico, reprovavam os novos costumes que liberalizavam o comportamento feminino.

Tantas mudanças em relação aos costumes influenciaram nas fronteiras que demarcavam os papéis sociais de gênero. Algumas mulheres passaram a realizar trabalhos e usar vestimentas consideradas masculinas, como as calças compridas. Por outro lado, alguns homens adotaram atitudes e comportamentos ao se vestir e se portar com padrões que até então eram considerados femininos, como era o caso dos "almofadinhas". Tais mudanças em relação aos papéis de gênero provocaram reações conservadoras que pretendiam detê-las.

Como vimos no primeiro capítulo, os movimentos femininos e a visibilidade da mulher no espaço público despertaram críticas do discurso médico, jurídico e religioso, reforçando o papel feminino de esposa e de mãe, guardiã da moral no lar. Renata T. F. CUNHA observa que, apesar de o discurso normativo tentar frear a emancipação feminina, "as inúmeras atitudes cotidianas escapavam às normas"<sup>62</sup>, rompendo com o modelo feminino do "anjo zelador" do lar. Como a coquete com as suas roupas atrevidas e transparentes, assim como o seu comportamento moral dúbio, totalmente o oposto da "mulher de família".

Nesse sentido, entendemos que nesta cidade em movimento que era Curitiba no início do século XX, o trabalho das associadas da Arquiconfraria das

---

<sup>60</sup> CUNHA, op.cit., p. 36.

<sup>61</sup> Ibid., p. 37.

<sup>62</sup> Ibid., p. 41.

Mães Christãs também significou um espaço de criação feminina, apesar do controle por parte da Igreja Católica. A pesquisa empreendida sobre a Arquiconfraria das Mães Christãs está pautada na suposição de que, além de espaço de controle feminino por parte do discurso eclesiástico, a arquiconfraria se constituiu também como um espaço que possibilitou às mulheres ações que extrapolavam o seu papel social de mãe e de esposa, criando uma rede de sociabilidade entre elas e outros grupos sociais. Portanto, não perdendo de vista esta duplicidade das associações leigas femininas, a nossa análise se divide em duas frentes: a do discurso do padre-diretor e a ação das associadas.

Como já foi mencionado anteriormente, a Arquiconfraria das Mães Cristãs de Curitiba (1910) foi fundada nas dependências da Capela do Colégio Nossa Senhora de Sion, sob a direção espiritual do padre Pereira de Oliveira. A associação foi idealizada por p.<sup>e</sup> RATISBONNE que escreveu o *Novo Manual das Mães Cristãs* e, o padre também foi responsável pela fundação da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora de Sion. Deste modo, não foi mera coincidência a fundação da Arquiconfraria nas dependências do Colégio de Sion em Curitiba, sendo que durante muito tempo as reuniões foram acompanhadas pela Madre Superiora D. D. Mére Marie Agathe.

Na reunião de fundação da Arquiconfraria o padre-diretor Pereira de Oliveira, ao dirigir-se para as seis primeiras associadas, expôs a finalidade da associação:

... o fim d'esta Archiconfraria que consiste em unimo-nos como Mães Christans para implorar o divino auxílio em favor de nossos filhos (...) fez-nos ver a enorme responsabilidade da Mãe e as contas que prestaremos um dia á Nosso Senhor, pois os *nossos filhos não nos pertencem, são preciosos thesouros por Elle confiados á nossa vigilância e por cuja sorte teremos que responder.*<sup>63</sup>

Percebe-se nessa ata inaugural da Arquiconfraria o objetivo principal da associação proposto pelo p.<sup>e</sup> Theodore em seu manual, de que a mãe, sustentáculo moral do lar, deveria por meio da expressão da piedade conseguir o

---

<sup>63</sup> Atas da Arquiconfraria das Mães Christãs de Curitiba, 1910-1918. p. 2.

apoio de Deus para proteger seus filhos das influências perniciosas do mundo moderno. Esta função materna, por arcar com tamanha responsabilidade, teve sua importância valorizada perante a Igreja Católica e isto era divulgado às fiéis associadas, como podemos verificar nas atas.

É interessante lembrar que esta valorização materna pelo discurso católico foi fruto da feminização da Igreja Católica em meados do século XIX, com a preocupação de recristianizar a sociedade, como abordamos no primeiro capítulo, sendo que a idealização da Arquiconfraria das Mães Christãs atendia a esta demanda da política ultramontana.

*Outro aspecto a que devemos ficar atentas, é que, no caso brasileiro, o catolicismo romanizado enfrentou resistência por parte das irmandades já existentes que não queriam se adequar às novas diretrizes. Uma das estratégias para vencer esta resistência foi a instalação de associações femininas de piedade porque o clero acreditava que o público feminino era mais dócil às novas normas e, com o passar do tempo, estas mulheres poderiam convencer seus maridos e filhos a se conformarem ao discurso normatizador.*

Sendo assim, acreditamos que a instalação da Arquiconfraria das Mães Christãs de Curitiba também atendeu a estas necessidades da Igreja Católica. Como pudemos observar, a cidade de Curitiba estava no início do século XX passando por várias transformações rumo à Modernidade, provocando receio das alas conservadoras da população, entre elas a católica. Uma das medidas adotadas pela Igreja Católica foi à instalação de associações leigas de piedade para senhoras na cidade.

As irmãs da Nossa Senhora de Sion tomaram a iniciativa de fundar a Arquiconfraria das Mães Christãs com as mães das alunas que freqüentavam o seu colégio, provavelmente para verem o seu trabalho missionário reforçado pelas mães em suas casas na instrução dos seus filhos e, ao mesmo tempo, garantir que as moças receberiam uma educação condizente com uma futura dona de casa e mãe. De qualquer forma, para termos uma idéia das dimensões que a valorização materna assumiu nos trabalhos das associadas da Arquiconfraria,

optamos em analisar o conteúdo dos sermões dos padres diretores e as atividades empreendidas pelas senhoras no período de 1910 a 1944.

Para analisar a Arquiconfraria nesse período dividimos a análise em três momentos, por acreditarmos que estes momentos possuem características distintas. No período de 1910 a 1924, as associadas realizavam atividades mais de cunho devocional; no período que compreende os anos de 1924 a 1942, as senhoras diversificaram as atividades e as suas ações na sociedade ficaram mais intensas; por fim, de 1942 a 1944, ocorreu um esvaziamento da arquiconfraria, fosse no número de associadas, fosse nas atividades apreendidas pelas senhoras.

As primeiras reuniões da Arquiconfraria foram realizadas na Capela de Nossa Senhora de Sion, às 8 horas, após a missa. As reuniões eram mensais e as datas obedeciam o santo determinado pelo manual naquele mês. Em geral, as práticas ou sermões do padre diretor também remetiam ao padroeiro do mês pela lista que se segue: Janeiro/reis magos, Fevereiro/ purificação de Maria, Março/ S. José, Abril/ Nossa Senhora das Dores, Maio/ Santa Mônica, Junho/ S. Luiz de Gonzaga, Julho/ Sant'Anna, Agosto/ Santo Agostinho, Setembro/ Compaixão da Santíssima Virgem, Outubro/ Anjos da Guarda, Novembro/ Mortos, Dezembro/ Imaculada Conceição.

O pequeno número de associadas (já contava com aproximadamente 30) permitia à secretária anotar o nome de todas as presentes, assim como o número de associadas que haviam comungado na missa. A reunião consistia na prática sobre o santo do mês, sempre enfatizando o papel da mãe cristã na educação de seus filhos. Eram recitadas intenções gerais e particulares daquela reunião e não faltavam pedidos para a paz mundial, para a melhoria da saúde de um ente querido ou a conversão de um familiar.

Os trabalhos realizados pela Arquiconfraria para atender aos desfavorecidos eram pouco mencionados, apenas na ata de fundação consta que as senhoras faziam *tricôt* para os pobres e nas demais atas apenas foi mencionada uma doação à Casa Católica e a ajuda aos enfermos de gripe numa ocasião, deduzindo-se que o dinheiro arrecadado provinha da mensalidade

cobrada de cada associada, da venda de manuais e fitas da Arquiconfraria. Outra atividade da associação era o retiro promovido todos os anos durante três dias, na parte da tarde, para as associadas, com a leitura do relatório anual da *Arquiconfraria*.

No período de outubro de 1919 a abril de 1920 a Arquiconfraria passou por um momento de instabilidade com o fechamento do Colégio de Sion<sup>64</sup>. De uma hora para outra as associadas ficaram sem o lugar para as suas reuniões e sem o amparo religioso das irmãs. Em abril de 1920 as reuniões começaram a ser realizadas no Centro das Associações Católicas na rua Barão do Serro Azul, nº 1, porém o fato de as associadas não terem se reunido durante cinco meses e terem perdido a referência das irmãs de Sion preocupava o novo padre diretor Fernando Taddei e as autoridades eclesiásticas locais.

Na primeira reunião realizada no Centro das Associações Católicas o padre diretor Fernando Taddei recordou às associadas que quando Jesus Cristo sofreu as dores de sua Paixão os homens o abandonaram, no entanto as mulheres evangélicas estiveram sempre presentes, o mesmo se esperava da associada naquele momento, ou seja, perseverar diante das dificuldades e lutar para manter a Arquiconfraria. Em outra reunião realizada no dia nove de maio de 1920 o bispo diocesano lembrou às associadas a responsabilidade de manter a Arquiconfraria: " .... Disse-nos também que como outras tantas archiconfrarias, sodalícios e associações importadas do estrangeiro a das Mães Christãs era planta vinda em muda da Europa e como aquellas conseguiam desenvolver-se, progredir, porque a das Mães Christãs hade morrer? Caso tal acontecesse seria até uma vergonha."<sup>65</sup> Por fim, recuperou a finalidade da arquiconfraria que era de recristianizar a sociedade por meio da teoria dos círculos concêntricos, qual seja,

---

<sup>64</sup> Nas atas das reuniões dos meses que antecedem o mês de novembro de 1919 é mencionada a grande perda para a sociedade curitibana devido o fechamento do colégio, porém o motivo não é exposto. O mesmo ocorreu ao consultar o jornal "A Gazeta do Povo", dos dias 5 e 6 de novembro de 1919. Lamentavelmente, não sabemos o motivo de fechamento do colégio, se é que realmente chegou a fechar, e quando se instalou novamente em Curitiba.

<sup>65</sup> Atas da Arquiconfraria das Mães Christãs de Curitiba, 1918-1924, s.p..

a idéia de que “ ... atraz das mães virão os filhos, atraz dos filhos os maridos, atraz dos maridos a sociedade e atraz da sociedade virá toda a humanidade”.<sup>66</sup>

Algumas das reuniões no ano de 1920 foram realizadas pelo bispo diocesano em conjunto com as Damas de Caridade, na ausência do diretor Fernando Taddei, criando vários equívocos em relação às normas da Arquiconfraria, como na reunião do dia 12 de dezembro em que o bispo instituiu as reuniões da Arquiconfraria no primeiro domingo de cada mês, demonstrando que ignorava o manual da arquiconfraria que previa já os dias da reunião segundo o padroeiro do mês. Equívoco que foi sanado pelo próprio bispo na reunião do dia 13 de fevereiro de 1921.

Por outro lado, a mudança para o Centro das Associações Católicas possibilitou uma maior interação das associadas com outras associações como a das Damas de Caridade e o Apostolado da Oração da Catedral, abrindo uma nova fase na história da Arquiconfraria, na qual as associadas se tomaram mais atuantes no sentido de tentar interferir em questões sociais<sup>67</sup>. Quanto ao trabalho caritativo, pouco é mencionado, aliás durante alguns meses o saldo da Arquiconfraria permaneceu credor, acreditamos que isto aconteceu por falta de contribuições de algumas associadas, devido ao clima de instabilidade por que passava a associação.

A primeira fase da Arquiconfraria das Mães Christãs, que corresponde a sua implantação em 1910 até 1924, demonstra uma associação que estava ainda se formando, com um número reduzido de associadas e com um raio limitado de ação na sociedade, fosse em termos de práticas caritativas, fosse em questões políticas. Neste período, a Arquiconfraria sofreu um grande abalo quando perdeu o seu centro de referência, que eram as irmãs do Sion. A segunda fase da Arquiconfraria coincidiu com o início dos trabalhos do p.<sup>e</sup> Luiz Gonzaga Miele em março de 1924, na direção da associação, imprimindo uma nova linha de ação às associadas, ressaltando que o apostolado deveria ser por dois meios: oração e ação. Até então, as associadas exerciam atividades mais ligadas ao primeiro

---

<sup>66</sup> Atas da Arquiconfraria das Mães Christãs de Curitiba, 1918-1924, s.p..

<sup>67</sup> Mandando telegramas para as autoridades com a finalidade de impedir a oficialização do jogo e pedir o ensino religioso nas escolas públicas.

meio, a partir de então o diretor cobrou das senhoras uma posição mais atuante na sociedade.

A cobrança do p.<sup>o</sup> Miele estava de acordo com as novas diretrizes da Igreja Católica do período. No pontificado de PIO XI (1922-1939) as dimensões que compunham o que era ser católico foram ampliadas, transformando o católico praticante em militante. Sendo assim, após o pontificado de PIO XI as fiéis filiadas às associações se tornaram militantes dos preceitos católicos. Porém, para evitar comparações entre esta participação feminina mais ativa com as correntes do feminismo, o pontífice propôs um comportamento dócil e harmonioso às fiéis, que deveriam cooperar e obedecer à autoridade eclesiástica.<sup>68</sup>

Isso é perceptível na Arquiconfraria das Mães Cristãs, na qual o padre diretor incentivava a participação das associadas nas questões que de alguma maneira poderiam comprometer o poder social da Igreja, como já mencionado no caso do ensino religioso, pedindo que mandassem telegramas às autoridades para defender as propostas da Igreja, assim como fazer parte de movimentos mais amplos como o estímulo à “Boa Imprensa” e a condenação da “Má Imprensa”.<sup>69</sup>

Por outro lado, o diretor da associação costumava deixar claro a diferença entre as mulheres que adotavam a devassidão dos modismos e a Mãe Cristã. Como educar os filhos apenas com palavras sem darmos o exemplo? Utilizando conceitos da psicologia e de argumentos bíblicos, o padre ressaltava a importância do exemplo na aprendizagem, pois a criança aprende mais vendo o comportamento dos pais, do que ouvindo suas palavras. Sendo assim, esperava-se da Mãe Cristã um comportamento impecável do ponto de vista da moralidade católica. Segundo p.<sup>o</sup> Miele se vivia num tempo em que “Quantas mães esquecidas dos seus deveres, so [sic] procuram o bem estar material dos filhos sem se preocupar da alma, do coração, do caráter, a única sólida garantia de escapar ao naufrágio fatal durante a travessia da vida”<sup>70</sup>.

---

<sup>68</sup> ARY, op. cit., p.101.

<sup>69</sup> Aliás, a luta pessoal do p.<sup>o</sup> Miele contra a “Má Imprensa” foi responsável por seu afastamento junto à Arquiconfraria e da cidade em 1931.

<sup>70</sup> Atas da Arquiconfraria das Mães Christãs de Curitiba, 1924-1932, p. 19.

Para p.<sup>o</sup> Miele ser mãe não consistia em apenas dar vida aos filhos, mas era uma grande responsabilidade. Em outra reunião lembrou esta responsabilidade às associadas dizendo:

... Ser mãe é concorrer com Deus na grandiosa obra da transfiguração das almas. Ser mãe é ser heroína do dever christão; é ser a formadora da virtude no tenros corações destes seres que são o fructo de suas entranhas (...) Si a sociedade hoje anda aos trambolhões, si o mal impera desemfreado, si os costumes se corrompem, uma parte da responsabilidade ... e não a menor ... cabe certamente as mães que não sabem ser mães.<sup>71</sup>

Essa dicotomia entre a Mãe Cristã e a Mãe que não sabia ser mãe presente no discurso do p.<sup>o</sup> Miele, estava associada à nova representação feminina difundida na década de 1920, a Mulher Moderna. Ao tratar da representação da Mulher Moderna, segundo os padrões americanos de consumo nos anos vinte, Nancy F. COTT<sup>72</sup> observa que os agentes da modernidade nesse momento criaram discursos que tentavam dar conta dos anseios de liberdade e de individualidade das mulheres. Esta idealização da Mulher Moderna gerava novas expectativas nas mulheres, como ter acesso à educação e cursar uma faculdade, exercer profissões. Com todas estas atividades extras, a Mulher Moderna poderia manter uma atividade paralela à família. Nos discursos de especialistas sobre a família e a sexualidade feminina, o casamento era cada vez mais era associado à procura de desejos individuais, inclusive os sexuais e a relação entre marido e esposa seria de simetria.

Nesse sentido, a positividade em relação ao papel social da mãe, que desde do século XIX cercava a mulher, recebeu uma nova conotação na década de 1920. No século XIX, a mulher era exaltada por seu papel de esposa e de mãe, sendo a mãe considerada o esteio moral da família. Esta visão oitocentista sobre a mulher e a maternidade escamoteava a sexualidade e o erotismo feminino. Por outro lado, a representação da Mulher Moderna compreendia que as mulheres tinham desejos sexuais que deveriam ser saciados, e que o casamento e a

---

<sup>71</sup> Atas de 1924 a 1932, p.32.

<sup>72</sup> COTT, Nancy F. A Mulher Moderna: o estilo americano dos anos vinte. In: THÉBAUD, Françoise. *História das mulheres: o século XX*. Porto: Afrontamentos, 1991.

maternidade não deveriam ser as únicas atividades responsáveis pela realização feminina.

Essa mudança de perspectiva com relação à mulher também é perceptível no discurso dos padres diretores da Arquiconfraria das Mães Christãs de Curitiba. Certamente, o novo enfoque dado às associadas não era exclusividade da Arquiconfraria. Como já mencionamos, nos anos 20 as encíclicas papais usavam um vocabulário militar. Nota-se esta militarização da linguagem também na fundação da Legião de Maria<sup>73</sup>, em 1921 na Irlanda. O seu fundador, Frank DUFF, entendia que a legião, como o nome explicitamente demonstra, era um exército que deveria se revestir com a armadura de Deus<sup>74</sup>. Podemos observar que DUFF se apropriou de palavras militares da época romana para expressar o que seria uma ação eficaz e adequada dos associados leigos. Poderíamos pensar que DUFF recorreu a um momento histórico em que, a seu ver, as fronteiras entre o masculino e o feminino estavam bem demarcadas, o que não era o caso da década de 1920.

De qualquer forma, apesar de ser uma associação feminina, no decorrer da narrativa do Manual Oficial da Legião de Maria, referia-se às associadas com palavras masculinas, como *legionário*, *soldado*, *leigos*. Segundo Zaíra ARY, a partir do papado de PIO XI (1922-1939) o discurso clerical sobre as associações leigas tentava ocultar a condição sexual dos leigos, impondo um modelo viril para os dois gêneros<sup>75</sup>.

Ao compararmos a Arquiconfraria das Mães Cristãs e a Legião de Maria, percebemos que o enfoque dado para estas associações era bem distinto. Na Arquiconfraria das Mães Christãs as qualidades e funções consideradas femininas são exaltadas nos sermões do padre diretor, nas padroeiras da associação e nas ações das associadas. Por outro lado, na Legião de Maria a linguagem e as ações esperadas das associadas reforçavam qualidades masculinas, até mesmo os padroeiros eram todos masculinos, a saber: São José, São João Evangelista, São

---

<sup>73</sup> A Legião de Maria foi fundada por Frank DUFF e um grupo de senhoras em Dublin, com a intenção de agrupar senhoras para realizar um trabalho similar ao dos vicentinos.

<sup>74</sup> MANUAL Oficial da Legião de Maria. Senatus, Belo Horizonte, 2000. P.20.

<sup>75</sup> ARY, op.cit., p. 94-97.

Luís Maria de Monfort, São Miguel Arcanjo, São Gabriel Arcanjo, São João Batista, São Pedro, São Paulo e as Milícias do Céu, a legião de Anjos de Maria.

Não obstante a exaltação das qualidades femininas que promovia, a Arquiconfraria das Mães Christãs de Curitiba também assumiu alguns traços dessa linguagem virilizada. Na década de 1920 a mãe cristã, além de saber de sua responsabilidade social na educação dos filhos, foi convocada a fazer parte das fileiras do catolicismo militante. Nas atas de 1925 percebemos esta transformação no enfoque dado aos trabalhos das associadas e na linguagem utilizada pelo padre diretor. Numa das atas que tratava do dia dos mortos, os parentes falecidos e as associadas eram comparados a soldados num campo de batalha. Vejamos o que diz a ata:

A Igreja parece descerrar um pouco o véu que nos encobre tantas maravilhas fazendo desfilar ante o nosso olhar extasiado, as imponentes phalanges dos que foram irmãos nossos, nossos parentes e que luctando desassombradamente contra tudo e contra todos que tentavam estorva-lhes a marcha, chegaram enfim a suspirada Victoria e ao almejado triumpho donde nos acenam, nos assistem e nos protegem para que a gloria que hoje os envolve venha também a ser nossa um dia. Para isso é mister querer energicamente, esforçando-se no cumprimento dos deveres que a cada qual nos incumbe segundo o estado que abraçamos.<sup>76</sup>

Nessa passagem os fiéis mortos são descritos como participantes de uma marcha militar desfilando em triunfo no céu conquistado após a incansável luta para manter o catolicismo vivo. Os fiéis são apresentados sem distinção de sexo, ou melhor, até mesmo as fiéis eram consideradas soldados. Ou seja, o discurso do padre diretor estava impondo um padrão viril às associadas, como sendo o comportamento mais eficiente esperado delas naquele momento.

No dia 20 de setembro de 1925 o p.<sup>o</sup> Miele comunicou o novo plano de ação da Arquiconfraria das Mães Cristãs, que não poderia mais se restringir a participações em missas e procissões, mas sim alçar feitos mais amplos e práticos. Um dos pontos do novo plano de ação era aumentar o número de associadas, para isso cada associada deveria trazer mais uma na próxima reunião. Realmente tal estratégia produziu efeito, pois em pouco tempo (três anos)

---

<sup>76</sup> Atas de 1924 a 1932, p. 24.

o número de associadas saltou de 45 para 300. Outro ponto era a luta contra a “Má Imprensa”.

Outra ação das associadas no que se referia à sociedade era a assistência aos desvalidos. No dia 02 de outubro de 1930 o diretor falou sobre a necessidade de a mãe cristã estender os seus cuidados maternos à sociedade, como podemos averiguar a seguir:

Mas o principal assunto da conferência neste dia foi a crise, não a crise material, e sim a crise moral, que assola todas as classes e todas as idades e condições. O nosso eminente director fez uma verdadeira exposição da crise moral que tudo devasta, mas fé-lo com palavras claras e cheias de belos conselhos e o modo por que devemos fazer em relação a nossos filhos, não só no seio da família, mas também no meio da sociedade em que vivemos.<sup>77</sup>

Os perigos da devassidão moral não escolhiam classe social, porém era entre os desfavorecidos que se encontrava o elo mais fraco, pois estes desamparados recebiam atenção de alguns “inimigos” da Igreja Católica, como os espíritas e os protestantes.<sup>78</sup> Urgia que algumas associações também prestassem esta assistência aos pobres, como os Vicentinos e as Damas de Caridade. A Arquiconfraria, desde seu início, tinha como uma de suas finalidades a prática caritativa, porém na década de 1920 esta prática se torna mais evidente em seus livros atas. Todos os anos as associadas arrecadavam alimentos e roupas para duas instituições, o Asilo São Luiz e o Leprosário São Roque.

Em muitas outras ocasiões as associadas tiveram que pedir ajuda à prefeitura para transportar as doações até as instituições, acreditamos que tal arrecadação de alimentos e roupas propiciava às associadas um contato maior com o mundo externo de sua casa, mesmo que o que fosse angariado proviesse de sua rede de parentes e de amigos, permitindo um trânsito maior para uma mulher casada de classe média e alta em sua época.

<sup>77</sup> Atas da Arquiconfraria das Mães Christãs de Curitiba, 1924-1932, p. 85.

<sup>78</sup> Certamente, a prática caritativa há muito tempo era um dos componentes da moral católica. Desde a Idade Média a Igreja Católica tinha o costume de assistir os pobres e os doentes. Portanto, a prática da caridade entre os fiéis católicos no início do século XX, não foi apenas uma necessidade de combater os seus inimigos. Um dos estudiosos que tratam da caridade católica para os pobres é GEREMECK, Bronislaw. *A Piedade e a Força: história da miséria e da caridade na Europa*. Lisboa: Terramar, 1986.

A piedade era uma das virtudes estimuladas pelo p.<sup>e</sup> Augusto Fonseca (diretor em 1939), pois era considerada o alimento para a vida espiritual<sup>79</sup>. Neste sentido, a piedade e o doar-se compunham uma das dimensões da moral católica. Esta doação de si não se resumia aos parentes e aos desvalidos, também estava presente nas relações entre as associadas. Quando uma das associadas adoecia, logo um grupo de senhoras era organizado para visitá-la e orações por sua saúde eram realizadas nas reuniões da arquiconfraria. Na ocasião do falecimento de uma associada, as outras compareciam no enterro, ou quando um familiar da associada falecia as associadas enviavam um cartão de pêsames. Estas ações das associadas entre si criavam uma rede de solidariedade e de sociabilidade que as acompanhavam até o seu leito de morte.

Além desse contato entre as associadas da Arquiconfraria, com o tempo isto foi ampliado às outras associações leigas, realizando festividades, procissões e arrecadação em conjunto, criando novos laços de amizade e de cooperação, incluindo várias faixas etárias como as Filhas de Maria e associações masculinas como é o caso dos Marianos. Uma das atividades que reuniu todas estas associações foi a construção da igreja Santa Teresinha em Alexandra. Para colocar em prática este empreendimento foram organizadas festas, saraus, visitas ao Passeio Público com entradas em seu benefício. Ao final foram vendidas passagens de trem para Paranaguá para que as associadas fossem conhecer a obra que ajudaram a erigir.

Outro trabalho em conjunto que é interessante ressaltar, era a festa promovida pelas Filhas de Maria, a Páscoa das empregadas. No início as moças apenas pediram às senhoras da Arquiconfraria para que dispensassem suas empregadas para participarem da festa, porém nos anos posteriores as senhoras começaram a contribuir com bolos e doces. Estavam colocando em prática os ensinamentos de RATISBONNE, pois os empregados domésticos também eram vistos como ponto-chave num lar moralmente puro, estando em contato direto com os filhos, seres indefesos. Este assunto era tratado em algumas práticas dos padres nas reuniões da Arquiconfraria.

---

<sup>79</sup> Atas da Arquiconfraria das Mães Christãs de Curitiba, 1939-1942, p. 10.

Acreditamos que às vezes as atividades das senhoras associadas entravam em conflito com a vontade dos esposos, como podemos perceber neste comentário de D. Attico “Estamos apenas num momento de confusão política nos lares, e vós senhoras Mães Christãs queiram perdoar, pois não pensou assim (sic), não quis entrar no ‘Santuário Sagrado do lar’ onde o chefe de família deve ser o chefe e a mãe deve ser rainha, isto não si concebe não si comenta”<sup>80</sup>. Não sabemos se esse comentário deveu-se ao fato de que neste ano havia sido proposto às senhoras associadas pernoitarem no Colégio Cajuru nos dias de retiro e aquelas que não pudessem teriam um ônibus disponível para levá-las para casa. De qualquer forma, não pudemos saber ao certo por que o padre diretor estava reafirmando a ordem e a hierarquia entre os gêneros. No entanto, esta passagem é um indicador de que apesar de incentivar a participação feminina em algumas atividades, a Igreja Católica não previa uma mudança em relação ao poder masculino e à submissão feminina.

Além disso, os modelos de comportamento feminino propostos nas reuniões sempre reforçavam a submissão feminina. No mês de fevereiro, na festa de Purificação de Maria, era lembrada às associadas a submissão de Maria ao se sujeitar ao costume de purificar-se, mesmo sabendo que não precisava se purificar por ser isenta de qualquer pecado. Neste sentido, a submissão e a obediência eram exaltadas como qualidades femininas que garantiam a superioridade moral da mulher em relação ao homem.

Enfim, teceremos alguns comentários sobre a terceira fase que corresponde ao período de 1942 a 1944. Nesse período as atividades caritativas diminuem, sendo apenas mencionado o dinheiro arrecadado para a formação de um seminarista, que já vinha recebendo este auxílio há algum tempo. A tônica da prática era de medo e de oração devido à Segunda Guerra Mundial. Sendo assim as mães são convocadas a levarem seus filhinhos para rezar pela Paz Mundial. Em outros momentos a guerra era lembrada pelo padre como a luta entre o bom e o mau soldado, ou seja, o soldado católico e o não católico. Outra forma de participação das senhoras com respeito à guerra foi o convite para fazerem parte

---

<sup>80</sup> Atas da Arquiconfraria das Mães Christãs de Curitiba, 1932-1938, p. 76.

do setor espiritual da Casa dos Soldados, levando medalhas e um padre para abençoá-las.

A partir da análise das atas da Arquiconfraria, acreditamos que o discurso normatizador do ultramontanismo desejava impor uma nova relação entre os fiéis e o clero, colocando o padre como parte indispensável nos rituais católicos, conferindo um maior peso à autoridade dos sacerdotes e pretendendo anular o poder dos leigos no interior da Igreja Católica. Porém, a Igreja Católica necessitava da ajuda do público leigo para conquistar o prestígio social.

Nesse contexto, uma das estratégias adotadas pela Igreja Católica foi abordar o público feminino considerado mais dócil para receber as novas disposições de Roma. Criaram-se novas associações e que valorizavam o papel social feminino de mãe, como é o caso da Arquiconfraria das Mães Cristãs, proporcionando às mulheres mais ação e a criação de uma rede de sociabilidade.

Retomando a questão que norteou a discussão de toda a pesquisa, que era o de perceber a construção de um discurso que valorizava o papel materno, verificamos ao analisar a Arquiconfraria das Mães Christãs, que a sua fundação foi idealizada para estimular a piedade e o papel de guardiã moral do lar entre as senhoras casadas. No decorrer de sua história e da instalação de suas congêneres em outros lugares, assim como da mudança de perspectiva do catolicismo ultramontano, esta associação foi ampliando seus objetivos. Neste sentido, na década de 1920 percebemos no discurso dos padres diretores uma nova qualidade que começou a ser estimulada na ação das associadas, a de militante católica. Ou seja, a partir deste momento se esperava da mãe cristã a proteção moral do lar, a vigilância sobre o esposo e os filhos e, também, a militância em favor do catolicismo na sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho foram mapeados os caminhos que levaram à valorização materna pelo discurso católico ultramontano como mais uma das estratégias de uma instituição conservadora na sua luta contra a modernização.

Em alguns momentos a investigação se tornou difícil devido à escassez da documentação referente à participação leiga na Igreja. O registro da memória desses grupos nos arquivos na igreja matriz de Manhumirim era quase inexistente, poucas atas em livros esquecidos, fotografias esparsas. O que predominava no acervo eram indícios e fontes das Congregações Religiosas fundadas pelo p.<sup>e</sup> Júlio Maria DE LOMBAERDE. Isto é compreensível, pois o grupo que guarda e classifica o material é oriundo da Congregação dos Sacramentinos de Nossa Senhora, por isso o interesse em manter a sua memória.

Os irmãos demonstraram alegria em saber que a participação leiga na igreja de Manhumirim era um dos interesses desta pesquisa, admitindo que este nunca foi o foco de suas atenções e que seria benéfico esta incursão por uma leiga. De qualquer forma, não foi a primeira vez, e com certeza também não será a última, que o registro da história foi motivada por interesses pessoais. Esta pesquisadora faz parte de uma família de imigrantes italianos, na qual os papéis de esposa e de mãe seguiam o modelo católico, em que as meninas desde muito cedo recebiam de seus pais algum manual da boa mãe ou livros sobre a vida de Nossa Senhora e de outras santas. Todo este material foi guardado até hoje por elas e chegaram até as minhas mãos, despertando ainda na infância a curiosidade pelo assunto.

Partindo da constatação de que o que instigou esta investigação foi um fato pessoal, tornou-se necessário um cuidado redobrado na análise do assunto. Ao estudarmos a valorização materna por meio das representações de Nossa Senhora e das santas mães cristãs, fica visível a influência que houve para a vida das mulheres cristãs de hoje, dentre as quais, a pesquisadora está incluída.

Nos livros do padre Júlio Maria DE LOMBAERDE, encontramos duas modalidades de representações que se referiam a Nossa Senhora. Nos livros doutrinários, Nossa Senhora apresenta qualidades tanto passíveis de serem

imitadas pelas fiéis quanto atributos excepcionais, em ambos os casos são qualidades positivas. Nos livros devocionais, a figura matema de Nossa Senhora se tomou mais acessível às fiéis, pois ali estava uma Maria “humana” que servia ao propósito de ser exemplar.

Algo semelhante ocorreu nas representações femininas do *Novo Manual das Mães Christãs* do p.<sup>e</sup> Theodore RATISBONNE. Enquanto Nossa Senhora aparecia como um ser superior aos outros mortais, permitindo parcial imitação das fiéis, as outras mães santas eram modelos acessíveis por serem mulheres comuns desempenhando com destreza e sabedoria o seu papel de esposa e de mãe.

De qualquer forma, tanto as representações referentes a Nossa Senhora quanto às das santas mães pretendiam reforçar o modelo da mãe e esposa, ressaltando qualidades como a mansidão, a obediência, a paciência e o silêncio que reforçavam a submissão feminina. Além disso, os papéis femininos eram considerados secundários, mesmo no caso de Nossa Senhora que era considerada co-redentora da humanidade, ou auxiliar de figuras masculinas como Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo.

O mesmo lugar secundário e nas margens era reservado às mulheres pela visão católica e os argumentos eram todos baseados no mito de Adão e Eva. Não obstante as mulheres ocuparem as margens no discurso ultramontano, a representação do anjo zelador do lar conferida à mãe católica, propiciava um certo reconhecimento e poder entre seus familiares. Além disso, algumas mulheres casadas procuravam outras formas para expressar a sua religiosidade, participando das associações leigas. Apesar da posição marginal das mulheres no interior do catolicismo, aquelas que participaram das associações leigas tiveram a oportunidade de assumir uma postura mais ativa e criar novas redes de sociabilidade.

Ao analisar as atas da Arquiconfraria das Mães Christãs nota-se o grande número de atividades caritativas e de reuniões que as associadas participavam, movimentando assim as suas vidas de donas-de-casa. As quatro paredes do lar

não eram o limite para estes “anjos zeladores” que estenderam seus cuidados maternos aos desvalidos.

Talvez a valorização materna divulgada pelo catolicismo ultramontano tenha propiciado às mulheres um certo poder no seio familiar, ao mesmo tempo que lhes permitiu trilhar outros caminhos além das paredes do lar cristão.

## FONTES

GREGÓRIO XVI, Papa. *Mirari Vos*: sobre os principais erros de seu tempo. 15 agos. 1832. Petrópolis: Vozes, 1947.

LEÃO XIII, Papa. *Arcanum Divinae Sapientiae*. Encíclica Sobre a Constituição cristã da família. 10 fev. 1880. Petrópolis: Vozes, 1958.

\_\_\_\_\_. *Graves de Communi*. Encíclica Sobre a Democracia Cristã. 18 jan. 1901. Petrópolis: Vozes, 1963.

\_\_\_\_\_. Carta aos Bispos do Brasil. IN: *Excertos*: sobre a imprensa. 2 jul. 1894. Petrópolis: Vozes, 1947.

\_\_\_\_\_. *Quod Apostolici Muneris*: sobre o socialismo e o comunismo. 28 dez. 1878. Petrópolis: Vozes, 1956.

\_\_\_\_\_. *Sapientiae Christianae*: sobre os principais deveres dos cidadãos. 10 jan. 1890. Petrópolis: Vozes, 1946.

LOMBAERDE, Pe. Júlio Maria De. *A Mulher Bemdita deante dos ataques protestantes ou respostas irrefutáveis às objeções protestantes contra o culto da Sma. Virgem Santíssima*. Manhumirim: O Lutador, 1936.

\_\_\_\_\_. *Maria e a Eucharistia*: estudo doutrinal de um título e de uma doutrina. (Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento). Manhumirim: O Lutador, 1937.

\_\_\_\_\_. *Deus e o homem*: noções de alta theologia popularizada, sobre Deus, o homem e as relações entre ambos. Rio de Janeiro: ABC, 1938.

\_\_\_\_\_. *Os ensinamentos de Nazareth ou mez pratico da Sagrada Família*: 31 leituras sobre a vida de Jesus, Maria e José em Nazareth. Manhumirim: O Lutador, 1941.

\_\_\_\_\_. *O segrêdo da verdadeira devoção para com a Santíssima Virgem, segundo o Beato de Montfort*. Manhumirim: O Lutador, 1943.

\_\_\_\_\_. *Por que amo Maria*: tratado substancial e completo dos principais motivos de devoção para com a Virgem Maria segundo os santos padres, os doutôres e os santos. São Paulo: Edições Paulinas, 1960.

\_\_\_\_\_. *Pequeno Manual das associadas do Sagrado Coração de Jesus*. Manhumirim: O Lutador, 1932.

LIVRO TOMBO DA IGREJA MATRIZ DE MANHUMIRIM, 1928-1940.

MANUAL Oficial da Legião de Maria. Senatus: Belo Horizonte, 2000.

PIO IX, Papa. *Bula Ineffabilis Dei*: sobre a Imaculada Conceição de Nossa Senhora. 8 dez. 1854. Petrópolis: Vozes, 1947.

PIO X, Papa. *Sobre o Cinquentenário da Proclamação do Dogma da Imaculada Conceição*. 2 fev. 1904. Petrópolis: Vozes, 1947.

\_\_\_\_\_. *Haerent animo*: Exortação ao Clero. 4.agos. 1908. Petrópolis: Vozes, 1959.

\_\_\_\_\_. *Sacra Tridentina Synodus*: sobre a Comunhão freqüente e cotidiana. 8 agos. 1910. Petrópolis: Vozes, 1953.

\_\_\_\_\_. *Acerbo Nimis*: sôbre o Ensino do Catecismo. 15 abr. 1905. Petrópolis: Vozes, 1961.

PIO XI, Papa. *Divini Illius Magistri*: sobre a educação cristã da juventude. 31 dez. 1929. Petrópolis: Vozes, 1950.

\_\_\_\_\_. *Casti Connubi*: sobre o Matrimônio Cristão. 31 dez. 1930. Petrópolis: Vozes, 1946.

\_\_\_\_\_. *Miserentissimus Redemptor*: sôbre o Sagrado Coração de Jesus. 8 mai. 1928. Petrópolis: Vozes, 1961.

PIO XII, Papa. *Sommamente gradito*: sobre a colaboração dos homens de Ação Católica no renascimento Espiritual da Sociedade. 20 set. 1942. Petrópolis: Vozes, 1955.

RATISBONNE, Theodore. *Novo Manual das Mães Christãs*. Petrópolis: Vozes, 1925.

## FOTOGRAFIAS

*Cruzada Eucarística*, s.d.. Manhumirim (Minas Gerais).

*Associação São Vicente de Paula*, 1934, Manhumirim (Minas Gerais).

*Concentração Mariana*, 1939, Manhumirim (Minas Gerais).

*União Pia das Filhas de Maria*, s.d., Dores de Indaiá (Minas Gerais).

## ENTREVISTAS

BOTELHO, Demerval Alves, p.<sup>o</sup>. Entrevista concedida em 12 abr. 2002.

DAS DORES, Ir.<sup>a</sup>. Entrevista concedida em 12 abr. 2002.

CELINA, ex-filha de Maria de Manhumirim. Entrevista concedida em 12 abr. 2002.

LIVROS ATAS DA ARQUICONFRARIA DAS MÃES CHRISTÃS DE CURITIBA

JORNAL "A GAZETA DO POVO", Curitiba, 5 e 6 nov. 1919.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Monique. Do anúncio do reino à Igreja: papéis, ministérios, poderes femininos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michele. *História das mulheres: Medieval*. Porto: Edições Afrontamentos, 1994.

ARIÉS, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada: da Revolução Francesa a Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v.4.

ARY, Zaira. *Masculino e feminino no Imaginário Católico: da Ação Católica à Teologia da Libertação*. São Paulo: Annablume, 2000.

AUBERT, R., et alii. *Nova História da Igreja: a Igreja na Sociedade Liberal e no Mundo Moderno*. Petrópolis: Vozes, 1976. v. 2.

AZZI, Riolando. *O catolicismo popular no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978.

\_\_\_\_\_. *A vida religiosa no Brasil: enfoques históricos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

\_\_\_\_\_. *A Igreja no Brasil: da apologética à Renovação Pastoral*. Belo Horizonte: Editora "O Lutador", 1991.

\_\_\_\_\_. *O altar unido ao trono: um projeto conservador*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

\_\_\_\_\_. Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil (1930-1964). In: MARCÍLIO, Maria Luiza (Org.). *Família, mulher, sexualidade e Igreja na História do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

\_\_\_\_\_. *O Estado Leigo e o Projeto Ultramontano*. São Paulo: Paulus, 1994.

\_\_\_\_\_. *A Neocrisandade: um projeto restaurador*. São Paulo, 1994.

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BECKER, Howard S. *Uma teoria da Ação Coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

*BÍBLIA SAGRADA*. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

BOSCHILIA, Roseli T. *Modelando Condutas: a educação católica em colégios religiosos (Curitiba 1925-1965)*. Curitiba, 2002, p. 238. Tese (Doutorado em História), Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. UFPR.

BOTELHO, P.<sup>o</sup> Demerval Alves, S.D.N. *História de Manhumirim: município e paróquia. (1808-1924)*. Belo Horizonte: O Lutador, 1987. v. 1.

\_\_\_\_\_. *História de Manhumirim: município e paróquia. (1924-1947)*. Belo Horizonte: O Lutador, 1989. v. 2.

\_\_\_\_\_. *História dos Missionários Sacramentinos*. Belo Horizonte: O lutador, 1994.

BRANDÃO, Ângela. *A fábrica de ilusão: o espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba, 1905-1913*. Curitiba: Fundação Cultural, 1994.

BRONW, Peter. *Corpo e Sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. *Educação e Realidade*, Porto Alegre. V. 20 n.2. p. 133-184, Jul-dez, 1995.

CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988. p.173-191.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, v.11, n. 5, USP, 1991. p. 173-191.

COYLE, Kathleen. *Maria na tradição cristã: a partir de uma perspectiva contemporânea*. São Paulo: Paulus, 1999.

CORREIA, Leôncio. A boêmia do meu tempo. In: *Ilustração Paranaense*, Curitiba, n. 6, 1928.

CUNHA, Renata T. F. *A Feminização da Cultura: Curitiba 1890-1930*. Mestrado. Campinas: Unicamp, 2001.

DALARUN, Jacques. Olhares dos clérigos. In: *História das mulheres: Antiguidade*. Porto: Edições Afrontamentos, 1994. v.1.

DAVIS, Natalie Zemon. *Nas margens: três mulheres religiosas na França do século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DE BONI, Maria I. M.. *O espetáculo visto do alto, vigilância e punição em Curitiba 1890-1920*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

DELUMEAU, Jean. Os agentes do Satã: a mulher. In: *História do Medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DIAS, Romualdo. *Imagens da Ordem: a doutrina católica sobre a autoridade no Brasil (1922-1933)*. São Paulo: UNESP, 1996.

D'INCAO, Maria Ângela (Org). *Amor e Família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.

FAVARO, Cleci Eulalia. *Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

FORTES, Luiz R. Salinas. *O Iluminismo e os reis filósofos*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GEREMECK, Bronislaw. *A Piedade e a Força: história da miséria e da caridade na Europa*. Lisboa: Terramar, 1986.

GIL, Benedito Miguel. *Os cursilhos e a reprodução do catolicismo europeu nas Américas*. Disponível em: [www.assis.unesp.br](http://www.assis.unesp.br). Acesso em: 12 jan. 2003.

GUARIZA, Nadia Maria. *Santo Agostinho e as virgens: um estudo das relações de gênero no cristianismo nascente*. Curitiba, 1995. Monografia (bacharelado em História), Setor de Ciências Letras e Artes, UFPr.

HOBBSAWM, Eric J. Introdução. In: *A Era do Capital (1848-1875)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. A nova mulher. In: *A Era dos Impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*. São Paulo: EDUSP, 1993.

LUCENA, Célia. Mobilidade social: histórias de famílias e variedades de gênero. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *(Re)introduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *Os bispos do Brasil e a imprensa*. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

MAYER, Amo J. *A Força da Tradição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MANOEL, Ivan. *Igreja e educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo*. São Paulo: UNESP, 1996.

MARCHI, Euclides. *A Igreja e a questão social: o discurso e a práxis do catolicismo no Brasil (1850-1915)*. São Paulo, 1989. Tese (Doutorado em História), USP.

\_\_\_\_\_. De santas a suspeitas e pecadoras. *Significação*. Curitiba: Annabluma: Fortaleza: Secult, 2000.

MARTINS, Patrícia C. de Melo. Colégio Nossa Senhora de Lourdes de Franca e o Ultramontanismo. *Estudos de História*, Franca, v. 4, n. 1, p. 65-75, 1997.

MIRANDA, Antonio. P.<sup>o</sup> *Júlio Maria, sua vida, sua missão: o homem, o sacerdote, o fundador*. Manhumirim: O Lutador, 1948.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras do Brasil. In: Del PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

PÈRE Marie-Théodore Ratisbonne: d'après as correspondance et les documents contemporains. Paris: Librairie C.H. POUSSIELGUE, 1905.

PERROT, Michele; FRAISSE, Geneviève. *História das mulheres: o século XIX*. Porto: Edições Afrontamentos, 1991.

RATISBONNA, Theodore. *Raios de Verdade*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1907.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO, Ivete. O amor dos cônjuges. In: D'INCAO, Maria Angela (Org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.

SALISBURY, Joyce E. *Pais da Igreja, virgens independentes*. São Paulo: Página Aberta Ltda, 1995.

SCHMITT, Jean-Claude. A História dos marginais. In: LE GOFF, Jacques (Org.). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, V.16, n. 2, p. 5-22. jul-dez, 1990.

SVECENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões e criação cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes e Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. Curitiba: Farol do Saber, 1996.

\_\_\_\_\_. Clotildes e Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República. In: *Revista de História: questões e debates*. Curitiba, v.11, n.20-21, p. 17-35, Jun-dez, 1990.

WARNER, Marina. *Alone all her Sex: the myth and cult the Virgin Mary*. New York: Vintage Books, 1983.

WERNET, Augustin. *A Igreja paulista no século XIX: a reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861)*. São Paulo: Ática, 1987.

## ANEXO-1 RELAÇÃO DO NÚMERO DE MEMBROS DAS ASSOCIAÇÕES LEIGAS DA IGREJA MATRIZ DE MANHUMIRIM

Tabelas dos números de associados das associações leigas ligadas à Igreja Matriz de Manhumirim. Informações retiradas do livro tomo.

Ano	Catecismo	Cruzada Eucarística
1928	82	215
1929-1930	100	200
1931-1932	132	-
1934	85	320
1936	112	412
1937	-	400 a 450
1938	-	500

Ano	Liga Jesus, Maria e José	Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus	União Pia das Filhas de Maria
1928	350	240	60
1929-1930	550	600	100
1931-1932	680	730	108
1934	450	530	102
1936	400	480	-

**ANEXO 2 – LISTA DE LIVROS DO P.<sup>e</sup> JÚLIO MARIA DE LOMBAERDE**  
(existentes nos arquivos dos Irmãos Sacramentinos – Manhumirim)

- Un apôtre de nous jours ou la vie et l'Esprit du Très R. P. Jean-Berthier.* Grave – Hollande, 1910.
- Um grito de alarme* (tradução portuguesa em manuscrito de *Un cri de détresse*), 1912.
- Mar journae avec Marie.* Paris: Presse Téqui, Librairie Éditeur, 1913.
- El dia com Maria.* Barcelona: Casa Editorial de Arte Moderno José Vilamaia, 1922.
- Meu dia com Maria.* Manhumirim: O Lutador, 1944.
- O segredo da verdadeira devoção.* Porto: A Intermediária, 1920.
- Les Principes théologiques de la vie d'intimité avec Marie.* Vaison-France: Société Bonne Presse Du Midi, 1922.
- Les enseignements de Nazareth.* Vaison-France: Société Bonne Presse Du Midi, 1926.
- Os ensinamentos de Nazareth.* Manhumirim: O Lutador, 1941.
- Contemplações evangélicas.* Petrópolis: Vozes, 1928.
- A contemplação sobrenatural.* Petrópolis: Vozes, 1928.
- O perigo dos colégios protestantes.* Manhumirim: O Lutador, 1929.
- Palhaçada protestante.* Manhumirim: O Lutador, 1929.
- O homem de sete cabeças.* Manhumirim: O Lutador, 1929.
- A mulher e a serpente.* Manhumirim: O Lutador, 1930.
- Pequeno manual das associadas do Sagrado Coração de Jesus* (de Manhumirim). Manhumirim: O Lutador, 1931.
- Objeções e erros protestantes.* Manhumirim: O Lutador, 1932.
- Respostas irrefutáveis às objeções protestantes..* Manhumirim: O Lutador, 1932.
- Mois de Marie des missions.* Vaucluse-France: Editions Bonne Presse du Midi, 1932.

- Pourquoi j'aime Marie?* Vaucluse- France: Editions Bonne Presse du Midi, 1933.
- Por que amo Maria?* Petrópolis: Vozes, 1933.
- Os segredos do espiritismo.* Petrópolis: Vozes, 1933.
- Polêmicas de doutrina de ciência e de bom senso.* Manhumirim: O Lutador, 1933.
- Ataques protestantes às verdades católicas.* Petrópolis: Vozes, 1934.
- Contemplações evangélicas: doutrinais e morais sobre a paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Os pródromos do calvário.* Petrópolis: Vozes, 1934.
- O Cristo, o Papa e a Igreja.* Manhumirim: O Lutador, 1935.
- O anjo da luz.* Petrópolis: Vozes, 1935.
- A Mulher Bemdita.* Manhumirim: O Lutador, 1936.
- O anjo das trevas.* Petrópolis: Vozes, 1936.
- Contemplações evangélicas II: a subida ao calvário.* Petrópolis: Vozes, 1936.
- O evangelho dominical.* Petrópolis: Vozes, 1936.
- Maria e a Eucaristia.* Manhumirim: O Lutador, 1937.
- Aventuras da vida de Lutero.* Manhumirim: O Lutador, 1937.
- Ataques protestantes às verdades católicas.* Petrópolis: Vozes, 1937.
- Balbúrdia protestante.* Manhumirim: O Lutador, 1938.
- O evangelho das festas litúrgicas.* Manhumirim: O Lutador, 1938.
- Deus e o Homem.* Rio de Janeiro: Editora ABC, 1938.
- Comentário eucarístico.* Manhumirim: O Lutador, 1939.
- Comentário moral.* Manhumirim: O Lutador, 1939.
- Comentário apologético.* Manhumirim: O Lutador, 1940.
- Método prático da hora santa.* Manhumirim: O Lutador, 1940.
- Comentário litúrgico ou comentário da vida litúrgica.* Manhumirim: O Lutador, 1941.

*O fim do mundo está próximo?* Rio de Janeiro: Boa Imprensa, 1942.

*Almas sacramentinas.* Manhumirim: O Lutador, 1943.

*Aventuras de Chiquinho dos Ares.* Manhumirim: O Lutador, 1943.

*A Papisa Joana.* Manhumirim: O Lutador, 1944.

*Luz nas trevas.* Petrópolis: Vozes, 1944.

*São Gabriel, Maomé e o Islamismo.* Manhumirim: O Lutador, 1954. (publicação póstuma)

*Comentário dogmático.* Manhumirim: O Lutador, 1958.

*Sexo e vínculo.* Manhumirim: O Lutador, 1962.

*Règlementn (notas espirituais)* . Belo Horizonte: O Lutador, 1978.